



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Catarina Leal Pedrosa

A inserção do Saxofone Tenor no 3^o ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Catarina Leal Pedrosa

A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Vítor Hugo Ferreira de Matos
e do
Doutor António Luís Oliveira Ribeiro

outubro de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho:



Atribuição-NãoComercial-Compartilhaigual
CC BY-NC-SA

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Agradecimentos

É com grande orgulho que termino o Mestrado em Ensino de Música com o sentimento de dever cumprido. Sem dúvida que sem o apoio e ajuda de algumas pessoas seria impossível fazê-lo.

Desta forma, gostaria de agradecer ao Professor Vitor Matos por toda a ajuda e incentivo ao longo deste ano...

Ao professor Luís Ribeiro, agradeço todos os ensinamentos, dedicação e ajuda ao longo destes cinco anos, foram sem dúvida uma mais-valia para mim...

À minha família, por tornarem tudo isto realidade, deixarem-me sonhar, viverem de forma tão intensiva quanto eu e por fazerem de mim uma pessoa feliz. Espero deixar-vos orgulhosos...

Ao Miguel, que tantas vezes me disse que os obstáculos existem para nos tornarmos mais fortes. Obrigada por estares sempre presente e por acreditares em mim...

Um agradecimento a todos os meus amigos. À Inês e à Helena agradeço por todos os momentos partilhados e toda a entajuda e companheirismo ao longo desde anos...

Por último, gostaria de agradecer a todos os professores que me acompanharam ao longo do meu percurso. Espero, um dia conseguir ajudar e inspirar os meus alunos como vocês fizeram comigo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Título | A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música

Resumo

Este projeto foi realizado no âmbito do estágio profissional, inserido no Mestrado em Ensino de Música, variante de instrumento, da Universidade do Minho. O tema deste relatório foi definido após a constatação que os alunos observados nas aulas de saxofone no contexto do estágio profissional, não tinham, até então, qualquer tipo de aprendizagem programada no que concerne ao saxofone tenor. No entanto, este instrumento era tocado pelos alunos na disciplina de classe de conjunto (orquestra). Outro ponto que também teve um grande impacto na escolha da temática foi o facto de a aprendizagem do saxofone ser focada essencialmente no saxofone alto, omitindo a prática e o conhecimento dos restantes instrumentos da família.

Para transmitir aos alunos informações sobre o saxofone tenor, a sua importância e peculiaridades, foi-lhes exibido, no início do plano de intervenção, uma apresentação sobre este instrumento. Realizou-se ainda, no decorrer do plano de intervenção, um “diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor” procurando desenvolver curiosidade e estímulo pelo mesmo e que, conseqüentemente, explorassem respostas para a melhoria da sua performance. Relativamente à investigação, procurou-se conhecer a história do saxofone, do seu criador e da sua família, dando destaque ao saxofone tenor, pretendeu-se abordar o seu reportório e as diversas saídas profissionais existentes, averiguar o estado do ensino do saxofone tenor nos diversos níveis de ensino especializado de música em Portugal, ao nível dos programas curriculares e dos recursos didáticos e ainda, analisar as vantagens e desvantagens da aprendizagem deste instrumento.

Desta forma, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, foram analisados programas curriculares da disciplina de saxofone em escolas de ensino especializado de música, realizaram-se dois inquéritos por questionário a professores e alunos sobre o ensino do saxofone tenor e a sua inclusão e foi também entrevistado um professor de saxofone.

A partir da recolha de dados, foi possível aferir a ausência da inserção do saxofone tenor nos programas curriculares das escolas de ensino especializado de música ao nível nacional. No que diz respeito aos resultados da análise de dados, estes permitiram constatar que os docentes de saxofone inquiridos acreditam ser vantajosa a aprendizagem do saxofone tenor no meio escolar e julgam que seria positivo incorporar a aprendizagem do mesmo nos programas curriculares da disciplina.

Palavras-chave: Ensino Especializado de Música, Saxofone, Saxofone Tenor.

Title | The insertion of the Tenor Saxophone in 3rd cycle and secondary education in schools of Specialized Artistic Teaching of Music

Abstract

This project was carried out within the scope of the professional internship, inserted in the Master of musical Education, instrument variant, of the Universidade do Minho. The theme of this report was determined after finding that the students observed in the saxophone lessons, within the professional internship, did not have, until then, any kind of learning programmed concerning the tenor saxophone. However, this instrument was played by the students during the subject of orchestra. Another point that had a lot of impact in the choice of this theme was the fact that the learning of the saxophone is mainly focused on the alto saxophone, omitting the practice and knowledge of the rest of the family instruments.

To transmit to the students, information about the tenor saxophone, its importance, and peculiarities, it was shown to them, in the begging of the intervention plan, a “motivational and interest diary when playing the tenor saxophone” seeking to develop curiosity and stimuli regarding the same and, consequently, for the students to explore answers for the improvement of their performance. Regarding the investigation, sought to know the history of the saxophone, its creator and family, highlighting the tenor saxophone, it was intended to address its repertoire e the several professional opportunities, find out the state of the saxophone teaching around the multiple levels of specialized teaching in music in Portugal, at the level of curricular programmes e didactical resources and yet, analyze the advantages and disadvantages while learning this instrument.

This way, a bibliographic review was carried out about the theme, the curricular programmes of the saxophone subject in specialized music teaching were analyzed, two inquires per questionnaire were made to teachers and students about the tenor saxophone teaching and its inclusion, and an interview was carried out to a saxophone teacher.

From the data collected, it was possible to check the absence of the tenor saxophone teaching within the curricular programmes of the music specialized teaching at a national level. Concerning the data analyze results, it was possible to verify that the inquired saxophone teachers believe to be advantageous the learning of the tenor saxophone in school and confirm that would be positive to incorporate the learning of the same in the curricular programme.

Key-Words: Saxophone, Specialized Music Education, Tenor Saxophone

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico.....	3
1.1 Origens e invenção do saxofone.....	3
1.2 A família dos saxofones.....	7
1.3 O saxofone tenor: características.....	9
1.3.1 <i>Organologia</i>	9
1.3.2 <i>Postura</i>	11
1.3.3 <i>Sonoridade</i>	12
1.3.4 <i>Digitação</i>	12
1.3.5 <i>Aspetos técnicos: embocadura</i>	13
1.4 Saxofone tenor C-melody.....	14
1.4.1 <i>A construção do C – Melody</i>	16
1.4.1.1 <i>Modelos fabricados por Adolphe Sax</i>	16
1.4.1.2 <i>Modelos fabricados por C. G. Conn</i>	20
1.4.1.3 <i>Modelos fabricados pela Selmer</i>	22
1.4.1.4 <i>Modelos fabricados por outras marcas</i>	23
1.5 Reportório para saxofone tenor.....	24
1.5.1 <i>Fantasia de Heitor Villa-Lobos</i>	25
1.5.2 <i>Grab It de Jacob TV</i>	26
1.5.3 <i>Bolero de Maurice Ravel</i>	26
1.5.4 <i>Suíte de Tenente Kijé de Sergei Prokofiev</i>	27
1.5.5 <i>Concerto para Stan Getz de Richard Rodney Bennet</i>	28
1.6 Integração do saxofone tenor no meio musical: saídas profissionais.....	29
1.7 Integração do saxofone tenor no âmbito do ensino artístico especializado de música.....	30
1.7.1 <i>Análise de programas curriculares da disciplina de Saxofone</i>	32
1.7.1.1 <i>Conservatórios Públicos</i>	32
1.7.1.2 <i>Conservatórios, academias e escolas profissionais do ensino particular e cooperativo</i>	32
2. Contexto de Intervenção.....	33
2.1 Caraterização do estabelecimento de ensino.....	33
2.2 Caraterização dos alunos e das disciplinas.....	34

2.3	Caraterização dos alunos	35
2.3.1	<i>Aluno B</i>	35
2.3.1	<i>Aluno D</i>	35
3.	Metodologia.....	36
3.1	Perguntas de investigação.....	36
3.2	Investigação- ação.....	36
3.3	Metodologia de intervenção.....	37
3.4	Metodologia de investigação.....	38
3.4.1	<i>Inquéritos por questionário</i>	38
3.4.2	<i>Recolha e análise de programas</i>	40
3.4.3	<i>Entrevistas</i>	40
3.4.4	<i>Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor</i>	40
4.	Instrumentos de recolha e análise de dados.....	42
4.1	Inquéritos por questionário “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”	42
4.1.1	<i>Professores</i>	42
4.1.2	<i>Alunos</i>	46
4.2	Entrevista ao Professor João Pedro Silva.....	48
4.3	Registo do “diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”	50
5.	Interpretação dos resultados	52
5.1	Inquéritos	52
5.1.1	Professores.....	52
5.1.2	Alunos	54
5.2	Entrevista.....	56
5.3	“Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”	57
6.	Conclusões e considerações finais	58
7.	Referências Bibliográficas	60
8.	Anexos.....	63
8.1	Inquéritos por questionário “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”	63
8.1.1	<i>Professores</i>	63
8.1.2	<i>Alunos</i>	74

8.2	Guião da entrevista	80
8.3	Transcrição da entrevista ao Professor João Pedro Silva	82
8.4	Registo do “Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”	91
8.4.1	<i>Aluno B</i>	91
8.4.2	<i>Aluno D</i>	104
8.5	Declarações.....	114

Índice de figuras

Figura 1	Esboços submetidos como parte da patente do saxofone 1846.	4
Figura 2	Extensão do registo nos instrumentos da família, do mais agudo para o mais grave.	9
Figura 3	Comparação acústica entre um tubo cilíndrico (clarinete) e cónico (saxofone).	10
Figura 4	As partes do saxofone tenor.	10
Figura 5	Digitação de todos os saxofones.	12
Figura 6	Relação intervalar entre o Saxofone Alto e o Saxofone Tenor.	13
Figura 7	Saxofone Tenor em Dó/ C - Melody.	14
Figura 8	“De 1 a 5 quão importante é, para si, tocar saxofone tenor?”	43
Figura 9	“De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?”	46
Figura 10	“Se não consta no programa curricular, inclui na mesma nas suas aulas?”	53
Figura 11	“De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?”	54
Figura 12	Em que contexto gostarias de tocar saxofone tenor?	55

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino de Música da Universidade do Minho, como resultado do Estágio Profissional e Prática de Ensino Supervisionada no Conservatório do Vale do Sousa ao longo do ano letivo 2021/2022. O Estágio Profissional incidiu nos grupos de recrutamento M18 – Saxofone e M32 – Música de Conjunto, tendo sido feita a componente investigativa apenas no primeiro grupo mencionado.

A temática do relatório incide na “inserção do saxofone tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas de Ensino Artístico Especializado de Música” e surgiu tendo como base dois focos de motivação. O primeiro reconhece-se a nível pessoal pelo meu percurso académico e experiência pessoal e o segundo enfoque verificou-se no decorrer da observação de estágio. Após uma leitura e análise de vários programas curriculares inseridos no âmbito do Ensino Artístico Especializado de Música em Portugal, foi possível constatar que há muito poucas referências à prática de um outro instrumento da família do saxofone, que não o saxofone alto e, a maioria é feita no contexto de música de câmara/música de conjunto. Nos dias de hoje já há reportório que exige que os saxofonistas tenham uma certa proximidade com todos os instrumentos desta família, principalmente os quatro instrumentos que mais se destacam, sendo eles o saxofone soprano, alto, tenor e barítono. Deste modo, procurou-se averiguar qual o estado do ensino deste instrumento no nosso país e quais as vantagens e desvantagens que a aprendizagem deste instrumento pode ter na formação dos alunos de saxofone.

O relatório está organizado em seis capítulos principais. No primeiro capítulo, foi realizada uma revisão da literatura sobre vários conteúdos relacionados com a temática. Desta forma, o leitor ficará a conhecer mais sobre a história do saxofone, nomeadamente do saxofone tenor, do seu criador e da sua família, irá saber mais sobre o reportório existente para este instrumento e as saídas profissionais que o saxofone tenor tem.

Seguidamente, no capítulo dois é realizada uma caracterização do contexto de estágio, nomeadamente, do conservatório onde este se realizou, seguido de uma caracterização dos alunos e das disciplinas observadas e concluindo com uma breve apresentação dos discentes envolvidos na intervenção do estágio profissional. Neste capítulo e no seguinte, de forma a garantir a privacidade dos alunos, os seus nomes foram ocultados e foram utilizadas as designações de Aluno A, aluno, B e por aí em diante.

No capítulo seguinte, foi abordada a metodologia utilizada para este relatório, a investigação – ação, seguida da metodologia de investigação e de intervenção, onde são apresentados os objetivos definidos previamente e as estratégias de investigações estabelecidas.

Após serem apresentadas as metodologias utilizadas, o leitor encontrará os instrumentos de análise e recolha de dados no quarto capítulo, nomeadamente, os inquéritos por questionários realizado a professores no ativo nas escolas do ensino artístico especializado e aluno de saxofone, a entrevista realizada a um professor de saxofone de grande renome a nível nacional e internacional, com grande destaque na prática do saxofone tenor, e ainda, o registo do “diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”.

No capítulo cinco, o leitor encontrará a interpretação de resultados dos dados obtidos através dos instrumentos de análise e recolha de dados.

Por fim, no capítulo final serão apresentadas as conclusões da pesquisa e considerações finais sobre o tema abordado.

1. Enquadramento teórico

1.1 Origens e invenção do saxofone

Antoine Sax, mais conhecido como Adolphe, primeiro filho de Charles e Maria Sax, nasceu a 6 de novembro de 1814 em Dinant, na Bélgica e foi o grande criador do saxofone (Liley, 1998, p.1). Em 1828, inscreveu-se na Escola Real de Música, antecessora do Conservatório Real de Bruxelas criado apenas em 1832, tendo estudado flauta, solfejo e harmonia. Adicionalmente, teve ainda aulas particulares de clarinete com o professor Valentin Bender, maestro da banda de música do regimento de Guides, em Bruxelas. Consta-se que Adolphe poderia ter-se tornado um grande e virtuoso clarinetista, caso tivesse prosseguido os estudos (Cottrell, 2012, p.12).

No entanto, o ambiente e a vocação familiar despertaram outros interesses na vida de Sax e levaram-no ao aperfeiçoamento e construção de instrumentos musicais. A sua familiaridade com o clarinete era notória, pelo que, não nos surpreende que tenha sido o primeiro instrumento que quis investigar. O conhecimento aprofundado que possuía do clarinete comprovou ser uma grande vantagem e possibilitou a correção dos defeitos e imperfeições que o mesmo pudesse ter. Concedeu muita da sua atenção ao estudo pormenorizado do clarinete baixo que, na época, era um instrumento que revelava ter bastantes problemas de afinação e sonoridade. Em 1838, foi criada uma patente para o seu clarinete baixo, a primeira patente com o seu nome, que lhe deu muito sucesso e uma grande reputação enquanto designer e criador de instrumentos. Adolphe, através da “lei das proporções¹” melhorou, aprimorou, ampliou e completou quase todas as famílias de instrumentos de sopro, dos metais e das madeiras. (Chautemps et al., 2001, p.13).

Sax teve ainda a perspicácia e o interesse em desenvolver um novo instrumento que, através da sua sonoridade, conseguisse misturar-se facilmente com instrumentos de corda e que, ao mesmo tempo, possuísse uma força e intensidade maior que estes instrumentos. Assim surge o saxofone, um instrumento que consegue alterar e adaptar a sua sonoridade elegantemente, de maneira a apresentá-los com as qualidades que foram mencionadas anteriormente, mantendo uma homogeneidade admirável (Chautemps et al., 2001, p. 18).

A palavra ‘Saxofone’ deriva da palavra SAX- nome do seu criador Adolphe Sax- e da palavra grega ‘phone’ que, segundo o dicionário de inglês de Oxford, refere-se em particular aos sons vocais.

¹ “Lei das proporções”: nome dado ao timbre de um instrumento definido, não pelo material utilizado, mas sim pelas dimensões fornecidas à coluna de ar que se cria no interior do instrumento (Chautemps et al., 2001, p. 18).

Desta forma, o saxofone é muitas vezes descrito como um instrumento de ‘canto’, o mais flexível e expressivo de todos os instrumentos musicais superado, apenas, pela voz humana. Este instrumento é muito semelhante à voz no seu potencial em mover as pessoas, tanto emocionalmente, como intrinsecamente (Liley, 1998, p.1). Também o crítico Blanchard, em 1843, demonstrou a sua opinião declarando que, com exceção dos fagotes,

(...) não há nenhum instrumento que se misture de forma agradável com os instrumentos de corda, e esses são incomodativos no exterior quando as vozes estridentes dos instrumentos da família dos metais ressoam. O saxofone resolve estes inconvenientes: com mais intensidade na sua sonoridade, não poderia fundir melhor com os instrumentos de corda; consegue modificar a sua sonoridade melhor do que qualquer outro instrumento (Cottrell, 2012, p.12).

(...) o saxofone é suscetível de modificar a sua sonoridade com a finalidade de poder dar as qualidades que necessitam ou de poder conservar uma igualdade perfeita em toda a sua extensão. Fabriquei-o – acrescentou o inventor – em cobre e com formato de cone parabólico. O saxofone tem para a embocadura uma boquilha com palheta simples. A digitação é como a flauta e o clarinete. (Chautemps et al., 2001, p. 18).

A primeira patente da família dos saxofones foi registada a 21 de março de 1846. Esta fornece dois esboços, apenas, com um trabalho bastante detalhado. Um dos esboços apresenta uma enorme semelhança com os saxofones dos dias de hoje, enquanto o outro se assemelha a um ophicleide².

Figura 1

Esboços submetidos como parte da patente do saxofone 1846.



² Ophicleide: é um tipo de cornetim com chave, um furo cónico e uma campânula moderadamente alargada. Patentado em 1821 pelo fabricante francês Halary, o nome ophicleide referia-se apenas à versão de um baixo de uma família de instrumentos, embora com o tempo tenha vindo a ser utilizado por todos os seus membros. O diâmetro do instrumento era grande, relativamente ao seu comprimento, como é típico dos membros do grupo da corneta. Embora tocado com um bocal, como todos os instrumentos de metal, o comprimento efetivo do tubo foi alterado para chaves e não para válvulas. O instrumento foi destacado pela sua afinação pouco fiável (Cottrell, 2012, p.39).

Nota: De “A invenção do saxofone pelo genial Adolphe Sax”, Selmer, 2019, *Henri Selmer Paris*, (<https://www.selmer.fr/fr/beyond-the-sound/categorie/artistes/invention-du-saxophone-par-adolphe-sax>). Copyright 2022 pelo Henri Selmer Paris.

Sax adotou como formato definitivo para a sua criação o esboço nº1, em forma de S, para se distanciar do seu antecessor ophicleide e, desta forma, desmentir as afirmações feitas pelos outros fabricantes opositores, de que o saxofone não teria sido uma invenção sua. Ambos os instrumentos mais detalhados na patente apresentam chaves numeradas que correspondem à dedilhação fornecida também por Adolphe Sax. O inventor usufruiu de dedilhações que já eram utilizadas em outros instrumentos da época e aplicou o sistema de Boehm³, desenvolvido em 1832 numa flauta. Adolphe, ansioso por aprender algo sobre os princípios acústicos subjacentes ao design dos instrumentos, explorou as posições dos furos onde se colocam os dedos e como é que poderiam ser calculadas de maneira mais científica prevendo de forma antecipada onde é que os furos deveriam estar, em vez de acreditar na tentativa erro ou formato da mão. Assim, baseou-se nos tamanhos dos furos e nos princípios acústicos, optando por colocar nesta invenção furos maiores e chaminés nos sítios corretos, sendo estas últimas fechadas por chaves tapadas, tal como fez no seu modelo do clarinete baixo. Do seu primeiro protótipo retirou também o formato da campânula (Cottrell, 2012, pp. 13, 48, 59,60). Este estudo científico foi desenvolvido apenas por Sax, não tendo procurado qualquer tipo de ajuda.

Os elogios à beleza da sonoridade deste instrumento eram unânimes em Paris. Kastner, no seu *Traité général d'instrumentation* em 1844, realçou a

nobreza e beleza do seu timbre ... nunca é demais dizer que o saxofone é chamado ao mais alto destino pela beleza do seu timbre e essa opinião é comum a vários músicos notáveis, entre eles Meyerbeer e Halévy, que o ouviram ao mesmo tempo que eu. ⁴.

Neste século foram vários os compositores deslumbrados pelo som deste instrumento. O jornal *L'illustration* de 1848 reportou que Rossini, após ouvir o saxofone pela primeira vez, reiterou: “este é o tipo de som mais bonito que eu já ouvi!” (Liley, 1998, p. 16). O compositor alemão Giacomo Meyerbeer vai ainda mais longe afirmando que este “é o ideal de som belo”. Também Berlioz

³ Theobald Boehm (1794 – 1881) flautista, compositor e inventor alemão, começou a construir flautas em metal com formato cilíndrico (anteriormente o tubo da flauta era cónico), com orifícios maiores e um sistema mecânico de chaves mais eficiente, para que permitisse maior projeção sonora e um timbre mais rico (Araújo, 1999).

⁴ ‘the nobility and beauty of its timbre. . . . I cannot say enough times, the saxophone is called to the highest destiny by the beauty of its timbre and that opinion is common with several notable musicians, among others Meyerbeer and Halévy, who have heard it the same time as myself’.

presentou Adolphe com o elogio mais extenso e influente no *Journal des débats*, onde era crítico, dizendo que a sonoridade do seu instrumento

(...) é de uma natureza que desconheço que um instrumento grave seja capaz de fazer e com o qual possa comparar. É cheio, agradável, vibrante, extremamente potente e capaz de ser suave. É muito superior, a meu ver, às notas graves do ophicleide, pela precisão e consistência do som, cujo carácter é de qualquer forma totalmente novo e não se assemelha a nenhum dos timbres que se ouve atualmente na orquestra, com exceção dos Mi's e Fá's graves do clarinete baixo⁵.

Há inúmeras teorias relacionadas com a origem da ideia base e criação do saxofone, muitas delas bastante complexas e confusas. Outros fabricantes opositores tentaram até mostrar que o saxofone não era um instrumento original e que não era digno de ser protegido por uma patente. Porém, após incalculáveis acusações de plágio que Adolphe Sax recebeu, o seu filho Adolphe Edouard afirmou, em 1925, que o trabalho do seu pai era refletido e ostensivo e não um roubo de criação (Liley, 1998, p. 12). De igual modo, Cokken, professor de Saxofone na Gymnase de Musique Militar emitiu uma declaração onde elogia bastante o instrumento e o seu criador, dizendo:

Tendo tomado conhecimento que alguns negaram a existência do saxofone, venho assegurar-vos que este instrumento existe realmente, que eu próprio o toco e que o ensino na Gymnase de Musique Militaire. Aproveito esta oportunidade para acrescentar que o saxofone é um instrumento tão belo quanto bom, de grande poder, com um timbre magnífico, e finalmente o mais fácil de aprender. Não duvido que possam ser obtidos excelentes resultados a partir dele em bandas militares e orquestras sinfónicas. (Cottrell, 2012, p.24).

A ideia base da construção do saxofone nunca foi alterada, apesar de existirem 3 patentes registadas por Adolphe Sax (1846, 1866 e 1880). No entanto, este apresentou algumas melhorias no instrumento e por esse mesmo motivo existem as outras patentes, mencionadas anteriormente (Silva, 2016, p.47).

A 01 de dezembro de 1844, foi apresentada a primeira obra orquestral que continha um saxofone na orquestração, a Opera *Last King of Judá*, no Conservatório de Paris, escrita por George Kastner para Saxofone baixo em dó. Ao contrário de todos os outros instrumentos, o saxofone não tem antecessores (Silva, 2016, pp.42-43).

⁵ "The saxophon [sic], named after its inventor, is a brass instrument somewhat similar in shape to the ophicleide, and equipped with nineteen keys. It is not played with a mouthpiece like other brass instruments, but with a mouthpiece similar to that of the bass clarinet. The saxophone will thus be the head of a new family, that of brass instruments with a reed. Its range is three octaves, beginning with the low B flat below the staff (bass clef); its fingering is more or less the same as that of the flute or the second register of the clarinet. As for the sound, it is of a nature that I don't know a low instrument currently in use to which, in that respect, it can be compared. It is full, mellow, vibrant, extremely powerful, and capable of being soft. It is much superior, in my view, to the low notes of the ophicleide, for the precision and consistency of the sound, the character of which is in any case totally new and does not resemble any of the timbres that one presently hears in the orchestra, with the exception of the low E and F of the bass clarinet."

Adolphe Sax morreu a 7 de fevereiro de 1894 e o seu filho, Adolphe-Édouard Sax (1859-1945) diretor da infantaria da Ópera de Paris desde 1881, foi quem o sucedeu como diretor da fábrica e assumiu os negócios da família (Cottrell, 2012, p.37).

1.2 A família dos saxofones

Em 1843, surgem sinais que comprovam a intenção que Sax tinha em criar uma família de saxofones, tal como já tinha feito com os outros instrumentos que criara (saxhorn e saxotrombas). Todavia, esses planos eram um pouco óbvios, uma vez que na patente mencionada acima, concebida no ano de 1846, é possível verificar as intenções que o criador tinha em criar outros saxofones, com diferentes tamanhos e formatos, concebendo assim uma família de saxofones.

Kastner, um apoiante de Adolphe Sax, acrescentou, em 1844, uma adenda ao seu tratado *Traité général d'instrumentation*, publicado originalmente em 1837, incluindo informação sobre o saxofone. Foram apresentadas duas famílias complementares de saxofones: a família em Dó e Fá e a família em Sib e Mib, ambas constituídas por soprano (Dó/sib), alto (Fá e Mib), tenor (Dó e Sib) e barítono (Fá e Mib). De igual modo, em 1850, Sax recebeu uma patente belga para proteger os seus direitos, uma vez que era acusado constantemente da sua criação ser um plágio. Nela foram enumerados seis saxofones apelidados de "Aigu" em Mib (sopranino da atualidade), Soprano em Sib, Alto em Mib, Tenor em Sib, Barítono em Mib e Baixo em Dó. Também Berlioz alterou o seu tratado "Grand Traité", reformulando o capítulo que abordava o saxofone e enumerando seis tipos de saxofones com a mesma nomenclatura descrita anteriormente (Cottrell, 2012, p.45, 62-65).

Adolphe já tinha pensado na finalidade destas duas famílias, sendo que a família em Mib/Sib seria utilizada nas bandas e a família em Fá/Dó nas orquestras sinfónicas. Contudo, esta última família teve uma existência muito curta, uma vez que, no século XIX, as possíveis saídas da mesma eram escassas. O criador dedicou então toda a sua energia a tentar impor a família em Sib/Mib nas bandas filarmónicas e militares. O repertório erudito da época concentrou-se basicamente no saxofone alto. Ainda assim, o aparecimento do jazz trouxe consigo a distinção dos diversos instrumentos da família e variou a sua utilização. Em relação à música contemporânea, atualmente, toda a família dos saxofones é tida em consideração e exige que os saxofonistas tenham ou pratiquem todos, ou a grande maioria, dos seus constituintes. Estes instrumentos assemelham-se mesmo a uma família, partilhando as mesmas qualidades e os mesmo defeitos, quase como se fossem hereditários. Não obstante, ao mesmo tempo, é visível um caráter próprio para cada um: um mais ligeiro, outro mais

sombrio, um mais caprichoso, outro mais profundo. Ainda que, com quantidades muito diferentes, seis dos sete membros da família do saxofone são fabricados de forma contínua, sendo o contrabaixo o sétimo membro e o único que não é fabricado continuamente, existindo em todo o mundo menos de uma dezena (incluindo os instrumentos considerados já como peças de museu). Todos juntos formam uma dimensão quase similar à da orquestra (Chautemps, et al, 2001, pp.58-59).

Foi em 1842 que, o Tenente-general Marie- Théodore Gueilly, Comte de Rumigny, procurou Adolphe devido à sua preocupação com a condição precária em que se encontravam as bandas militares francesas, passando a integrar instrumentos deste inventor nestas instituições (Cottrell, 2012, p.14). A 19 de agosto de 1845, uma portaria estabeleceu que dois saxofones (baritono e alto) iriam substituir os fagotes e os oboés nas bandas de música dos regimentos de infantaria e a 16 de agosto de 1854, a organização das bandas de música dos regimentos, assinou um decreto onde ordenavam a incorporação de oito saxofones nas bandas de música: dois barítonos ou baixos, dois tenores, dois altos e dois sopranos. No final do século XIX, continuaram a utilizar os saxofones em França apenas nas bandas de música militares pois, noutra tipo de formação eram raramente utilizados. Após a aparição do jazz, os saxofones foram introduzidos nas orquestras de baile e foi então que se iniciou a fabricação em massa por todo o mundo ((Chautemps, et al, 2001, p.17-20).

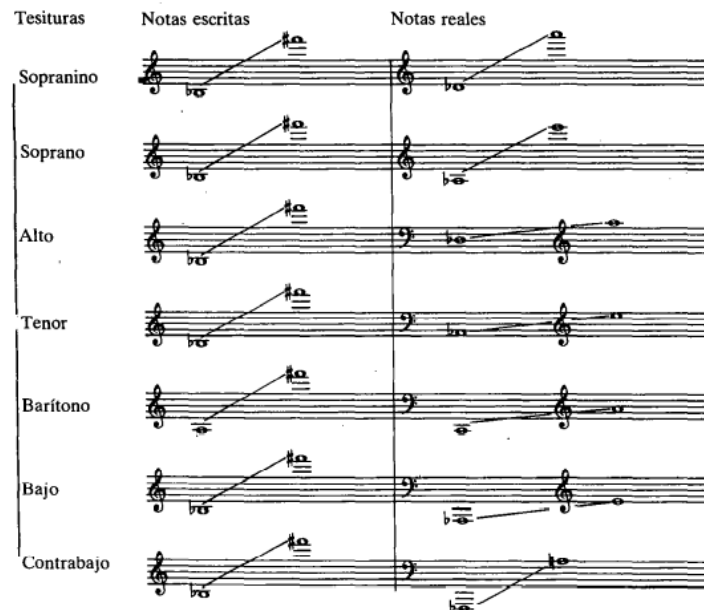
O saxofone é um instrumento transpositor, ou seja, os sons que são ouvidos não correspondem às notas que os saxofonistas interpretam. Assim, foi possível criar uma digitação única utilizada em todos os saxofones, exatamente como nas flautas e nos clarinetes (Chautemps, et al., 2001, pp.58-59). Por exemplo, utilizando a nota Dó como referência o som tocado pelo respetivo saxofone é:

- Saxofone sopranino: Mib
- Saxofone soprano: Sib
- Saxofone alto: Mib
- Saxofone Tenor: Sib
- Saxofone Baritono: Mib
- Saxofone Baixo: Sib

Apesar das possibilidades de aumento da extensão da tessitura no registo sobreagudo, que só é possível utilizando uma digitação especial, todos os saxofones têm o mesmo âmbito de duas oitavas e uma sexta menor, com exceção do baritono que contém uma nota a mais, o Lá grave correspondente ao som real de Dó².

Figura 2

Extensão do registo nos instrumentos da família, do mais agudo para o mais grave.



Nota: "O instrumento", Chautemps, et al, Cooper City: SpanPress Universitaria, El Saxofón (p. 60), 2001. Copyright 2001 por Cooper City: SpanPress Universitaria.

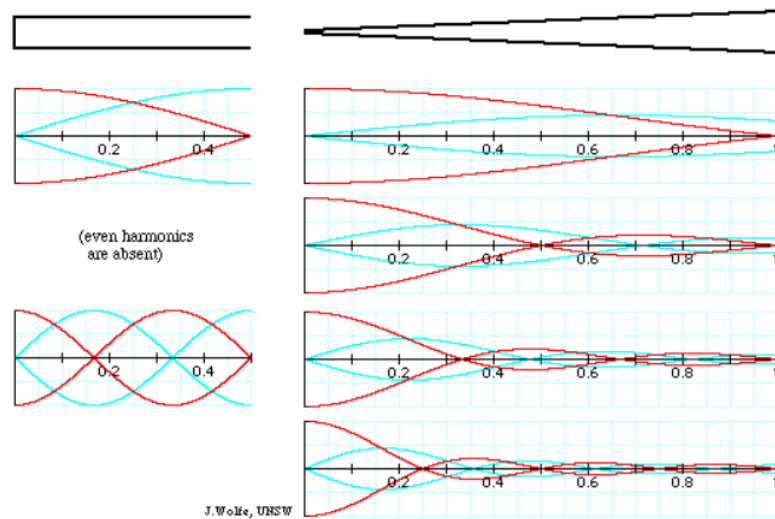
1.3 O saxofone tenor: características

1.3.1 Organologia

O saxofone alto e o saxofone tenor são bastante parecidos no seu design. Para a conceção da sonoridade utilizam uma boquilha e uma palheta simples. São considerados um instrumento de sopro devido à sua produção do som através de uma coluna de ar. O tubo por onde esta se forma está em formato cónico, ou seja, as ondas produzidas pelo som vão se expandindo enquanto percorrem o tubo. Desta forma, a amplitude das ondas irá diminuir significativamente conforme vai avançando, desde a boquilha até à campânula (Chen et al., 2009, pp.18-23). O seu som é originado através do mesmo processo: o ar coloca uma palheta única em vibração (Sousa, 2016, p.1). Durante toda a sua carreira, Adolphe Sax trabalhou numa teoria acústica que foi o primórdio do saxofone. Em oposição ao que o reconhecido acústico Savart defendia, o criador do saxofone acreditava que o timbre deste instrumento "era essencialmente determinado pelas proporções atribuídas à coluna de ar em relação às do corpo do instrumento que o contém e não pelos seus materiais utilizados." (Marzi, 2009, p.4).

Figura 3

Comparação acústica entre um tubo cilíndrico (clarinete) e cônico (saxofone).



Nota: De “Pipes and Harmonics”, Wolfe, J., *The University New South Wales*, (<http://newt.phys.unsw.edu.au/jw/pipes.html>). Copyright 2022 pelo The University New South Wales.

“Embora seja construído em metal, o saxofone é um instrumento que faz parte da família das madeiras devido ao seu princípio sonoro, uma palheta simples presa a uma boquilha por uma abraçadeira.” (Capistrano, 2008, p.4). O saxofone é então constituído pelo corpo principal, onde estão a campânula, os orifícios e as chaves; pelo tudel e pela boquilha, em conjunto com a abraçadeira e a palheta.

Figura 4

As partes do saxofone tenor.



Nota: 1. Corpo do saxofone; 2. Tudel; 3. Boquilha; 4. Abraçadeira; 5. Palheta.

Inicialmente, o corpo do saxofone foi feito em cobre, mas atualmente poderá ser feito de diversos materiais entre eles, cobre, prata, ouro e latão, sendo este último o mais comum, devido ao custo que lhe está associado. Quanto ao tudel, podemos encontrar também vários materiais, desde ouro ou prata maciça, banhado a prata ou ouro, latão e/ou cobre. Para a boquilha, o material mais utilizado é a ebonite⁶ na música clássica, mas também o metal no jazz. Existem ainda boquilhas de madeira, plástico ou cristal, contudo, estas não são muito utilizadas. Por último, as abraçadeiras, têm as mesmas possibilidades de materiais de confecção que o corpo do saxofone, existindo modelos e materiais para todos os gostos dos saxofonistas. A palheta do saxofone é presa à boquilha pela abraçadeira e é considerada simples, por ter apenas um corte e não dois, como as palhetas de oboé e fagote. São tradicionalmente produzidas em madeira (cana/bambu), porém, atualmente muitos saxofonistas optam por utilizar palhetas de plástico devido à sua durabilidade e por não serem tão flexíveis às mudanças meteorológicas.

Por esse mesmo motivo, muitas pessoas podem ficar confusas quando têm de classificar a que família pertence o saxofone. Para procedermos à classificação dessas classes de famílias devemos ter como princípio base a maneira como é produzido o som do instrumento e, no caso da família das madeiras, todos os instrumentos, com exceção das flautas, produzem o seu som através da vibração de uma palheta de madeira (Silva, 2016, p. 51-56).

1.3.2 *Postura*

A nível postural, tocar saxofone tenor apresenta algumas diferenças em relação ao saxofone alto, o saxofone mais tocado de toda a família.

Do ponto de vista físico, o saxofone tenor é um instrumento mais metuculoso graças ao seu tamanho e peso. Este saxofone pesa cerca de 3,6 kg e 76 cm de altura. Comparativamente ao saxofone alto pesa mais 1 kg e tem mais 12,5 cm de altura (Sousa, 2016, p.3).

Para a maioria dos saxofonistas, a combinação da altura do instrumento com a sua dimensão obriga a que o instrumentista deixe descair o instrumento para o seu lado direito do tronco, de maneira a colocar a mão direita corretamente e podendo fazer movimentos livres, tornando assim a

⁶ Ebonite: Borracha endurecida por vulcanização, muito escura, com alto teor de enxofre. De *Ebonite*, n.a., 2022, Priberam, (<https://dicionario.priberam.org/ebonite>). Em domínio público.

execução adequada. É fundamental ter uma atenção especial, relativamente à posição da boquilha e do tudel, verificando se estão bem posicionados, permitindo assim uma performance confortável e evitando o surgimento de lesões (Teal, 1963, p.31).

1.3.3 *Sonoridade*

No que diz respeito à sonoridade, o saxofone tenor possui um timbre rico, semelhante à do violoncelo. Tem uma força masculina no seu som que é, no entanto, capaz de produzir uma gama de cor muito maior, com diferentes sonoridades. Muitos saxofonistas identificam-se com mais facilidade com o registo agudo, uma vez que o seu som e registo se encontra mais próximo do saxofone alto e grande parte do clarinete. O registo grave é o que carece de mais atenção por parte do músico. Necessita que ouça previamente a nota mentalmente com a sonoridade que pretende obter e só depois “dar-lhe voz” de um modo correto com a cavidade oral, ressonância e colocação do ar que precisa. É um lapso usual pensar no saxofone tenor como um saxofone alto maior. Situa-se apenas uma quinta abaixo, mas necessita, não só de um volume de ar maior para fortalecer e controlar a sua sonoridade, como também criar uma estrutura harmónica diferente. Deste modo, é importante constatar o que existe dentro do conceito de som e o que precisamos para o criar, fortalecendo as suas propriedades, ao invés de tocar com uma ideia delineada previamente (Turner, 1996, p.95).

1.3.4 *Digitação*

Tecnicamente, todos os saxofones são exatamente iguais, tem o mesmo nº de chaves (23 chaves no total) e a mesma técnica de digitação que é igual em todos os saxofones da família com exceção do saxofone barítono que tem uma chave a mais (chave de lá grave) e do soprano, que não tem chave de fá sustenido (Sousa, 2016, p.1).

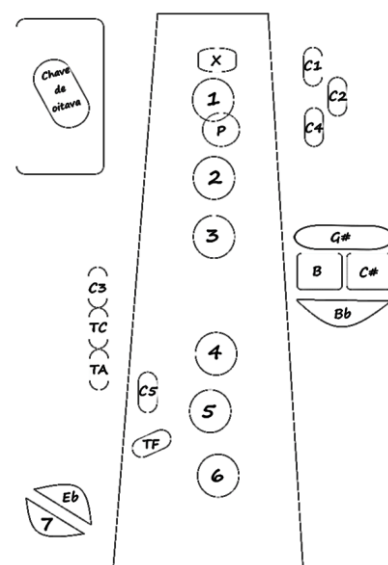


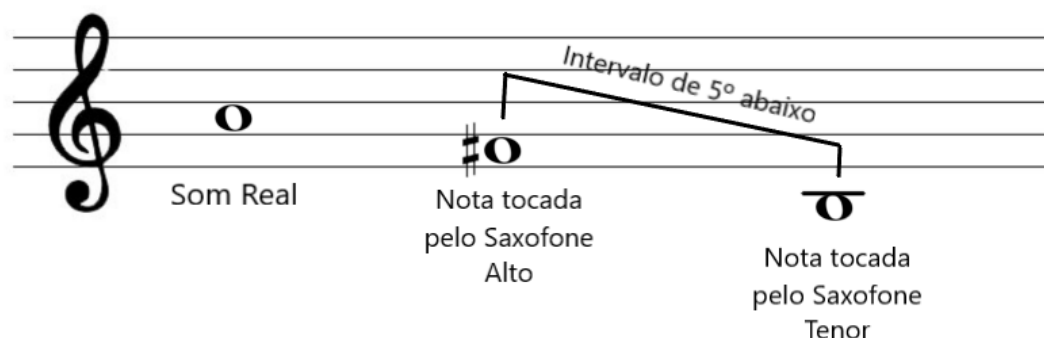
Figura 5

Digitação de todos os saxofones.

O tenor, como é carinhosamente apelidado (com base na minha experiência performativa), toca-se um intervalo de 5ª abaixo do saxofone alto.

Figura 6

Relação intervalar entre o Saxofone Alto e o Saxofone Tenor.



O padrão de dedilhação permaneceu similar, comparativamente com os primeiros saxofones criados por Sax, demonstrando a eficácia ergonômica do modelo original do criador. Acredita-se que os primeiros saxofones a serem concebidos teriam três chaves de oitava, no entanto, tanto no esboço da patente, como no método “Méthode complète et raisonnée pour saxofone”⁷, criado por Kastner com a ajuda de Adolphe em 1845, revelam que o instrumento teria apenas duas chaves de oitava e não três. É provável que a terceira chave de oitava tenha sido uma alteração tardia e apenas empírica, visto que, em 1843, o escritor Castil-Blaze constatou que o saxofone tinha apenas dezanove chaves e não vinte como demonstrava na patente. Uma nova edição do método de Kastner publicada em 1850 contém uma nomenclatura díspar dos vários instrumentos da família e também uma nova dedilhação retificada (Cottrell, 2012, p. 48,51, 54).

1.3.5 *Aspetos técnicos: embocadura*

Para que haja som neste tipo de instrumentos, é necessário colocar a palheta, que se encontra presa na boquilha com a abraçadeira, em vibração através da velocidade do ar. Para isso, o saxofonista tem de colocar a boquilha dentro da boca e soprar, criando a tal vibração necessária. A isso chamamos de embocadura (Silva, 2016, p.50).

⁷ Méthode complète et raisonnée pour saxophone: Sax ajudou Kastner a criar o seu método, o primeiro método para saxofone, publicado em 1845. O método de Kastner contém, provavelmente, a ilustração mais verdadeira da concepção de Sax sobre as práticas de performance do saxofone, uma vez que os dois trabalharam juntos muitos dos detalhes do livro. O livro, de 142 páginas, apresenta dedilhações para um registo entre Si grave a Fã agudo (Liley, 1998, p.15).

Para tocar este instrumento, é essencial uma maior corrente de ar (por causa do seu tamanho) e a embocadura será mais aberta, comparativamente ao saxofone alto, dando ainda mais importância ao suporte de ar, respiração e controlo do tubo (Turner, 2009, p.95). Este instrumento presenteia-nos com uma maior variedade nas dinâmicas – o registo agudo possibilita um pianíssimo extremo e, pelo contrário, o registo grave permite um fortíssimo comparado com alguns instrumentos da família dos metais (Sousa, 2016, p.26). Nick Turner (2009, p.95) afirmou que o saxofone tenor é bastante semelhante ao saxofone alto e ao clarinete quando se encontra no registo agudo.

Para tocar bem este instrumento é necessário um estudo minucioso do registo inferior. Consequentemente, é melhor começar com uma boquilha/palheta/ set up que facilitem a execução destas notas. Isto pode fazer com que a extremidade superior seja ligeiramente mais frágil na sonoridade, mas com um bom suporte de ar, vocalização e embocadura irá melhorar rapidamente e resultará numa grande destreza em dominar todo o instrumento. Também se começará a descobrir que a afinação no tenor é mais estável, em comparação com os instrumentos mais pequenos da família (Turner, 2009, p.95).

Provoca ainda um desgaste maior ao longo da performance, relativamente ao saxofone alto, pois exige uma maior capacidade de ar e resistência. Desta forma, tocar saxofone alto não é o mesmo que tocar saxofone tenor. Estes instrumentos apresentam, sim, características semelhantes ao nível da sua construção e materiais utilizados para esse fim. No entanto, deve ser ensinado como qualquer outro instrumento da família e não deve ser colocado de parte (Sousa, 2016, pp.3; 27).

1.4 Saxofone tenor C-melody

O saxofone tenor em Dó, conhecido maioritariamente como C – Melody, é um instrumento parcialmente mais leve do que um tenor em Sib, um pouco mais pequeno e afinado uma 2ª Maior acima. Foi no final dos anos 10 e inícios dos anos 20, durante a “loucura do saxofone”, que este instrumento se popularizou. Esta popularidade deveu-se em parte ao facto deste não ser um instrumento transpositor, ou seja, os instrumentistas poderiam tocar diretamente de uma partitura de piano, voz ou violino, sem a necessidade de uma transposição e, uma vez que o repertório para saxofone na época era escasso, isto seria uma mais-valia (Cottrell, 2012, p.84).

Figura 7

Saxofone Tenor em Dó/ C - Melody



Nota: De “Selmer Modele 22”, Saxophone.org, Saxophone Galleries, 2022.

Este instrumento foi o mais fabricado e popular de todos os que pertenciam à família orquestral (instrumentos em Fá e Dó). Foi incluído nas produções de todas as companhias, sendo até descrito como “o modelo mais popular da família do saxofone” (Buescher Band Instruments Company, 1918, p.4).

Saxofonistas famosos como Rudy Wiedoeft (1893 – 1940) e Frankie Trumbauer (1901 – 1956) foram fulcrais para a sua divulgação. Rudy chegou mesmo a especializar-se no C – Melody, fazendo inúmeros concertos e gravando álbuns com o maior número de vendas na América, até aos dias de hoje. Compôs ainda obras para este instrumento, incluindo um método de saxofone (Marzi, 2010, p. 144).

Este instrumento é bastante semelhante aos restantes da família, utilizando a mesma digitação, contudo, apresenta uma sonoridade mais doce, íntima e menos metálica, comparativamente aos instrumentos em Mib e Sib. Marzi, numa entrevista dada recentemente a Clara Arce Martínez (Martínez, 2020) diz acreditar que isto se deve ao facto da mecânica do instrumento ser mais básica e elementar, mas igualmente funcional, exercendo assim menos peso no instrumento permitindo que a vibração do metal seja mais natural.

1.4.1 *A construção do C – Melody*

1.4.1.1 *Modelos fabricados por Adolphe Sax*

Ao longo da sua vida Adolphe criou cerca de 42 000 instrumentos numerados, isto é, com um número de série. O facto de Sax utilizar uma numeração nas suas criações, algo que era bastante invulgar encontrar nos instrumentos de sopro daquele tempo, tornou-se um grande contributo no cálculo da sua produção fabricada. A sua numeração foi efetuada de forma coerente, por ordem cronológica, única e sistemática. São poucos os indícios de desordem tais como, números em falta ou repetidos. No entanto, se tivermos em conta os 10% de instrumentos não numerados que foram encontrados e preservados, estima-se que o número da sua produção total de instrumentos poderia ter sido de 46 000. Atualmente, apenas foi encontrada 1,3 % dessa produção.

Apesar do nome Adolphe Sax permanecer na história devido à criação do saxofone, as suas percentagens de produção revelam que o número de saxofones fabricados foi muito pequeno, comparativamente com os restantes instrumentos fabricados pelo mesmo. Até 1860, a percentagem de saxofones criados era cerca de 5% da produção total do seu criador, o que dá um total de 945 saxofones, sendo que, em 1873, a produção de saxhorns era superior comparativamente à de saxofones (Steiger, 2016, pp 2-17).

Assim, analisando a evolução dos saxofones fabricados por Sax verificamos que são todos similares, não havendo quaisquer melhorias ou desenvolvimento do mecanismo. Todos têm como base o mesmo modelo, com 20 chaves, chave de oitava dupla, não tinham a nota Sib grave e tinham limitações no registo agudo, no caso do saxofone alto e tenor até ao Fá e, nos outros modelos, até ao Mib agudo. Consta-se que o criador perdeu o interesse pelo saxofone e deixou a pesquisa para o desenvolvimento e melhoria deste instrumento para outras marcas tais como Buffet, George e Gautrot (Mitroulia e Kampmann, 2016, pp.14-15).

Tal como foi dito anteriormente, os instrumentos criados por Adolphe contêm um número de série que seguem uma ordem cronológica, o que nos permite saber de forma mais concreta as suas datas de fabrico. Posto isto, a tabela que se segue pretende demonstrar o modelo do saxofone tenor em Dó/C-Melody, um dos instrumentos da família mais desconhecido e menos usual, mas igualmente importante, juntamente com toda a informação disponível sobre cada um deles. Estes serão apresentados com a data de fabrico por ordem cronológica.

Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados por Adolphe Sax que estão preservados atualmente*				
Modelo	Ano	Nº de série	Gravação da marca	Última localização conhecida
Tenor em Dó	1857	17105	Inscrito “Nº 17105 / Saxophone Ténor en ut breveté / Adolphe Sax à Paris / F teur de la M son Mil re de l'Empereur” / monograma marca “AS PARIS”	Coleção de Bruno Kampmann, Paris
Tenor em Dó	1858	17401	“Saxophone ténor en do / Adolphe Sax à Paris”	Interlochen Arts Academy, EUA ⁹
Tenor em Dó	1860	20669	“Nº 20669 / Saxophone tenor en ut breveté / Adolphe Sax à Paris, F teur de la M son Mil re de l'Empereur” / monograma marca “AS PARIS ”	Frederick Stearns; Universidade de Michigan, Ann Arbor 641
Tenor em Dó	1864	28100	“Nº 28100 / Saxophone en do	Museu Viadrina, Reka- Sammlung historischer

* Mitroulia e Myers, 2022.

⁹ Este instrumento encontrava-se na posse da empresa de fabricação de instrumentos americana Conn, tendo como finalidade o estudo do mesmo para prosseguir com o seu fabrico e preservar este instrumento na história da música e da família dos saxofones, podendo assim aprender com o seu criador (Gillis, 2019).

			Breveté” / “A I S” / “Adolphe Sax Facteur / de la M son Mil re de l'Empereur / 50 rue S t . Georges à Paris” / marca registada do monograma “AS PARIS”	Musikinstrumente, Frankfurt
Tenor em Dó	1865	29920	?	Coleção privada, Itália
Tenor em Dó	1877	39689	“Nº 39689 / Saxophone tenor en Ut / Adolphe Sax F teur Breveté / 50 rue St Georges / Paris / SEUL / GRAND PRIX / 1867” / marca registada do monograma “ASPARIS”	Coleção privada, Grã-Bretanha
Tenor em Dó	1879	40582	?	Coleção privada, EUA
Tenor em Dó	1880	40623	“Saxophone ténor en ut / Ad. Sax & Cie / 26 rue de Rocroy & 39 r de Dunkerque; /à Paris”	Museu de Instrumentos Musicais, Teatro e Cinematografia, São Petersburgo

Tenor em Dó	1880	40781 ou 40787	“N° 4078? / Saxophone Tenor en Ut / Invente par Ad Sax / Ad. Sax & C ie F teur Breveté / 26 rue de Rocroy & 39 r de Dunkerque / à Paris” / “SEUL / GRAND PRIX / 1867” / monograma marca “AS PARIS” incorporando “PARIS”.	Coleção Bruno Kampmann, Paris
Tenor em Dó* (Edouard Sax)	1907 – 1928	14823	AS FILS” / “MÉDAILLE D'OR 1900 / Adolphe Sax / Feur de l'Académie Nle de Musique / 84. RUE MYRHA / PARIS / MADE IN FRANCE	Musée de la Musique, Paris, E.2002.12.2

A tabela apresenta um total de dez saxofones tenor em Dó/ C – Melody, que foi o modelo mais construído da família Fá e Dó. Segundo Kampmann (Mitroulia y Kampmann, 2016, p.15), o penúltimo saxofone tenor da tabela, com o número de série 40787, foi um dos últimos a ser fabricado por Adolphe Sax.

O último saxofone da tabela foi fabricado por Adolphe – Edouard Sax, filho do criador de saxofones, que o sucedeu no ramo dos negócios após a sua morte. Este saxofone foi incluído, mesmo

não tendo sido feito pelo seu criador, uma vez que pertence à sua indústria de instrumentos liderada pelo seu filho.

Foi entre 1855 e 1867 que se deu o período mais produtivo do fabrico de instrumentos no ateliê de Adolphe e do saxofone em particular, uma vez que foram construídos 173 saxofones dos 250 que existem atualmente (Steiger, 2016, p. 138). Em 1870, um feito político marca o antes e depois da manufatura de Sax e do Tenor em Dó/ C – Melody (Marzi, 2009, 64). Devido à crise económica, a propagação do instrumento sofreu um declínio produzindo uma rotura do mercado. Além disso, foi neste período que faleceram os maiores apoiantes do criador de saxofones como Kastner (1810 – 1867), Rossini (1792 – 1868) e Berlioz (1803 – 1869) (Liley, 1998, p. 10). Todos estes acontecimentos, juntamente com a morte de Adolphe Sax quase levaram ao desaparecimento deste instrumento, todavia, a existência do saxofone subsistiu em virtude da sua utilização nas bandas militares e civis. Foram estas bandas que deram a conhecer este instrumento na América, onde este ganhou um novo propósito para seguir com o seu desenvolvimento e utilização.

1.4.1.2 Modelos fabricados por C. G. Conn

Em 1866, a patente do saxofone exclusiva de Adolphe Sax expira, dando oportunidade aos restantes fabricantes de se lançarem neste mercado de trabalho (Liley, 1998, p. 16).

Edouard Lefébre foi crucial para a introdução do saxofone na América, com a sua prestação na orquestra de Londres dirigida por Louis – Antoine Jullien. Desta forma, encorajou as bandas americanas como a banda dirigida por Harvey Dodworth, a primeira a introduzir o saxofone na sua formação, em 1858. C. G. Conn foi a primeira empresa a fabricar saxofones em solo americano, produzindo o primeiro modelo em 1888 (Cottrell, 2012, pp. 126-127). A primeira exposição do C – Melody encontra-se no catálogo de venda de 1911, na página intitulada de “C. G. Conn’s perfected Wonder System Saxofone” (Conn, 1911, p.10).

De seguida, serão apresentados todos os modelos de saxofones tenor em Dó/ C – Melody fabricados pela empresa C. G. Conn por ordem cronológica, juntamente com o ano de fabrico, N° de série e onde se encontram atualmente.

Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados por C. G. Conn que estão preservados atualmente ¹⁰				
	Modelo	Ano	Nº de série	Última localização conhecida
Tenor em Dó	New Wonder – série I	1918	47881	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – série I	1921	81008	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – série I	1922	92011	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	?	1923	101291	Coleção de Leo van Oostrom, Holanda
Tenor em Dó	New Wonder – Virtuoso Deluxe	1923	108720	?
Tenor em Dó	New Wonder – Virtuoso Deluxe	1923	122699	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – Virtuoso Deluxe	1924	124265	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – Virtuoso Deluxe	1924	137680	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – Virtuoso Deluxe	1924	137680	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Wonder – Chu Berry	1926/1927	184934	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	M Series – Naked Lady	1938	284937	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA

¹⁰ Oostrom, 2009; SaxQuest, 2022; Saxophone.org, 2022.

1.4.1.3 Modelos fabricados pela Selmer

Foi em 1885 que Henri Selmer iniciou o seu negócio numa pequena oficina em Paris, apresentando desde cedo um grande número de produção de saxofones, dado a sua exportação e venda também nos EUA. Em 1922 começou a colaborar com o filho do criador de saxofones, Alphonse – Éduard, tendo comprado, por fim, a fábrica de Adolphe, incluindo todos os direitos, nomes, máquinas e produtos inacabados. O desenvolvimento e crescimento da empresa foi tão grande a ponto desta se tornar a marca principal e mais reconhecida a nível mundial na construção de saxofones (Oostrom, 2009, p.35; Marzi, 2009, p. 107).

De seguida, serão apresentados todos os modelos de saxofones tenor em Dó/ C – Melody fabricados pela empresa de Henri Selmer por ordem cronológica, juntamente com o ano de fabrico, N° de série e onde se encontram atualmente.

Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados pela Selmer que estão preservados atualmente¹¹				
	Modelo	Ano	N° de série	Última localização conhecida
Tenor em Dó	Modele 22	1922	778	?
Tenor em Dó	?	1922	790	Coleção de Leo van Oostrom, Holanda?
Tenor em Dó	Modele 22	1922	930	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	St. Louis Gold Medal Model	1922	941	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	St. Louis Gold Medal Model	1922	1016	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	Série 1922	1922	1128	Henri Selmer Paris, França
Tenor em Dó	Mark VI	1922	67664	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA

¹¹ Oostrom, 2009; SaxQuest, 2022; Saxophone.org, 2022; Henri Selmer Paris (2022)

Tenor em Dó	Modele 22	1923	1560	?
Tenor em Dó	Modele 22	1924	3174	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	New Large Bore	1932/1932	14069	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tenor em Dó	Balanced Action	1938	27027	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA

1.4.1.4 Modelos fabricados por outras marcas

Existem ainda outras empresas que também fabricaram saxofones tenores em Dó/ C- Melody, ainda que, com uma produção menos significativa.

Assim sendo, a companhia Buescher foi fundada por Ferdinand August Buescher, o produtor do primeiro saxofone americano apresentado pela empresa C. G. Conn. Em 1984, abandona esta companhia para iniciar o seu próprio negócio (Cottrell, 2012, p. 77; Oostrom, 2009, p.73).

A empresa da Buffet – Crampon tinha como presidente Pierre Goumas desde 1865, no entanto, entre 1875 e 1879, esta empresa era apelidada por outros nomes. Em 1885, a empresa foi deixada sobre a direção de Evette e Schaffer, alunos do antigo presidente da companhia.

Em 1893, após a importação dos saxofones das empresas Evette & Schaeffer/Buffet – Crampon, deu-se a criação da companhia Henderson N. White Company. Os saxofones produzidos por esta empresa eram comercializados e vendidos como saxofones King e distinguiam-se pelo seu design, forma das chaves única, grandes acabamentos e utilização de prata esterlina sólida no tudel e na campânula (Oostrom, 2009, pp.55;81).

Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados por Buescher que estão preservados atualmente ¹²				
	Modelo	Ano	Nº de série	Última localização conhecida
Tenor em Dó	True Tone – Buescher Band	1927	226145	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA

¹² Oostrom, 2009; SaxQuest, 2022; Saxophone.org, 2022.

	Instrument Co.			
Tenor em Dó	Aristocrat – Serie I	1937	278037	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA
Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados por Buffet – Crampon que estão preservados atualmente¹³				
	Modelo	Ano	Nº de serie	Última localização conhecida
Tenor em Dó	Evette & Schaeffer	1921	25175	Coleção de Leo van Oostrom, Holanda
Tabela de Saxofones Tenor em Dó/C-Melody fabricados por Henderson N. White Company que estão preservados atualmente¹⁴				
	Modelo	Ano	Nº de serie	Última localização conhecida
Tenor em Dó	H. N. White Model	1915	35591	SaxQuest Museum, St. Louis, Missouri, EUA

1.5 Reportório para saxofone tenor

Atualmente, é visível uma grande lacuna no que diz respeito ao reportório para saxofone tenor, mais concretamente, a inexistência quase ou até mesmo total de peças escritas especificamente para Saxofone Tenor, sendo observável então um ensino destinado, quase que em exclusivo, ao saxofone alto. O problema a nível do reportório para saxofone tenor é existirem apenas obras de graus elevados, de grande exigência técnica e interpretativa. A falta de reportório dificulta o estudo e evolução deste instrumento. Existem diversas transcrições de obras importantes de outros instrumentos adaptadas para saxofone tenor, que dão a possibilidade aos saxofonistas de tocarem música de períodos da história da música onde o saxofone ainda nem existia. No entanto, apesar de importantes, essas obras, não sendo originais para este instrumento, não exploram todas as potencialidades que ele tem para oferecer tais como tessitura, dinâmica e técnicas expandidas, por exemplo (Sousa, 2016, p.4).

O reportório para este instrumento da família encontra-se ainda muito focado nas orquestras de sopros e nas bandas filarmónicas. Em todo o mundo, o saxofone tenor é também considerado um

¹³ Oostrom, 2009; SaxQuest, 2022; Saxophone.org, 2022.

¹⁴ Oostrom, 2009; SaxQuest, 2022; Saxophone.org, 2022.

instrumento fundamental no jazz. Com a evolução e afirmação do saxofone no mundo musical, muitos dos compositores começaram a escrever para este instrumento. Segundo Silva (2016, p.59), após Adolphe Sax, Elisabeth Hall foi a segunda divulgadora mundial do saxofone, tendo encomendado obras de concerto para saxofone a compositores como Paul Gilson, Claude Debussy, André Caplet, Florent Schmitt, entre inúmeros outros compositores da época. No total, foram encomendadas vinte obras para enriquecer os programas da orquestra, estreadas entre 1900 e 1918.

Marcel Mule e Sigurd Rascher foram os dois saxofonistas virtuosos que lançaram e estabeleceram o saxofone clássico na Europa. A Marcel Mule foram dedicadas inúmeras obras, tendo-se tornado mundialmente conhecido por executar as obras de Ibert, Glazunov e Tomasi, hoje consideradas obras standard no repertório de saxofone clássico. Destacou-se também pela criação do seu quarteto de saxofones “Quarteto Marcel Mule”. Sigurd Rascher, concorrente de Marcel Mule, ficou conhecido pela sua grande capacidade em tocar notas no registo sobreagudo, atraindo olhares de compositores como Paul Hindemith, Jacques Ibert, Alexandre Glazunov, Frank Martin, entre outros, levando-os a compor obras para este instrumento (Chautemps, et al., 2001, p. 22). Com a criação do primeiro quarteto de saxofones, muitos compositores começaram a compor para este tipo de formação, entre eles A. Glazunov, G. Pierné, E. Bozza e A. Desenclos. Este tipo de formação induziu compositores a abarcarem mais do que um saxofone nas suas composições orquestrais, não só por serem instrumentos novos, capazes de expressar musicalmente o que o compositor queria transmitir, mas também pela sua sonoridade inédita e invulgar. Muitas delas são bastante conhecidas, nos dias que correm, e de grande importância.

Assim sendo, irei abordar algumas obras de referência que integram o saxofone tenor, entre elas obras a solo com orquestra, obras com destaque para este instrumento na orquestra, obras inseridas no jazz e obras mais da atualidade, com eletrónica.

1.5.1 *Fantasia de Heitor Villa-Lobos*

Heitor Villa-Lobos, nasceu a 5 de março de 1887. Ilustre compositor brasileiro, realizou a sua aprendizagem musical de forma autodidata, tocando em inúmeros hotéis e cinemas com os seus irmãos mais velhos. Aprendeu dois instrumentos em simultâneo, o violoncelo e a guitarra. Faleceu a 17 de novembro de 1959 (Langlois, 2007, p. 10).

Esta fantasia foi composta e dedicada ao saxofonista Marcel Mule, em 1948. Primeiramente, foi composta na tonalidade de Fá Maior para saxofone soprano e uma pequena orquestra, no entanto,

o saxofonista recusou-se a executar a mesma demonstrando desinteresse pela obra. Foi apresentada e estreada pela primeira vez, em 1951 no Rio de Janeiro, pelo músico Waldemar Szpilman. A obra foi tocada num saxofone tenor e dirigida pelo próprio compositor. As passagens da obra original eram extremamente difíceis de executar, para a época. Por consequência, a obra teve de ser transcrita um tom abaixo para a sua estreia. Atualmente, a *Fantasia* é uma obra de destaque para os saxofonistas e tem um lugar importante no repertório de saxofone tenor (Villa-Lobos, 1948). É uma obra bastante executada no nível superior, podendo também ser executada por alunos de 8º grau, quando o discente apresenta um nível acima da média.

1.5.2 *Grab It de Jacob Tv*

Compositor holandês, Jacob ter Veldhuis, mais conhecido como Jacob Tv, nasceu em 1951. Iniciou-se na música rock, tendo mais tarde feito os seus estudos em composição e música eletrônica com Luctor Ponse e Willem Frederik Bom, no Conservatório de Groningen. Em 1980, recebeu um prêmio de composição na Holanda, tendo-se tornado exclusivamente compositor.

Grab It foi originalmente composta para saxofone tenor, em 1999. Dedicada a Arno Bornkamp, teve apoio financeiro da PFA holandesa e estreou-se mundialmente na temporada de 1999/2000 em Vredenburg, Utrecht, num concerto intitulado por “Who's afraid of...”. O *blues, jazz e rock* dos anos 60 tiveram um impacto enorme na música de Tv, sendo a linguagem uma origem da música nas suas obras (tal como no blues). A obra é baseada em falas de prisioneiros condenados a prisão perpétua e explora o discurso e a música. É um dueto, onde o saxofone compete com uma série incessante de sílabas, palavras e uma cobertura, impondo resistência por parte do intérprete. Esta obra não reflete apenas tristezas, mas pretende alertar os ouvintes para a metáfora da vida: “a vida vale a pena ser vivida. ‘Grab it!’” (Jacob Tv, 2022).

1.5.3 *Bolero de Maurice Ravel*

Maurice Ravel, nasceu em 1875 e foi um compositor francês extremamente complexo. Anti wagneriano, reconhecia-se como impressionista e neoclassicista, numa pessoa só. Apesar de não ser considerado um prodígio, aos 14 anos já estudava no Conservatório de Paris. Tal como Debussy, Maurice era visto como um colorista e realizou diversas versões orquestrais a partir de obras de piano. Tinha a capacidade de embeber ideias das distintas origens, ajustando à finalidade pretendida com

uma grande segurança, tal como a sua adaptação ao impressionismo (Grout e Palisca, 2007, p.689). Faleceu em 1937.

A obra *Bolero* foi composta em 1928, antes de uma *tour* do compositor pela América do Norte. Ravel prometeu a uma amiga sua, dançarina e atriz russa Ida Rubinstein (1885-1969), compor um balé com elementos espanhóis. Tinha como ideia inicial produzir uma transcrição da suite para piano de Albeniz Iberia mas, após uns problemas devido aos direitos da orquestração, alterou os planos e iniciou uma composição totalmente nova e original. Já há muito tempo que Ravel desejava compor uma obra com um tema único que se ia desenvolvendo e crescendo harmonicamente e também por meios instrumentais. Iniciou os seus trabalhos em julho de 1928, tendo concluído a peça ao fim de cinco meses. Com a caixa a sustentar toda a obra, ao longo dos 15 minutos a simples melodia vai passando por todos os instrumentos, igualando assim a visibilidade da orquestra. Forma uma modulação de Dó Maior para Mi Maior, libertando toda a tensão acumulada com uma explosão de fogos de artifício. O *Bolero* foi apresentado pela primeira vez na Ópera de Paris, a 20 de novembro de 1928. Apesar de Maurice considerar esta composição umas das suas obras menos importantes, esta sempre foi a mais popular de todas (Classic FM, 2022).

1.5.4 *Suite de Tenente Kijé de Sergei Prokofiev*

Sergei Prokofiev, mundialmente conhecido e adorado pelo público, nasceu em 1891. Apresenta uma escrita rigorosa, original, indicando o descontentamento e investigação do compositor, numa altura de experimentações. Com múltiplas características musicais da época, não é uma música de fácil perceção e absorção. Destaca-se pelas suas óperas e bailados, tendo também composto música de cinema. Aqui encontramos a origem e as bases utilizadas para compor a suite de Tenente Kijé.

Esta obra contém 5 andamentos: I. Nascimento de Kijé; II. Romance; III. Casamento de Kijé; IV. Troika; e V. Funeral de Kijé, sendo o II. e o IV. os andamentos mais conhecidos. Esta composição contém músicas populares, tal como outras obras de Sergei. O Romance (II.) foi composto tendo como base uma melodia tradicional russa “a pomba cinzenta geme”. A *Suite de Tenente Kijé* desenrola-se num ambiente irónico e corrosivo e em simultâneo é comunicativo e expressivo. Surgiu a partir de um erro burocrático que possibilitou este trabalho excêntrico e de uma coleção de acontecimentos que incluem o imperador e a condecoração de um tenente fictício. A história em que é fundamentado o filme é uma imaginação, uma vez que o Tenente Kijé nunca existiu (Lapa, 2014).

1.5.5 *Concerto para Stan Getz de Richard Rodney Bennett*

Richard Rodney Bennett conhecido pelo seu vasto conhecimento relacionado com os seus interesses musicais, é considerado um artista talentoso e as suas composições para teclado demonstram o conforto que tem com os estilos musicais do século XX.

Stan Getz, nasceu em 1927 e foi um dos mais famosos saxofonistas americanos. Recordado pelas suas gravações dos anos 50 com Dizzy Gillespie e Oscar Peterson, faleceu em 1990.

Os interesses de Getz não se limitavam apenas ao jazz e por sugestão do maestro John Williams, encomendou um concerto “clássico” a Bennett para ser inserido e executado num concerto de jazz, com arranjos das músicas de Gershwin que tinha programado para tocar.

A combinação parecia perfeita. Para o saxofonista a escolha do compositor era a melhor, uma vez que os gostos musicais se aproximavam bastante. Bennett começou a trabalhar na obra de imediato, após o acerto das ideias base com o músico, mesmo sem existir uma data de estreia.

Este concerto, apesar da tristeza causada pelo infortúnio da morte de Getz, é considerado um motivo de celebração devido à junção de harmonias jazzísticas e técnicas livres dos compositores. Esta foi a primeira obra que combinou estas duas técnicas. A linguagem utilizada neste Concerto suscita uma criação de ideias cruzadas, equilibrando diversos elementos linguísticos contrastantes que tornam esta obra um sucesso.

Escrito para saxofone tenor, tímpanos e cordas, a melodia está muito bem distribuída por toda a orquestra, onde é possível associar rapidamente os padrões rítmicos que tornam o desenrolar da obra, muitas vezes confuso, direto e de fácil compreensão. Os três principais motivos rítmicos (percussão, tercinas ascendentes e descendentes e repetição sincopada numa única nota) combinam-se de maneira a criar o material temático principal do primeiro andamento. Estes movimentos dominam toda a obra até à queda da dinâmica, que antecede uma mudança de ambiente musical, uma improvisação do saxofone como transição para o segundo andamento.

O segundo andamento, assemelha-se a uma canção sem palavras, onde vários versos imaginários são tocados numa melodia serena durante dezasseis compassos, algumas das vezes com ornamentos. Esta melodia é repetida, sem qualquer alteração, pelas cordas, opondo-se ao solista. Neste andamento são postas à prova as capacidades de improvisação do saxofonista. É comum nas composições de Bennett que a melodia inicial permaneça em toda a obra e não apenas no primeiro andamento ou primeira secção musical. Vários padrões rítmicos perduram inalteradas, tal como o tema original do segundo andamento.

Este concerto foi finalizado em novembro de 1990 e tem a duração aproximada de vinte e quatro minutos (Bradshaw, n.d.).

1.6 Integração do saxofone tenor no meio musical: saídas profissionais

Como já foi mencionado, o saxofone é um dos instrumentos mais recentes do período da história da música. Assim sendo, a sua inserção no mercado de trabalho foi uma tarefa bastante difícil, bem como a produção de obras para este instrumento que, no primeiro século de existência, era quase nula em função da sabotagem que Adolphe Sax sofreu ao longo da sua vida e à pouca aceitação do público (Silva, 2019, p. 9).

Uma das saídas profissionais para os músicos são as orquestras, tendo muitos deles como objetivo ganhar a audição para ingressar numa delas. No entanto, para os saxofonistas este não pode ser considerado um “mundo real” pois as ofertas são muito escassas. No entanto, para poder ingressar numa orquestra é, habitualmente, necessário realizar provas eliminatórias. Em geral, iniciam-se com uma prova currículo, como pré-eliminatória, onde são avaliados pela experiência certificada. Depois, surgem as provas “atrás da cortina” onde os candidatos são avaliados exclusivamente pela sua performance, sendo protegida a sua identidade, uma vez que os júris apenas os ouvem e não os veem. Por fim, os candidatos aptos nas eliminatórias, realizam uma única prestação “à vista” do júri, onde tocam excertos solicitados previamente (Teatro Nacional de São Carlos, 2022). No caso dos saxofones, é comum contratar um saxofonista que toque mais que um saxofone, podendo até pedir que toquem os 4 instrumentos principais (saxofone soprano, alto, tenor e barítono). Nestes casos, ao longo das provas os instrumentistas deverão executar obras nos variados instrumentos da família. Nas plataformas de concursos para orquestras, tais como o *Muv.ac* e o *Musical Chairs* é possível encontrar os locais onde estão a decorrer as candidaturas, bem como o que é necessário para cada uma.

Para os saxofonistas uma das saídas mais comuns são as *Big Band's* e foi em 1917, que os saxofones começaram a ter lugar nesta formação. O público foi uma peça fundamental para este feito, porque ficavam “loucos” com este instrumento. Em 1920, o saxofone estava “na moda” e até os clarinetistas tiveram de dedicar-lhe a sua atenção e iniciar a sua aprendizagem para que pudessem sobreviver. A *Big Band Original Dixieland Jazzband* foi um dos exemplos que, à época, viu-se obrigada a integrar na sua orquestra o saxofonista tenor Benny Krueger para “introduzir na sua música o toque de modernidade indispensável para satisfazer as exigências da clientela”. Os primeiros saxofonistas

tenor a ingressar numa *Big Band* foram Frankie Trumbauer e Bud Freeman. Atualmente, na sua formação são necessários pelo menos cinco saxofonistas, sendo que dois deles tocam saxofone tenor. A partir dos anos sessenta, o saxofone começou a ser utilizado nas bandas *rock e pop* tendo bastante destaque (Chautemps, et al., 2001, pp. 49-51).

A partir do século XX, o saxofone foi considerado um instrumento reservado à música militar, passando assim a incorporar a mesma sendo que, a nível nacional, esta é a saída profissional mais frequente. Nos dias de hoje, todas as bandas das forças militares incluem o saxofone tenor. Na Banda do Exército e na Banda de Música da Força Aérea as candidaturas estão sempre abertas, chamando os candidatos para a realização das provas, aquando da existência de uma vaga. Para obter estes postos de trabalho enquanto músico, é necessária uma formação militar, uma vez que estão associados a uma instituição militar. O contrato de trabalho tem a duração de seis anos e, caso pretendam obter um contrato sem termo, deverão concorrer ao curso de sargentos, incluindo nova formação militar para o novo posto, para ficar no quadro permanente. No caso da Banda da Armada, as provas realizam-se no mesmo formato das bandas das forças de segurança: Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública e Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana. Estas bandas apenas abrem as candidaturas por instrumento quando é necessário, ficando assim o músico, desde o início, com contrato sem termo. Todas estas bandas têm como exigência para além das provas musicais, provas físicas, médicas e psicotécnicas.

As bandas mencionadas anteriormente estão implantadas em Portugal há muitos anos. Segundo Pedro Sousa (2008, p.30), a carreira musical nestas instituições militares está implementada desde o século XV. No caso do saxofone, este surge na segunda metade do século XX após a saída do fagote. Em 1919, a Banda da Armada continha, na sua formação, dois saxofones tenores, porém, em 1921, sofreu uma reorganização passando a integrar três saxofones tenores. Estas bandas são as que empregam mais músicos em Portugal, sendo considerada o posto de trabalho mais procurado pelos saxofonistas.

1.7 Integração do saxofone tenor no âmbito do ensino artístico especializado de música

Habitualmente, os alunos iniciam a sua aprendizagem no saxofone alto por ser o instrumento da família com um maior número de composições, um peso mais equilibrado para o tamanho dos alunos e por ser o mais acessível, em termos económicos. No entanto, no caso dos alunos de

iniciação, é comum iniciarem com o saxofone soprano curvo devido ao seu tamanho, passando, posteriormente, para o saxofone alto.

A família do saxofone é bastante grande, portanto é importante ponderar sobre quais são os motivos que tornam o saxofone alto o único, na maioria das vezes, a ser merecedor da atenção dos compositores que escreveram obras mais acessíveis para os alunos de 4º e 5º grau, por exemplo, ou de ser o único instrumento que subsiste nos programas curriculares da disciplina. O fator tamanho/peso revela uma grande importância quando falamos de alunos com idades entre os 14 e os 15 anos. O facto de o número de obras compostas para saxofone alto ser mais elevado, comparativamente com os restantes membros da família, deriva das características mencionadas anteriormente, principalmente a questão do peso e dimensão. Sendo o saxofone tenor um instrumento maior e mais pesado poderá ser uma condicionante para que as composições para este instrumento sejam afetadas. O saxofone alto possui também um âmbito de registo muito confortável, facilitando imenso a execução e tornando-a quase imediata. Desta forma, torna-se o instrumento favorito para a iniciação do estudo do saxofone.

É importante apresentar alguns exemplos de músicos que executaram ou executam instrumentos da família do saxofone que não o saxofone alto e se é ou não possível adotar os outros instrumentos da família sem dar exclusividade apenas a um deles. Sousa, (2016, p.22) exemplificou uma situação de um aluno de saxofone dos Estados Unidos da América, que iniciou os seus estudos diretamente no saxofone tenor. Tem 13 anos de idade e chama-se James Houlik (1942 –), referência viva deste instrumento com mais de 80 obras dedicadas ao mesmo. Deixou o clarinete para começar a estudar saxofone tenor (Sandberg, 2010, p.4). Em Portugal, apresentando um aluno de 13 anos com uma estrutura normal para a idade, automaticamente ser-lhe-ia dado um saxofone alto para a sua aprendizagem, sobretudo devido à escassez do repertório e para facilitar a sua performance, obtendo sempre resultados positivos (Fernández et al., 2009, citado por, Sousa, 2016, p.22).

Apesar dos quatro instrumentos principais da família despertarem interesse, os compositores limitaram-se a compor exclusivamente para o saxofone alto, por mais qualidades extraordinárias que os instrumentos graves exibissem (Chautemps et al., 2001, p.18). Acredita-se que o foco dado apenas ao saxofone alto era inevitável, pois se o futuro deste instrumento dependia da opinião pública e de um maior número de executantes, o virtuosismo possível num instrumento mais pequeno transforma o saxofone alto numa escolha mais lógica que o saxofone baixo, por exemplo, que era mais pesado e mais caro (Liley, 1998, p.14).

1.7.1 *Análise de programas curriculares da disciplina de Saxofone*

Uma vez que, a informação sobre o ensino do saxofone tenor em Portugal é um pouco escassa, investigou-se e tentou-se compreender, através dos programas curriculares que direccionam os conteúdos a serem lecionados nos diversos estabelecimentos de ensino, se a aprendizagem do Saxofone Tenor na disciplina de Instrumento é, ou não, factual.

1.7.1.1 *Conservatórios Públicos*

Nos Conservatórios Públicos, apenas se encontraram publicados *online*, os programas da disciplina de Instrumento (Saxofone) da Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro e do Conservatório Escola Profissional das Artes da Madeira Eng.º Luiz Peter Clode.

Nos programas divulgados para conhecimento público, ambas as escolas incluem a introdução e prática dos quatro instrumentos principais da família do saxofone: saxofone soprano, alto, tenor e barítono. Estes instrumentos são introduzidos no 5º grau a nível individual e nas diferentes formações musicais, prosseguindo com o trabalho nos seguintes graus de forma a consolidar a sua aprendizagem.

1.7.1.2 *Conservatórios, academias e escolas profissionais do ensino particular e cooperativo*

No caso das escolas particulares e cooperativas, foi realizada uma pesquisa, tendo como finalidade a recolha de programas de Saxofone das mesmas. Porém, apenas a Academia de Música Vilar do Paraíso, o Orfeão de Leiria – Conservatório de Artes e SMG – Conservatório de Guimarães tinham os programas da disciplina disponíveis nos Websites das suas instituições. Foram ainda pedidos os programas a outras instituições para uma pesquisa e análise mais aprofundada, mas estes não foram cedidos pelas mesmas.

Nos documentos destas escolas, não é feita nenhuma referência á aprendizagem do saxofone tenor ou de qualquer outro instrumento desta família com exceção do saxofone alto. No ensino profissional, não existindo a aprendizagem do saxofone tenor ou de qualquer outro instrumento da família dos saxofones, aumenta a gravidade da situação, uma vez que, segundo o Decreto-Lei n.º

310/83 de 1 de julho, essas escolas têm como finalidade intensificar e acelerar o processo de formação de músicos para ocuparem os lugares das orquestras em Portugal.

2. Contexto de Intervenção

2.1 Caracterização do estabelecimento de ensino

Este projeto de intervenção realizou-se no Conservatório do Vale do Sousa, localizado no concelho de Lousada, Distrito do Porto, que pertence à sub-região do Tâmega e Sousa.

Este conservatório era designado, inicialmente, por Academia de Música da Associação de Cultura Musical de Lousada e foi aprovado o funcionamento provisório no ano letivo de 1994/1995 com base no relatório proveniente da IGE e do Despacho de 19 de setembro de 1994. Este consentimento abarcou o funcionamento do 1.º Grau dos Cursos Básicos de Viola Dedilhada, Piano, Flauta Transversal, Saxofone, Clarinete, Trompete, Trombone, Tuba e Percussão, em regime de planos e programas oficiais ao abrigo da Portaria nº 294/84 de 17 de maio. Nos termos do nº 5 do art. 28 do Decreto-Lei 553/80 de 21 de novembro e do Decreto-Lei nº 71/99 de 12 de março, foi concedida, por Despacho de 3 de maio de 1999, autorização definitiva de funcionamento nº 2 a partir do ano letivo 1998/1999. Em 2005/2006, através do voto unânime em Assembleia Geral e reconhecimento por parte da DREN, a designação de Academia de Música da Associação de Cultura Musical de Lousada foi alterada para Conservatório do Vale do Sousa.

No projeto educativo de 2017 com data de término no ano de 2021¹⁵, este conservatório, com autonomia pedagógica obtida em dezembro de 2010, declara que tem como objetivo a promoção, divulgação e ensino da música tendo o apoio do Ministério da Educação.

O Conservatório do Vale do Sousa (doravante denominado por CVS), no âmbito de cursos oficiais, oferece não só o curso em regime articulado, como também o regime supletivo nos níveis de ensino básico e secundário. Abarca ainda o regime de iniciação musical e o curso livre de instrumento. Abriga alunos de vários concelhos vizinhos tais como Paços de Ferreira, Penafiel, Paredes, entre outros, para além dos alunos residentes na região do Tâmega e Sousa. Oferece aos alunos os cursos de Acordeão; Canto; Clarinete; Contrabaixo; Fagote; Flauta; Formação Musical; Guitarra; Guitarra Portuguesa; Oboé; Percussão; Piano; Saxofone; Trombone; Trompa; Trompete; Tuba; Viola; Violino; Violoncelo.

No ano letivo de 2017/2018 frequentaram o CVS 437 alunos, sendo a maioria residente na região do Tâmega e Sousa, tal como já foi mencionado anteriormente.

¹⁵ O projeto educativo para o quadriénio de 2022/2026 encontra-se em elaboração. Posto isto, foi aconselhado pela direção do conservatório a utilização do projeto educativo que ainda se encontra em vigor.

Este relatório, tem como foco a inserção do saxofone tenor no 3º ciclo e ensino secundário, uma vez que em nove blocos de estágio semanal, seis são dedicados ao acompanhamento de alunos destes ciclos e os restantes 3 focam-se no acompanhamento dos 1º e 2º ciclos. Os blocos de supervisão do 3º ciclo e ensino secundário subdividem-se da seguinte maneira:

- 1 bloco – aluno A – 8.º grau, regime supletivo
- 1 bloco – aluno B – 6.º grau, regime articulado
- 1 bloco – aluno C – 4.º grau, regime articulado
- 1 bloco – aluno D – 5.º grau, regime articulado
- 1 bloco – aluno E – 5.º grau, regime articulado
- 1 bloco – aluno F – 3.º grau, regime articulado

2.2 Caracterização dos alunos e das disciplinas

Este projeto de intervenção teve como foco “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”. O projeto não pôde incidir em alunos de graus inferiores devido à sua estrutura corporal, que os incapacita de executar este instrumento, podendo causar algum problema físico ao executá-lo. Assim, em nove blocos de estágio profissional semanal da área de saxofone, seis são dedicados ao acompanhamento de alunos destes ciclos e os restantes 3 focam-se no acompanhamento dos 1º e 2º ciclos. Os blocos de saxofone estão divididos da seguinte forma:

- i. Aluno A – 8.º grau, regime supletivo
- ii. Aluno B – 6.º grau, regime articulado
- iii. Aluno C – 4.º grau, regime articulado
- iv. Aluno D – 5.º grau, regime articulado
- v. Aluno E – 2.º grau, regime supletivo (1º período), regime livre (2º e 3º períodos)
- vi. Aluno F – 2.º grau, regime articulado
- vii. Aluno G – 5.º grau, regime articulado
- viii. Aluno H – 3.º grau, regime articulado
- ix. Aluno I – IV, iniciação

Apesar de existirem seis alunos de 3º ciclo e ensino secundário, o projeto de intervenção pedagógica foi aplicado apenas em dois alunos (alunos B e D). Isto deve-se ao facto do conservatório disponibilizar apenas dois saxofones tenores e também porque os restantes alunos não apresentam

estrutura corporal suficiente para a execução deste instrumento. No caso do aluno de 8º grau, não foi possível integrá-lo neste projeto de intervenção, uma vez que frequenta a disciplina em regime supletivo, encontrando-se a terminar o ciclo de estudos e de modo a não interferir com as suas metas e objetivos definidos previamente em conjunto com o professor da disciplina. Esta disciplina foi supervisionada pelo professor Luís Pereira.

O estágio profissional agrega ainda a disciplina de música de conjunto, neste caso em concreto, a orquestra de sopros do CVS. A disciplina de Música de conjunto integra alunos do 7º ao 12º ano e foi supervisionada pelo professor Filipe Fernandes.

2.3 Caraterização dos alunos

2.3.1 *Aluno B*

O aluno B, um aluno do 10º ano do ensino regular, frequenta o 6º grau, em regime articulado. Apresenta grandes capacidades de aprendizagem e talento, no entanto, tira proveito destas qualidades revelando pouco estudo diário, evidenciando algumas dificuldades na leitura, solfejo e pulsação.

2.3.1 *Aluno D*

O aluno D, é um aluno do 9º ano do ensino regular, que frequenta o 5º grau, em regime articulado. Apesar de esforçado e aplicado revela dificuldades de leitura, solfejo e mantimento da pulsação que não se enquadram no grau em que se encontra. Nas suas prioridades de aprendizagem não se encontra o saxofone, o que dificulta a sua evolução.

3. Metodologia

3.1 Perguntas de investigação

- i. A que se deve o foco exclusivo da aprendizagem do saxofone alto no ensino especializado da música?
- ii. A inserção do saxofone tenor no 3º ciclo e ensino secundário de música motiva os alunos para o processo de aprendizagem?
- iii. O saxofone tenor no 3º ciclo e ensino secundário de música promove aprendizagens significativas?
- iv. Que vantagens e desvantagens promove a inclusão do saxofone tenor no 3º ciclo e ensino secundário de música?

3.2 Investigação- ação

A investigação-ação “é um modo de resolução de problemas e um modo de aumentar e/ou melhorar os conhecimentos sobre o currículo, o ensino e a aprendizagem” (Ribeiro, 2013, p. 120). Designa-se de formas variadas, desde “Ação – Investigação”, “Investigação na e/ou para a Ação”, entre outras, mas o conteúdo e o incentivo são similares. Pode ser compreendida como um tipo de pesquisa social que tem como base vincular a investigação, a parte mais teórica e a ação, a parte mais prática (Fonseca, 2012, p.17).

A investigação-ação tem-se tornado cada vez mais popular em todo o mundo como uma forma de aprendizagem profissional. Tem sido bem otimizada na educação, nomeadamente no ensino, e é agora bastante utilizada em todas as profissões. Um dos benefícios da investigação- ação é que todos podem fazê-lo, sejam eles profissionais “comuns”, diretores, gestores, administradores ou até mesmo estudantes, que podem e devem fazê-lo (Steinberg e Kincheloe 1998).

Coutinho, et al. (2009) refere que “no pensamento sobre a prática educativa está sempre implícito o conceito da reflexão, que é muito importante para a compreensão dessa simbiose.”. Desta forma, a prática e a reflexão dependem mutuamente uma da outra, no contexto pedagógico, visto que a prática educativa apresenta diversos problemas por resolver, perguntas por responder que criam oportunidades de reflexão. A competência de reflexão proporciona o apuramento da origem dos problemas.

Assim, esta foi a metodologia escolhida para aplicar neste projeto de intervenção, uma vez que existiu a identificação de um tema de estudo, neste caso “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”, após a observação das aulas. Segue-se a recolha de dados existentes sobre o tema, que serão analisados e interpretados à posteriori. Finalmente, temos o plano de intervenção que espelha e representa os resultados da investigação-ação.

3.3 Metodologia de intervenção

Para esta intervenção pedagógica foram definidos previamente objetivos de intervenção tais como (i) dar a conhecer a história do instrumento; (ii) promover a motivação e curiosidade da aprendizagem do saxofone tenor; (iii) apresentar reportório distinto e variado para saxofone tenor; (iv) adquirir competências musicais técnicas no âmbito do saxofone tenor; e por último (v) divulgar o saxofone tenor e suas possibilidades musicais. O período de intervenção começou no início do mês de fevereiro e terminou no final do mês de maio, no entanto foram lecionadas algumas aulas de forma esporádica antes do início da intervenção pedagógica.

Foram lecionadas no grupo de recrutamento M18 – saxofone dez aulas planificadas, onde seis dessas aulas, uma delas assistida pelo coorientador, estiveram relacionadas com o tema escolhido para o plano de intervenção. As aulas foram sempre divididas em três secções: parte inicial, fundamental e parte final e avaliação. A avaliação da intervenção pedagógica foi realizada ao longo de todas as aulas, através da observação participativa e não participativa dos resultados obtidos. Foi ainda realizado um diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor para os alunos preencherem.

Na primeira aula dada aos dois alunos inseridos no plano de intervenção foi ainda visualizada uma apresentação intitulada de “O Saxofone Tenor”. Esta apresentação foi o método escolhido para transmitir aos alunos toda a informação sobre este instrumento. De uma forma didática e incomum, este vídeo pretende divulgar o saxofone tenor, a sua história e desenvolvimento ao longo dos anos, bem como da família onde se insere. Aborda ainda, a sua construção, semelhanças com o saxofone alto (o instrumento mais tocado e conhecido da família) e algum do reportório existente, seja ele transcrições ou obras escritas originalmente para este instrumento. O vídeo termina, apresentando o trabalho que irá ser desenvolvido pelo aluno, em conjunto com a professora estagiária, exibindo a obra que irá ser trabalhada ao longo do período de intervenção.

Nesta apresentação foram utilizados métodos expositivos, demonstrativos e ativos, utilizando metodologias como reflexão, descoberta, debate de ideias e esclarecimento de dúvidas.

Durante todo o ano foram sendo dadas informações aos alunos sobre o saxofone tenor, possíveis formações onde podia ser inserido, o mercado de trabalho existente para saxofonistas que toquem saxofone tenor e também foram partilhadas pequenas curiosidades sobre o mesmo.

3.4 Metodologia de investigação

Para esta investigação foram delineados antecipadamente alguns objetivos como (i) perceber o motivo ou motivos pelos quais o ensino do saxofone, no âmbito do ensino artístico especializado, se centra, principalmente, no saxofone alto; (ii) compreender o papel do saxofone tenor no âmbito do ensino artístico especializado da música; (iii) averiguar das possibilidades pedagógicas do saxofone tenor no processo de aprendizagem dos alunos; (iv) identificar vantagens e desvantagens da inclusão do saxofone tenor no ensino artístico especializado de música ao nível do 3º ciclo e do ensino secundário; (v) Explicar o motivo pelo qual o saxofone tenor só pode ser introduzido a partir do 3º ciclo e ensino secundário.

As atividades de intervenção desenvolvidas e mencionadas anteriormente, estão totalmente relacionadas com a base da metodologia de investigação. Esta base é composta pela recolha de dados através de dois inquéritos por questionário, uma entrevista, um diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor e também pela revisão bibliográfica sobre o tema. Nesta revisão foi também incluído a recolha de programas curriculares da disciplina de saxofone de diversas escolas de ensino especializado de música em Portugal, com o objetivo de perceber se o saxofone tenor está, ou não incluído no programa e/ou repertório a ser abordado. Os inquéritos por questionário são direcionados a professores e alunos de saxofone em todo o país que estivessem a lecionar no momento, e a entrevista realizada ao Professor João Pedro Silva têm como objetivo, perceber como se encontra o ensino do saxofone tenor em Portugal. Com estes dados pretende-se avaliar as vantagens e desvantagens, no percurso dos alunos, do ensino deste instrumento e as práticas pedagógicas adotadas pelos professores.

3.4.1 *Inquéritos por questionário*

Ao longo da intervenção foram realizados dois inquéritos por questionário, um direcionado a todos os professores de saxofone (M18) de instituições de ensino especializado de música que

estivessem no ativo em Portugal, e outro direcionado a alunos de saxofone em qualquer instituição do nosso país, sejam elas academias, conservatórios, escolas profissionais ou escolas de bandas filarmónicas, por exemplo. Todos os questionários foram realizados *online*, mantendo o anonimato dos inquiridos.

O inquérito por questionário realizado aos professores procurou averiguar o estado do ensino do saxofone tenor em Portugal, nos diferentes níveis e tipos de ensino especializado de música, ao nível dos programas curriculares da disciplina e dos exercícios didáticos; compreender qual a altura mais apropriada para introduzir a aprendizagem deste instrumento; e identificar quais as vantagens e desvantagens da aprendizagem do saxofone tenor no percurso académico dos alunos. Este dividiu-se em seis secções, sendo que algumas perguntas eram comuns a todos os inquiridos, seccionando-se depois, conforme as respostas dadas. Assim, os professores que afirmaram que o ensino do saxofone tenor era mencionado nos programas curriculares das instituições onde lecionam seguiram para uma nova secção onde foram questionados sobre quando é que era introduzido e se achavam que era importante o ensino deste instrumento da família dos saxofones. Os professores que disseram que o ensino do saxofone tenor não estava previsto nas instituições onde lecionam foram direcionados para uma nova secção chamada currículo oculto, onde foram inquiridos sobre a inclusão deste instrumento nas suas aulas, mesmo que não constasse no programa curricular da disciplina, e ainda em que níveis é introduzido. Os inquiridos voltaram a ter uma secção em comum (secção cinco) onde é perguntado se os docentes já lecionaram alguma vez este instrumento. Aos inquiridos que respondam que não, o inquérito termina nesta mesma secção. Os que afirmarem de forma positiva, serão direcionados para uma última secção onde foram inquiridos os tipos de abordagem com este instrumento. O inquérito termina com a seguinte pergunta: “De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?”.

O questionário realizado aos alunos teve como principais objetivos apurar a relação dos alunos com este instrumento, se já o tinham tocado alguma vez, em que contexto e se gostam de tocar saxofone tenor. Tal como o questionário dos professores, este inquérito por questionário foi dividido em secções, sendo algumas perguntas comuns a todos os questionados, seccionando-se depois, conforme as respostas dadas. Desta forma, os alunos que responderam “sim” à pergunta “costumas tocar saxofone tenor?” foram encaminhados para uma nova secção onde foram abordados os contextos em que o tocaram, se já tiveram aulas com este instrumento e se gostam de tocar saxofone tenor. Aos que responderam que “não” à questão mencionada anteriormente foram direcionados para a secção “prática do saxofone tenor” onde lhes foi questionado se gostavam de tocar este instrumento e em que contexto. Por fim, o inquérito termina com uma secção comum (secção quatro) onde lhes é

perguntado se conhecem as diferenças entre o saxofone tenor e o saxofone alto e se acham importante tocar saxofone tenor, pedindo para que classifiquem essa importância de 1 a 5 sendo 1 – nada e 5 – muito.

Os inquéritos por questionário realizados, tiveram como base perguntas de resposta obrigatória. Contiveram perguntas de escolha múltipla, caixas de verificação e perguntas de resposta aberta, onde os inquiridos poderiam dar a sua opinião pessoal.

3.4.2 *Recolha e análise de programas*

Para este relatório foram recolhidos programas curriculares da disciplina de saxofone de diversas escolas de ensino especializado de música, tendo como objetivo principal apurar o estado do ensino do saxofone tenor nos diferentes graus, em Portugal. Para esta pesquisa e análise foram recolhidos programas das escolas que têm estes documentos publicados *online*, nos seus websites.

3.4.3 *Entrevistas*

Foi também realizada uma entrevista a um dos professores e saxofonistas português que mais se destaca na performance do saxofone tenor. Com esta entrevista pretendeu-se compreender qual a opinião do entrevistado relativamente ao estado do ensino do saxofone tenor em Portugal, comparativamente com o ensino deste instrumento noutros países; aferir vantagens e desvantagens da aprendizagem deste instrumento e da sua inserção nos programas curriculares da disciplina de saxofone; e, ainda, perceber qual o seu ponto de vista no que diz respeito ao reportório para saxofone tenor. O saxofonista entrevistado foi o professor João Pedro Silva, uma personalidade do saxofone de renome a nível nacional e internacional. O seu contributo, a sua opinião e colaboração foram fundamentais para este relatório, completando, assim, os dados obtidos através dos inquéritos por questionário.

3.4.4 *Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor*

No início da intervenção foi ainda entregue aos alunos participantes um “diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”. Com este diário procurou-se averiguar quais e quantos foram os momentos de prática deste instrumento e em que contexto, desde aulas individuais, aulas de orquestra ou até mesmo estudo; se existiu uma evolução significativa do interesse dos alunos por este

instrumento, ou não; quais as dificuldades e facilidades que sente ao longo da execução; se gosta do instrumento e do repertório que está a tocar. Aos alunos foi pedido que preenchessem o diário sempre que tocassem saxofone tenor, fazendo uma pequena reflexão no final de cada performance, respondendo, depois, às onze questões, podendo ainda acrescentar alguma observação pessoal no final.

4. Instrumentos de recolha e análise de dados

4.1 Inquéritos por questionário “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”

Para este relatório foram realizados dois inquéritos por questionário, tal como já foi mencionado anteriormente, direcionados a professores e alunos de saxofones, em Portugal. Ambos os questionários foram elaborados através da plataforma de formulários da Google – *Google Forms*.

4.1.1 *Professores*

O primeiro inquérito por questionário tinha como público-alvo professores de saxofone (M18) de instituições de ensino especializado de música que estivessem no ativo, em Portugal. Após a publicação e envio para as escolas e professores dos diferentes espaços geográficos do país, foram obtidas 31 respostas. O propósito final deste inquérito passou, não só, por averiguar o estado do ensino do saxofone tenor em Portugal nos diferentes níveis e tipos de ensino especializado de música, ao nível dos programas curriculares da disciplina e das práticas pedagógicas, bem como, compreender qual a altura mais apropriada para introduzir a aprendizagem deste instrumento. Teve ainda como objetivo identificar quais as vantagens e desvantagens da aprendizagem do saxofone tenor no percurso académico dos alunos.

Assim, o inquérito por questionário iniciou-se com uma primeira secção de caracterização dos inquiridos. A duas primeiras perguntas pretendiam identificar a faixa etária dos professores, bem como o género predominante. O modelo de resposta utilizado em ambas as questões foi de escolha múltipla, podendo selecionar apenas uma das opções dadas. Nos resultados podemos constatar que grande maioria dos professores, quase 50 %, se encontra na faixa etária dos 30 aos 39 anos e são do sexo masculino.

A primeira secção segue com uma terceira pergunta que tencionava identificar a zona geográfica em que cada professor lecionava. Foram fornecidas cinco respostas possíveis no modelo de caixa de verificação, para que professores que se encontrassem a lecionar em zonas geográficas distintas pudessem mencioná-lo. Foi então possível verificar que 61,33 % dos professores lecionam na zona norte do país, mesmo que existam algumas respostas do centro, sul e região autónoma da

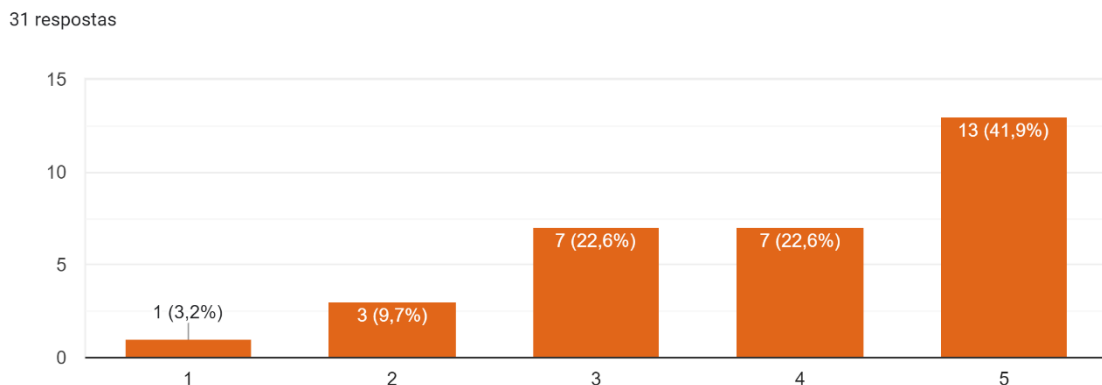
Madeira e dos Açores. Apenas dois professores dizem lecionar em duas zonas diferentes do país em simultâneo.

Após identificar a distribuição geográfica dos professores, foi-lhes questionado os graus de ensino que lecionavam, fazendo um paralelismo aos graus do ensino especializado de música, selecionando assim os seguintes níveis: iniciação correspondente ao 1º ciclo, o 2º ciclo que equivale ao 1º e 2º grau, o 3º ciclo representa do 3º ao 5º grau e o ensino secundário que corresponde do 6º ao 8º grau. Esta pergunta seguiu o modelo de caixa de verificação, para que fosse possível assinalar diversos níveis de ensino em simultâneo, uma prática comum no ensino especializado de música. O segundo e o terceiro ciclo foram os níveis mais indicados pelos professores. Apenas um dos 31 inquiridos afirmou não lecionar nestes níveis de ensino. Em relação à iniciação e ao ensino secundário as percentagens são inferiores, 26 professores dizem lecionar alunos de iniciação e 25 afirmaram lecionar no ensino secundário. Desta forma, estes dados recolhidos podem considerar-se diversificados e equilibrados no que concerne aos níveis lecionados pelos docentes.

Em seguida, de maneira a compreender melhor a relação dos inquiridos com o saxofone tenor, foi-lhes perguntado se costumam tocar este instrumento, ao qual a maioria respondeu que “sim”. Esta era uma pergunta de resposta única, tendo apenas como possibilidade de resposta “sim” ou “não”. No decorrer da questão anterior, foi pedido aos docentes que classificassem de 1 a 5 quão importante era, para eles, tocar saxofone tenor, sendo que 1 era nada importante e 5 muito importante. 41,9 % dos docentes disseram achar muito importante tocar saxofone tenor, no entanto, houve também quem discordasse e não considerasse nada importante executar este instrumento.

Figura 8

“De 1 a 5 quão importante é, para si, tocar saxofone tenor?”



Nesta temática foi-lhes ainda questionado sobre se já tinham tido aulas com um saxofone tenor e em que contexto. A primeira questão encontrava-se no formato de resposta única onde, mais uma vez, poderiam selecionar apenas “sim” ou “não” e foi possível concluir que 20 docentes dos 31 participantes já tiveram aulas com um saxofone tenor. Quanto à segunda questão, era direcionada apenas ao inquiridos que responderam “sim” na pergunta anterior e seguia o modelo de resposta livre curta. Aqui, foi possível constatar que a grande maioria teve aulas apenas no ensino secundário ou superior e em contexto de grupo, como orquestra ou grupos de música de câmara.

Prosseguimos para a secção dois, que tem como temática a inserção do saxofone tenor nos programas curriculares da disciplina. Assim sendo, os professores responderam à pergunta sobre se o saxofone tenor integra o programa curricular de alguma instituição onde lecionam, ao qual a maioria dos inquiridos diz que não. Nesta secção, os docentes que afirmam incluir o saxofone tenor nos seus programas curriculares seguia para a secção três. No caso dos professores que disseram não incluir este instrumento, ou seja a maioria, foram direcionados para a secção quatro.

Na secção três foi questionado em que níveis de ensino estava previsto o ensino do saxofone tenor no programa curricular da instituição de ensino, ao qual 92,9 % dos perguntados afirmou introduzir este instrumento no nível secundário. Ainda assim, alguns docentes afirmaram introduzir o saxofone tenor no 2º ciclo (7,1%) e 3º ciclo (35,7%). O modelo de resposta utilizado foi caixas de verificação, para que os docentes pudessem selecionar mais do que uma opção.

Posteriormente, no sentido de compreender melhor o ponto de vista dos professores, estes foram inquiridos sobre a integração do saxofone tenor nos programas curriculares da disciplina de saxofone, se acham que este instrumento os devia integrar e porquê? A primeira pergunta segue o formato de resposta única, podendo selecionar apenas “sim” ou “não” e a grande maioria diz achar que o saxofone deveria integrar os programas curriculares da disciplina, “sim”. Em relação à segunda questão, seguiu o modelo de resposta livre longa e a maioria afirmou achar importante para uma maior diversificação e conhecimento dos diferentes instrumentos da família do saxofone, desta forma, os alunos teriam uma maior facilidade de adaptação e flexibilidade.

A secção 4 intitulada de “currículo oculto” foi direcionada para os professores que disseram não incluir o saxofone tenor nos seus programas curriculares. Posto isto, foi-lhes questionado se, apesar deste instrumento não constar nos programas curriculares da disciplina, se o lecionavam na mesma, ao qual 76,5% disse que sim. O modelo de resposta utilizado mais uma vez foi o de resposta única. De seguida, foi-lhes perguntado, através de caixas de verificação, em que níveis de ensino introduziam este instrumento. Uma vez mais a maioria afirmou introduzir o saxofone tenor no ensino

secundário, mas houve também quem dissesse introduzir no 2º (16,7%) e 3º ciclo (50%). Apenas um docente disse introduzir este instrumento na iniciação. Tal como na secção anterior (3), aqui foi-lhes inquirido se do seu ponto de vista, o saxofone tenor deveria integrar os programas curriculares da disciplina de saxofone, ao qual 76,5 % disse que sim. Foi-lhes ainda perguntado o porquê, ao qual os docentes puderam dar a sua opinião no modelo de resposta livre. Nesta pergunta as respostas foram bastante semelhantes às da secção anterior e houve quem afirmasse ainda que “seria importante para experiência dos alunos tocarem outros saxofones que não apenas o alto.”.

Posteriormente, na última secção foi inquirido aos docentes se já teriam lecionado aulas de saxofone tenor ao longo da sua carreira. Nesta resposta, novamente poderiam seleccionar “sim” ou “não”. Averiguou-se que 83,9% dos respondentes já lecionaram aulas de saxofone tenor. Os cinco inquiridos que disseram que nunca deram aulas deste instrumento terminaram aqui o seu inquérito. Os restantes prosseguiram para a seguinte pergunta, onde lhes foi questionado se, para eles, tocar saxofone tenor era o mesmo que tocar saxofone alto, ao qual a maioria respondeu que não. No seguimento da pergunta anterior, os professores responderam a uma questão sobre as estratégias de ensino, se utilizavam as mesmas estratégias de ensino do saxofone alto no ensino do saxofone tenor. Esta foi a questão onde os inquiridos ficaram mais divididos, no entanto 53,8% afirmaram utilizar as mesmas estratégias de ensino em ambos os saxofones. As duas últimas questões seguem o modelo de resposta única, onde as possibilidades eram, mais uma vez, “sim ou “não”.

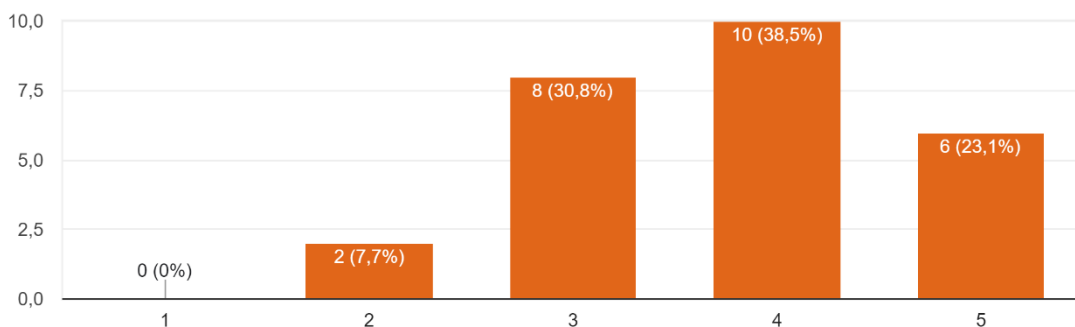
Na pergunta seguinte, direccionada aos 12 inquiridos que responderam de forma negativa na resposta anterior (46,2% dos respondentes), foi pedido que numa pergunta de resposta aberta, indicassem de forma resumida quais as estratégias que diferiam no ensino destes saxofones. Desta forma, foi possível verificar que a maioria dos professores tem estratégias de ensino diferentes na abordagem da postura ao longo da performance, emissão e direcção do ar e embocadura colocando mais boquilha dentro da boca, em relação ao saxofone alto. Foi ainda questionado aos docentes que tipo de materiais didáticos utilizavam ao lecionar saxofone tenor. Foi utilizado o modelo de resposta aberta, onde foi possível verificar diversas respostas. Muitos dos docentes afirmaram utilizar material escrito especificamente para este instrumento. No entanto, houve quem também afirma-se utilizar obras transcritas ou escritas para outros instrumentos em Sib (clarinete, por exemplo). Um dos docentes disse utilizar “Repertório escrito para o instrumento e adequado ao nível do aluno em causa. O repertório técnico é essencialmente o mesmo do alto.”.

Por fim, foi pedido aos docentes que classificassem quão importante era para eles lecionar saxofone tenor onde 1 seria nada importante e 5 seria muito importante. A maioria dos docentes

(38,5%) utilizou a classificação de nível quatro para este questão, seguidos da classificação de nível três (30,8%), nível cinco (23,1%), nível dois (7,7%) e nível um (0%).

Figura 9

“De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?”



4.1.2 Alunos

O segundo inquérito por questionário tinha como público todos os alunos de saxofone de 3º ciclo e ensino secundário das diversas escolas, sejam elas academias, conservatórios, escolas profissionais ou até mesmo escolas de bandas filarmónicas. Após a sua divulgação e envio para as escolas dos vários pontos geográficos do país, foram obtidas 25 respostas. Este inquérito teve como finalidade principal investigar a relação dos alunos com o instrumento, perceber se já alguma vez tocaram saxofone tenor, qual o contexto em que aconteceu e se gostam de tocar este instrumento e se sentem motivados a fazê-lo mais vezes. O inquérito por questionário foi dividido em quatro secções.

A primeira secção baseava-se na caracterização dos alunos e, com a primeira questão, pretendia identificar a faixa etária e o género. Nos resultados foi possível observar que a maioria dos participantes se encontrava na faixa etária dos 14 – 18 anos (17 alunos, 68%) e era do sexo masculino (60%). Ainda assim, sete dos inquiridos afirmou pertencer à faixa etária dos 10 – 13 anos e apenas um disse ter 19 ou mais anos.

Identificada a faixa etária dos alunos participantes e o sexo, estes foram questionados sobre o grau de ensino em que se encontravam. Nesta questão foi possível encontrar pelo menos um aluno de cada grau, sendo os graus dominantes o 5º grau e o 7º grau ambos com 24%, seguido do 3º grau com 20%, 4º grau e 8º grau com 12% e por fim 6º grau com 8%. De seguida os alunos foram questionados sobre há quantos anos tocam saxofone, onde a maioria afirmou tocar este instrumento há cerca de quatro/cinco anos (48%) e ainda, qual o tipo de instituição que frequentava, sendo os conservatórios/ academias a opção mais elegida pelos discentes (52%). Por último, nesta primeira secção foi também inquirido se o aluno costumava tocar saxofone tenor. Conforme a resposta dada os inquiridos eram direccionados para diferentes secções do questionário. Treze alunos disseram não estar familiarizados com o saxofone tenor e foram direccionados para a secção três do inquérito. Os restantes (12) afirmaram estar ambientados com o instrumento e prosseguiram para a secção

seguinte (secção 2), onde lhes foi inquirido em que contexto costumam tocar saxofone tenor. O contexto mais frequente foi o de orquestra de sopros, seguido pelas bandas filarmónicas. Todas as questões com exceção da última seguem o modelo de resposta única, onde os alunos poderiam selecionar apenas uma das opções “sim” ou “não”. Esta última questão segue o formato de caixas de verificação onde os alunos poderiam selecionar mais do que uma opção, no caso de tocarem saxofone tenor em diversos contextos.

A seguinte pergunta segue o modelo de resposta única e pretende averiguar se os alunos já alguma vez tiveram aulas com um saxofone tenor. Neste ponto, 50% dos alunos afirmaram já terem tido aulas com este instrumento, enquanto a outra metade disse nunca ter tido aulas com um saxofone tenor.

No seguimento da resposta anterior, os alunos que responderam de forma afirmativa foram questionados sobre qual o contexto em que tiveram aulas com o saxofone tenor, onde a maioria disse ter aulas de carácter individual com reportório destinado a este instrumento. Esta era uma pergunta de resposta aberta.

Posteriormente, foi pedido aos alunos para classificarem de 1 a 5 quanto gostam de tocar saxofone tenor, sendo 1 – nada e 5 – muito. Sete dos doze discentes que responderam a esta secção dizem gostar muito de tocar saxofone tenor. Os restantes cinco alunos classificaram a sua preferência para tocar este instrumento com nível quatro (1 aluno), nível três (3 alunos) e nível dois (1 aluno).

Esta secção termina com uma questão de resposta única onde se pretendia saber se os alunos gostariam de tocar mais vezes este instrumento, ao qual 75% afirmou positivamente.

Na secção 3 foi pedido aos alunos que nunca tocaram saxofone tenor para classificarem de 1 a 5 quanto gostariam de poder tocar saxofone tenor, sendo 1 – nada e 5 – muito. A maioria (36,8%) disse gostar muito de poder tocar este instrumento. Os restantes alunos classificaram a predileção para tocar este instrumento com nível quatro (31,6%), nível três (21,2%) e nível um (10,5%). Foi-lhes ainda inquirido qual o contexto que gostariam de o fazer.

Finalmente chegamos à última secção, direcionada a todo o inquiridos. Esta contém três questões, duas delas com formato de resposta única, onde contém as possibilidades de resposta de “sim” e “não”, e a última segue o modelo de escala linear, podendo os alunos classificar entre 1 e 5. A primeira questão pretendia averiguar se os alunos conheciam as diferenças entre o saxofone alto e o saxofone tenor, onde 88% dos discentes afirmou conhecer as diferenças entre estes dois instrumentos da família do saxofone. A pergunta seguinte procurava saber se os inquiridos acham importante tocar saxofone tenor onde, uma vez mais, 88% dos alunos considerou importante tocar este instrumento. Por último, a última questão pedia aos discentes para classificarem de 1 a 5 quão importante acham que é tocar saxofone tenor, sendo 1 – nada importante e 5 – muito importante. Assim, 80% dos alunos ficaram divididos entre o nível quatro (40%) e o nível cinco (40%). Os restantes classificaram a importância de tocar saxofone tenor com o nível três (12%), nível dois (4%) e nível um (4%).

4.2 Entrevista ao Professor João Pedro Silva

A entrevista realizada ao Professor João Pedro Silva, foi feita por videoconferência, via zoom, e tiveram como metodologia uma abordagem semiestruturada, de modo a tentar responder aos objetivos propostos, podendo o entrevistado dar a sua opinião e acrescentar alguma informação que achasse pertinente, possibilitando assim uma condução da entrevista mais natural. Com esta entrevista pretendia-se dar resposta aos seguintes objetivos: investigar o estado do ensino do saxofone tenor nos diversos níveis do ensino especializado de música e dos recursos didáticos, em Portugal e noutros países, averiguar as vantagens e desvantagens da aprendizagem deste instrumento no percurso académico dos alunos, identificar qual o momento e reportório indicado para a introdução do saxofone tenor e ainda, compreender a relevância deste instrumento, tendo em conta o mercado de trabalho.

Desta forma, a entrevista iniciou-se com um agradecimento ao professor entrevistado e uma pequena contextualização sobre o tema da entrevista. De seguida, o professor foi questionado sobre a sua ligação com o saxofone tenor e como e quando começou a tocar este instrumento. No caso do Professor João Pedro Silva foi possível verificar que o contacto com o saxofone tenor surge desde o início da sua aprendizagem musical, uma vez que iniciou os seus estudos neste saxofone numa banda filarmónica. Após a entrada no ensino formal, foi-lhe pedido que trocasse para um saxofone alto, deixando de tocar saxofone tenor. Só uns anos mais tarde, é que, por iniciativa própria, decidiu voltar a tocar saxofone tenor.

Na segunda o Professor João Pedro Silva considerou importante dar oportunidade aos alunos de “poderem experienciar os outros instrumentos para além do saxofone alto, no sentido de perceberem as suas particularidades, perceberem as suas potencialidades, perceberem o gosto que eventualmente possam ter em especial por um ou por outro, portanto, acho sim, acho que é muito importante” aprender/ ensinar saxofone tenor. Disse ainda que este instrumento deveria ser introduzido no ensino básico e secundário, por volta dos doze anos de idade.

Após ser conhecida a opinião do entrevistado relativamente aos outros instrumentos da família, para além do saxofone alto, e a importância que cada um tem, é importante destacar o seu ponto de vista no que concerne ao estado do ensino do saxofone tenor em Portugal, no qual o Professor João Pedro Silva menciona que encara “os outros saxofones, para além do saxofone alto, (...), como um complemento para que os alunos percebam que instrumento é que é.”. O entrevistado afirmou que quando os alunos chegam ao sétimo grau já sabe qual foi o instrumento que os discentes

criaram mais afinidade e propõe-lhes fazerem uma “espécie de especialização” nesse instrumento, para quando forem “concorrer ao superior, terem já, entre aspas, um “segundo instrumento” com o qual se identificam e sabem fazer o que querem.”.

As vantagens e desvantagens que via no ensino do saxofone tenor e dos outros dois instrumentos principais da família (soprano e baritono) foi o tema seguinte, no qual o entrevistado refere “que é super importante haver este há vontade e esta liberdade na relação com os outros saxofones, para além do saxofone alto. Acho que é muito limitador aquela ideia de alguém terminar o superior e não se sentir confortável para tocar noutro instrumento.”. Desta forma, acredita que essa preparação e esse trabalho deverá ser realizado previamente, no ensino básico e secundário, havendo assim uma maior preparação por partes dos alunos e um há vontade maior com esses instrumentos. Para que estes “segundos instrumentos”, nomeadamente o saxofone tenor, esteja mais presente na aprendizagem dos alunos do ensino especializado de música, o Professor João Pedro Silva utiliza a música de câmara como veículo principal, onde tenta transmitir aos alunos valências como a improvisação, outras realidades estilísticas, o respeito e comunicação na música instrumental em grupo. Por outras palavras, é através da música de câmara que os alunos têm o seu primeiro contacto com um “segundo instrumento” e, mais tarde caso prossigam os seus estudos, realizam uma “espécie de especialização” no instrumento que criarem mais afinidade.

Questionado sobre a relevância de um saxofonista dominar o saxofone tenor, tendo em conta o mercado de trabalho, o entrevistado mencionou que, nos dias de hoje, o mercado de trabalho é muito exigente e o músico tem de estar muito bem preparado. No caso dos saxofonistas, esta preparação significa ter um há vontade para abordar qualquer um dos saxofones, nas diversas áreas estilísticas, para que se sinta minimamente confortável e capaz de realizar a performance.

O tema seguinte abordado foi o repertório, nomeadamente as obras que o Professor João Pedro Silva acreditava ser fundamental para o saxofone tenor e que o marcaram mais enquanto saxofonista. O entrevistado referiu que apesar de haver menos bibliografia pedagógica para este instrumento, não se sentia limitado, procurando sempre cumprir vários objetivos através da escolha do programa. A obra que considerou como referência para quem toca saxofone tenor foi a *Fantasia* de Heitor Villa – Lobos. Revelou ainda para o entrevistado “é uma das peças mais importantes do nosso repertório, mais bonita e mais bem conseguida”. Mencionou ainda outras obras de diversos estilos musicais como por exemplo a peça a solo *Opçit* de Phillippe Hurrel, com linguagem mais moderna ao que chamamos música contemporânea, *Beat me* de Barry Cockcroft com uma bordagem mais

próxima do jazz e ainda *Grab it* de Jacob TV, uma obra que referencia diversos saxofonistas tenor considerados lendas do saxofone.

Após o entrevistado deixar o seu parecer em relação ao programa imprescindível para este instrumento, foi questionado sobre a sua colaboração com variadíssimos compositores na criação de novo repertório para saxofone tenor e se acha que tem existido uma afinidade maior entre o instrumento e os compositores, ao qual o docente respondeu que não vê habitualmente um compositor escrever de forma deliberada e voluntária uma obra para saxofone tenor ou até mesmo outro instrumento. Acredita que as obras dos dias de hoje surgem através de colaborações entre os compositores e os instrumentistas, onde muitas das vezes os intérpretes dizem para que saxofone querem que a obra seja escrita. No caso do entrevistado, este declarou que, normalmente, não faz referência ao instrumento, nem às referências e estilos musicais, para que os compositores não escrevam de acordo com as informações que deu ou sugeriu, mas sim, em conformidade com o conhecimento que possuem do entrevistado e da relação que existe entre eles.

Por fim, terminando a entrevista o entrevistado afirma ser realmente muito importante a abordagem aos outros instrumentos da família, nomeadamente o saxofone tenor e despertar a atenção para este facto.

4.3 Registo do “diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”

Esta atividade foi realizada com os alunos B e D ao longo de todo o período de intervenção do estágio profissional e forneceu alguns dados dignos de uma reflexão. Neste diário foi possível registar o tempo que os alunos dedicaram a este instrumento, se a motivação e o interesse pelo mesmo foi aumentado e se as dificuldades de adaptação e de execução foram diminuindo ao longo do tempo.

Desta forma, não foi verificado qualquer mudança no que concerne ao tempo de estudo do instrumento desde o início do registo no diário. No entanto, é de destacar que as obras mais estudadas pelos alunos, durante todo o período de intervenção, foram as obras que executavam no saxofone tenor. É de ressaltar que ao longo do período de intervenção foram executadas outras obras e estudos no saxofone alto. Os alunos consideraram, maioritariamente, que o seu estudo foi bom e produtivo, apresentando menos dificuldades no decorrer da intervenção. Verificou-se ainda que estas dificuldades reapareciam quando os alunos praticavam saxofone tenor com menos frequência, nomeadamente direção e suporte de ar e embocadura.

Relativamente ao aumento da motivação e gosto pelo instrumento as opiniões dos alunos dividiram-se. O aluno D afirma gostar muito do saxofone tenor e sentir-se mais motivado para estudar saxofone, contrariamente o aluno B diz não gostar deste saxofone e nem sempre se sentir motivado a estudar o instrumento. No entanto, no final do período foi ao encontro do professor da disciplina de saxofone e, curiosamente, pediu-lhe para tocar a *Fantaisie* de Denis Bedard no saxofone tenor quando, habitualmente, é tocada no saxofone soprano. Ambos os discentes afirmaram gostar do repertório que estavam a executar e as diferenças que sentiram mais ao tocar este instrumento foi o controlo na embocadura e a direção e o suporte do ar.

No caso das dificuldades de adaptação, o aluno D disse não ter sentido nenhuma dificuldade de adaptação, enquanto o aluno B afirmou ter sentido dificuldade na adaptação da embocadura e na necessidade de gastar mais ar do que o habitual. Estas dificuldades de adaptação foi desaparecendo ao longo da prática regular do instrumento.

5. Interpretação dos resultados

5.1 Inquéritos

5.1.1 Professores

No inquérito realizado a professores de saxofone no ativo, atualmente, no ensino especializado de música, foi possível recolher informações muito interessantes e positivas em relação ao tema abordado. Assim, foi possível verificar que a maioria dos professores se encontra na faixa etária dos 30 aos 39 anos e são do sexo masculino. Registou-se ainda uma maior percentagem de professores participantes que lecionam no norte do país, no entanto, quase todas as zonas geográficas foram representadas no inquérito, com exceção da região autónoma dos Açores. Através das respostas dos inquiridos, foi possível apurar que os níveis de ensino mais lecionado são os 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Apesar de ser em menor número, uma grande parte dos professores lecionam também na Iniciação e no Ensino Secundário.

Para conhecer melhor o contexto dos professores de saxofone com o saxofone tenor, foi-lhes questionado se costumam tocar este instrumento, ao qual 58,1% dos inquiridos disse que costumavam tocar saxofone tenor e 41,9% não tem interação frequente com o instrumento. De seguida, foi-lhes pedido para classificar de 1 (nada importante) a 5 (muito importante) quão importante era, para os docentes, tocar saxofone tenor. Quase metade dos inquiridos (41,9%) afirmou ser muito importante tocar saxofone tenor. Quando inquiridos sobre se tiveram aula deste instrumento estes dividiram-se em dois grupos: 64,5% dos docentes referiram que tiveram aulas de saxofone tenor e os restantes 35,5% disseram nunca ter tido aulas deste instrumento. Através da análise dos dados mencionados anteriormente, é possível afirmar que a maioria dos professores teve contacto com este instrumento formalmente. O contexto que estes professores mais mencionaram foi orquestra e/ou música de câmara. Uma minoria mencionou ter tido aulas individuais com repertório para este instrumento.

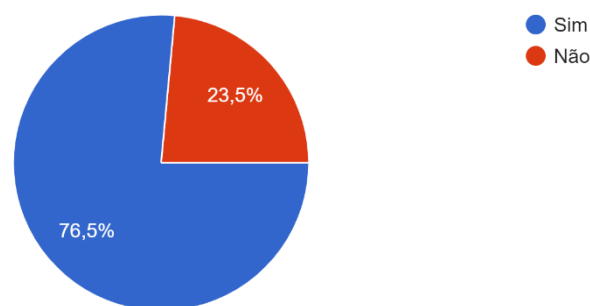
Relativamente às escolas onde estes professores lecionam, investigou-se se o ensino do saxofone tenor estava incluído nos programas curriculares da disciplina de saxofone. Neste tópico, 54,8% dos inquiridos responderam “não”. Os restantes 45,2% afirmaram trabalhar em escolas onde este instrumento integra o programa curricular da disciplina. A este segundo grupo foi pedido que identificassem em que níveis de ensino estava previsto a aprendizagem deste instrumento e a grande maioria mencionou “3º ciclo” e “secundário”. Apenas um inquirido disse estar previsto o ensino deste

instrumento no 2º ciclo. Dos 14 inquiridos que disseram que o saxofone tenor estava incluído nos programas curriculares das escolas onde lecionam 2 acham que este instrumento não devia integrar o programa da disciplina de saxofone e os restantes 12 afirmaram que “sim”, deveria constar no programa da disciplina pelos seguintes motivos: “diversidade de repertório”, “abertura e exploração de outros estilos”, “é tão importante quanto os outros saxofones” e ainda “ o saxofonista deve dominar o maior número possível de saxofones”. Porém, dentro dos 45,2% dos inquiridos que referiram que o saxofone tenor não constava nos programas curriculares das escolas onde lecionam, foi possível encontrar um grupo de docentes (76,5% = 13 inquiridos) que afirmaram lecionar este instrumento ainda que este não estivesse inserido no programa curricular da disciplina de saxofone. 23,5 % desses docentes não lecionavam saxofone tenor.

Figura 10

“Se não consta no programa curricular, inclui na mesma nas suas aulas?”

17 respostas



Estes 13 inquiridos que afirmaram incluir o saxofone tenor nas suas aulas a maioria escolheu o “3º ciclo” e o “secundário” para introduzir este instrumento. Todavia, 3 dos docentes participantes disseram introduzir este instrumento também no “2º ciclo” e na “iniciação”. De seguida, foi questionado a este grupo de docentes em que o saxofone tenor não consta nos programas da disciplina da escola onde lecionam, se acham que este instrumento deveria integrar os programas curriculares, ao qual os mesmo 76,5% acham que “sim” para que exista “diversificação de instrumentos”, “conhecimento de mais repertório”, criando assim uma “maior flexibilidade de adaptação” no alunos e, uma vez mais, porque “é um instrumento tão importante quanto os outros instrumentos da família dos saxofones”. Se somarmos os professores que lecionam saxofone tenor constando, ou não, no programa curricular é possível verificar que 83,9% dos inquiridos lecionam ou já lecionaram saxofone tenor no contexto escolar. É curioso verificar que, apesar de apenas 64,5% dos

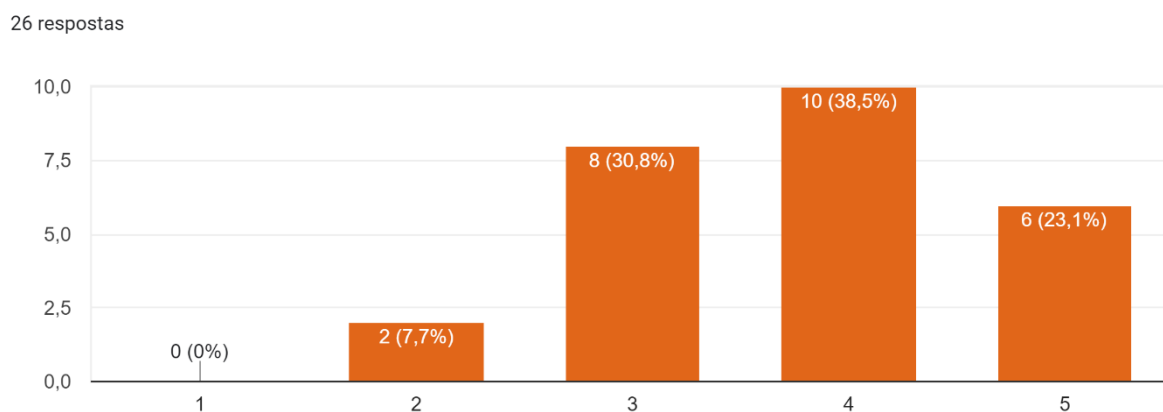
professores participantes terem tido aulas com um saxofone tenor em contexto escolar, 83,9% dos inquiridos dão continuidade a este trabalho. Isto representa uma melhoria bastante significativa.

No que diz respeito ao ensino deste instrumento, 76,9% inquiridos não consideram que tocar saxofone tenor é o mesmo que tocar saxofone alto e 46,2% não utilizam as estratégias de ensino que utilizam ao lecionar saxofone alto. Referem ainda que “a abordagem ao instrumento é peculiar e todo o aparelho físico do instrumento precisa ajustar-se”, nomeadamente embocadura, postura, emissão de ar e posição da língua e da garganta que diferem bastante de um saxofone para o outro. Em relação aos materiais didáticos, a maioria dos docentes afirmaram utilizar reportório escrito especificamente para este instrumento ou adaptações de obras e estudos de instrumentos em Sib, tal como o clarinete.

Por fim, foi pedido aos inquiridos que classificassem de 1 a 5, sendo 1 – nada e 5 – muito, quão importante era para eles lecionar este instrumento. 38,5% considerou ser importante classificando com nível quatro, 30,8% classificou com nível três, 23,1% achou ser muito importante lecionar este instrumento (nível cinco) e por último 7,7% achou pouco importante, classificando com nível dois. Nenhum dos inquiridos achou que não seria importante lecionar este instrumento.

Figura 11

“De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?”



5.1.2 Alunos

O segundo inquérito foi direcionado a alunos de saxofone de todo o país e, neste contexto, foi possível averiguar que 68% dos discente se encontravam na faixa etária entre os 14 e os 18 anos e eram do sexo masculino. No entanto, as faixas etárias entre os 10 – 14 anos e mais de 19 anos

também foram selecionadas. No que concerne aos graus de ensino dos inquiridos 24% disseram estar a frequentar o 5º grau e o 7º grau, 20% afirmaram estar no 3º grau, 12% encontravam-se no 4º grau e 8º grau e, por fim, 8º estava no 6º grau. A maioria dos alunos (48%) afirmou ainda tocar saxofone há cerca de 4/5 anos. As instituições de ensino mais frequentadas pelos inquiridos são conservatórias e academias (52%), seguida das escolas profissionais (44%). Curiosamente, ao contrário do que acontecia há alguns anos há uma minoria que frequenta escolas de ensino não oficiais, como escolas de bandas filarmónicas, por exemplo.

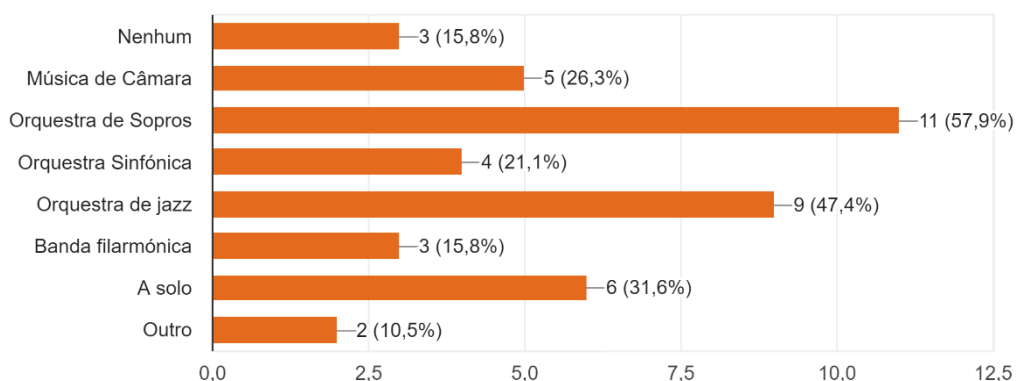
De modo a conhecer o contexto em que estes alunos se inserem, foi-lhes questionado se costumavam tocar saxofone tenor, ao qual 52% respondeu “não” e 48% dos inquiridos costumam tocar este instrumento, a maioria em orquestra de sopros, bandas filarmónicas e música de câmara. Quando questionados se tiveram aulas com um saxofone tenor este ficaram divididos, metade afirmou já ter tido aulas com este instrumento e a outra metade disse que não. Os 50% que tiveram aulas com um saxofone tenor disseram tê-lo feito no contexto de aula individual com repertório específico ou em música de câmara. Curiosamente, houve um discente que mencionou ter iniciado a sua aprendizagem num saxofone tenor.

De seguida, foi pedido aos alunos que classificassem de 1 a 5, sendo 1 – nada e 5 – muito importante, o quanto gosta de tocar saxofone tenor, ao qual a maioria considerou ser muito importante a prática deste instrumento na sua vida. Assim, foram inquiridos se gostavam de praticar este instrumento mais vezes e 75% respondeu “sim”. No total, 68,4% dos alunos classificaram com nível 4 e 5 a sua vontade e gosto de poder tocar saxofone tenor. Os contextos preferidos para a execução deste instrumento são em grupo, nomeadamente, orquestra de sopros e orquestra de jazz. 31,6% dos discentes gostaria de executar este instrumento a solo, em aulas individuais, por exemplo.

Figura 12

Em que contexto gostarias de tocar saxofone tenor?

19 respostas



Por último, de modo a perceber o conhecimento dos alunos em relação ao instrumento, foi-lhes perguntado se conheciam as diferenças entre o saxofone tenor e o saxofone alto, ao qual 88% dos inquiridos respondeu “sim”. Posteriormente, foi-lhes inquirido se acham importante tocar este instrumento e, uma vez mais, 88% respondeu afirmativamente. Deste modo, tinham de classificar de 1 a 5 quão importante era para eles tocar saxofone tenor. A maioria (80% no total) classificou como importante ou muito importante (nível 4 e 5). No entanto, houve também quem considerasse pouco ou nada importante tocar este instrumento, classificando com nível 1 e 2 (8% no total).

5.2 Entrevista

Na entrevista realizada a um dos saxofonistas mais reconhecidos pela sua qualidade performativa a tocar saxofone tenor e não só, de grande renome a nível nacional e internacional, é possível destacar a sua ligação inicial ao saxofone tenor, que se prende com a ligação às bandas filarmónicas. Estas foram e continuam as instituições onde a maioria dos saxofonistas, e não só, iniciam os seus primeiros passos no mundo musical. Nesta formação, os saxofonistas tenor desempenham um papel bastante importante e são necessários, no mínimo, dois instrumentistas para este naipe.

No que diz respeito ao ensino do saxofone tenor, o entrevistado diz que este deve ser incluído nos programas curricular, como também os outros dois instrumentos da família, o saxofone barítono e o saxofone soprano. Acredita que os alunos devem ter a oportunidade de experienciar outros instrumentos para além do saxofone alto. Defende que o primeiro contacto deve ser feito por volta dos 12 anos, no ensino básico através da música de câmara, caso os alunos prossigam os seus estudos, se “especializem” mais num desses instrumentos, como o seu “segundo instrumento”, terminando o secundário com uma relação mais estreita com um outro saxofone, o saxofone com que tiveram mais afinidade, gostaram mais de trabalhar e com o qual se identificam mais. Considera ainda bastante limitador o facto de um saxofonista terminar o superior e não se sentir confortável a tocar um outro saxofone. Acha que esta preparação deve ser iniciada já no ensino secundário, se possível, de modo que o instrumentista esteja preparado e tranquilo, sem qualquer tipo de receio, para tocar nas mais diversas áreas estilísticas, desde o clássico ao contemporâneo, passando pelo jazz e pela música ligeira. Diz-nos ainda que atualmente, “o mercado de trabalho é muito exigente. Portanto, um músico tem de estar realmente muito bem preparado. Este muito bem preparado, no nosso caso, passa por estarmos tranquilos e há vontade para abordar qualquer um dos saxofones”.

O entrevistado considerou a Fantasia de Heitor Villa – Lobos como uma das obras “obrigatórias” para quem toca tenor. Esta é uma das obras standard no repertório de saxofone, principalmente para quem toca instrumento em Sib. Considerada pelo entrevistado uma das obras “mais bonita e mais bem conseguida” do repertório do saxofone. Referiu ainda outras obras de outras áreas estilísticas como por exemplo a peça a solo, considerada música contemporânea, *Opcit* de Phillippe Hurrel, na proximidade com o jazz temos a obra *Beat me* de Barry Cockcroft, para tenor solo temos *Grab it* de Jacob TV que referencia inúmeras lendas do saxofone tenor e ainda, a coleção de Andy Scott com música para saxofone tenor.

Por fim, o entrevistado frisou a importância, na sua opinião, da abordagem aos restantes instrumentos da família e também de trabalhos, como este, que chamam à atenção para este facto.

5.3 “Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”

A atividade realizada ao longo da intervenção no contexto de estágio profissional foi muito útil e proveitosa no que diz respeito à compreensão do tempo dedicado ao saxofone tenor, por parte dos alunos e também da sua motivação ao longo do tempo. Através da recolha de dados foi possível verificar que as dificuldades sentidas por ambos os alunos foram unânimes e foram melhorando e desaparecendo com a prática contínua do instrumento. O repertório escolhido foi, a meu ver, uma mais-valia para o mantimento do interesse e motivação dos alunos, despertando o gosto por este instrumento. O facto da procura, por parte dos alunos, de repertório para ser executado futuramente neste instrumento, demonstra que, apesar de todas as dificuldades de adaptação, os alunos desenvolveram gosto por este instrumento e acreditam que é possível aprender e aprimorar aptidões que completariam a sua formação académica e o seu crescimento enquanto saxofonista.

6. Conclusões e considerações finais

Para a realização deste projeto foram necessários dois elementos fundamentais: em primeiro lugar a intervenção no contexto de estágio, onde pude encontrar a temática deste relatório e, em segundo lugar, o campo investigativo, que me permitiu estudar e investigar mais sobre este instrumento. Estas dois elementos estiveram sempre interligados, uma vez que na intervenção surgiram as questões para que a investigação pudesse ser feita e, desta forma, incidisse sobre a intervenção, apresentando respostas. O decorrer deste trabalho foi bastante difícil, uma vez que as informações sobre esta temática são bastante escassas.

Foi possível cumprir todos os objetivos propostos para este plano de intervenção que compreendiam em dar a conhecer a história do instrumento, promover a motivação e curiosidade da aprendizagem do saxofone tenor, apresentar reportório distinto e variado para saxofone tenor, adquirir competências musicais técnicas no âmbito do saxofone tenor e divulgar o saxofone tenor e as suas possibilidades musicais. O comportamento e atitudes dos alunos ao longo das aulas foram bastante otimistas e a demonstração de interesse em continuar a praticar este instrumento revela resultados do trabalho realizado. As dificuldades apresentadas e mencionadas pelos alunos ao longo do diário de motivação e interesse e a sua superação demonstram que o estudo regular do instrumento, juntamente com disciplina e motivação, facilita todo o processo de adaptação e conhecimento do instrumento. A principal dificuldade sentida foi manter o interesse e motivação dos alunos na fase de adaptação ao instrumento. Esta é a fase mais complicada e por vezes, no caso dos alunos que necessitam de mais tempo para se adaptarem, pode levar ao desinteresse dos discentes. Desta forma, procurei sempre abordar os mesmos conteúdos de diferentes formas para cativar a atenção e curiosidade do aluno.

Relativamente à investigação, esta teve um papel fundamental para obter as respostas necessárias e alcançar conclusões notórias pelo meio da entrevista realizada ao Professor João Pedro Silva, dos inquéritos por questionário realizados a professores de saxofone do ensino especializado de música e alunos de saxofone e ainda através da revisão bibliográfica. Esta última permitiu conhecer toda a história do saxofone, nomeadamente do saxofone tenor, do seu criador e da sua família. Com a revisão bibliográfica e também com as entrevista foi possível abordar e destacar obras de grande importância no panorama musical do saxofone, desde obras a solo, ao contemporâneo, passando pelo jazz e pela orquestra sinfónica. A obra de grande destaque e considerada imprescindível é, sem

dúvida, a *Fantasia* de Heitor Villa – Lobos. Uma obra única, muito bem composta, tocada e gravada por vários saxofonistas de renome internacional.

Os inquiridos por questionário e as entrevistas desempenharam um papel muito importante na investigação e pesquisa sobre o estado do ensino do saxofone tenor no ensino especializado de música em Portugal. Foi possível concluir, através da recolha e análise de dados que o ensino deste instrumento não consta nos programas curriculares da grande maioria das escolas de ensino especializado e que acaba por acontecer de forma informal, através do currículo oculto, uma vez que muitos dos professores afirmaram ensinar este instrumento mesmo não estando incluído nos programas. Seria uma mais valia inserir o ensino não só deste instrumento, como dos outros dois instrumentos da família (saxofone soprano e barítono) nos programas da disciplina de saxofone, complementando assim a aprendizagem dos alunos. As vantagens do ensino deste instrumento são bastantes, tal como podemos verificar e são uniformes entre as opiniões dadas, tanto pelos inquiridos, como pelo entrevistado. Entre elas podemos encontrar exploração de outras áreas estilísticas e repertório; criação de oportunidades para que os alunos possam experienciar outros instrumentos para além do saxofone alto e maior flexibilidade de adaptação. O mercado de trabalho tem vindo a exigir cada vez mais dos instrumentistas e no caso dos saxofonistas, o domínio de todos os saxofones é uma mais-valia e uma “característica” cada vez mais procurada. Desta forma, com apenas um saxofonista uma orquestra, por exemplo, poderá executar qualquer obra com os variados saxofones, onde o músico não terá qualquer problema em executar a obra e estará completamente há vontade para o fazer. O mesmo se pode dizer, no que diz respeito ao conhecimento das linguagens musicais variada e das diferentes áreas estilísticas.

Creio que inserção do ensino do saxofone tenor, bem como dos restantes instrumentos da família, será algo benéfico para o ensino especializado de música e que iremos testemunhar futuramente. Espero, com este relatório, contribuir para o destaque e visibilidade que esta temática merece, fornecendo informação e originando argumentação sobre o mesmo.

7. Referências Bibliográficas

Araújo, S. (1999). *A evolução histórica da flauta até Boehm*.

Associação de Cultura Musical de Lousada – Conservatório do Vale do Sousa. (2017 – 2021). Projeto Curricular. <https://www.acmlousada.pt/o-conservatorio/documentos-orientadores/>

Barbier, R. (1985). *Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Jorge Zahar Editor.

Berlioz, H. (1842). Instrumentos musicais: Sr AD. SAX. *Journal des Débats*, V, p.3. <http://www.hberlioz.com/feuilletons/debats420612.htm>

Bradshaw, S. (n.a). *Concerto for Stan Getz (1990)*. Wise Music Classical. <https://www.wisemusicclassical.com/work/8181/Concerto-for-Stan-Getz-Richard-Rodney-Bennett/?fbclid=IwAR2uNE4bMOW75LTSshFCIjZCqGmigDDHC3PhteSLQtKbpP3yDm5qF1IG9Jg>

Buescher Band Instruments Company. (1911). True – Tone Saxophones. The Origin of the saxophone, p.4. <https://www.saxophone.org/museum/publications/id/101>

Chautemps, J. L., Kientzy, D., Londeix, J. M. (2001). *El Saxofón*. Cooper City: SpanPress Universitaria.

Chen, J.M., Smith, J., Wolfe, J. (2009), Saxophone Acoustics: introducing a compendium of impedance and sound spectra, *Acoustics Australia, Volume (37)*, pp.18-23.

Classic FM. (2022). *A história do Bolero de Ravel*. <https://www.classicfm.com/composers/ravel/guides/story-maurice-ravels-bolero/>

Conn, C. G. (1911). C. G. Conn's perfected Wonder System Saxofone. C. G. Conn's Musical Truth, 9 (8), p. 10. <https://www.saxophone.org/museum/publications/id/146>

Cottrell, S. (2012). *The Saxophone*. Yale University Press.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas.

Decreto-lei n.º 71/99, de 12 de março. Procede à transferência de competências de natureza executiva exercidas pelos Departamentos do Ensino Secundário e da Educação Básica para as direções regionais de educação.

Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho de 1983. Reestrutura o ensino da música, dança, teatro e cinema.

Decreto-lei n.º 553/80, de 21 de novembro. Aprova o Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo.

Despacho n.º 8684/99, de 3 de maio. Aprova o Regulamento das Condições Materiais de Detenção em Estabelecimentos Policiais, publicado em anexo. Atribui à força de segurança respetiva e ao Gabinete de Estudos e Planeamento de Instalações do Ministério da Administração Interna

competências para a proposta de obras de remodelação, necessárias à adequação do disposto no Regulamento.

Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode (s.d), Programa de Saxofone; Funchal; obtido a 05 de janeiro de 2022 em <https://www.conservatorioscoladasartes.com/ensino-artistico-especializado/>

Fonseca, Karla (2012). Investigação – ação: uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*.

Gillis, L. (2019, dezembro 11). *Explorando os arquivos: bodas de ouro de um tesouro de Interlochen*. Interlochen center for the arts. <https://www.interlochen.org/stories/exploring-archives-golden-anniversary-for-interlochen-treasure>

Grout, D. e Palisca, C. (2007). *História da Música Ocidental*. (5ª ed.). Gradiva Publicações.

Henri Selmer Paris. (2022). C – Melody 1922. <https://www.selmer.fr/fr/annonces/fiche-annonce/379a9527-saxophone-tenor-modele-22>

Jacob Tv. (2022). *Grab it!*. <https://www.jacobtv.net/product/grab-it/>

Langlois, F. (2007). *Heitor Villa-Lobos*. Durand Salabert Eschig.

Lapa, F. (2014). *Suite de Tenente Kijé*. Casa da Música. <https://www.casadamusica.com/pt/artistas-e-obras/obras/s/suite-de-tenente-kije-sergei-prokofieff/?lang=pt#tab=0>

Liley, T. (1998). Invention and development. In R. Ingham (Ed.), *The Cambridge Companion to the Saxophone* (7 th ed., 1-19). Cambridge University Press.

Martínez, C. A. (2020). Entrevista a Mario Marzi. *La familia olvidada del saxofón en fa y do: de las patentes a la fabricación y su impacto en el repertorio*.

Marzi, M. (2009). *// Saxofono*. Zecchini Editore.

Mitroulia, E. e Kampmann, B. (2016). Instruments fabriques par Adolphe Sax et son fils, evolution au cours de la période transitoire. *Larigot*, 58, pp. 14-15. https://www.academia.edu/40582590/Instruments_fabriqu%C3%A9s_par_Adolphe_Sax_et_son_fils_%C3%A9volution_au_cours_de_la_p%C3%A9riode_transitoire

Mitroulia, E. e Myers, A. (2022, abril 28). *List of Adolphe Sax Instruments*. Galpin Society. <http://www.euchmi.ed.ac.uk/am/gdsl.html>

Oostrom, L. (2009). *100+1 Saxen de collectie van Leo van Oostrom*. (1ª ed.). Edition Sax.

Portaria n.º 294/84, de 17 de maio. Aprova os planos de estudos dos cursos gerais de Música ao nível do ensino preparatório.

- Sandberg, S. D. (2010). *James Houlik: life of a tenor saxophone specialist* [Dissertação de Doutoramento em Artes Musicais, Universidade de Iowa].
- SaxQuest. (2022). Saxophone Museum. <https://www.saxquest.com/museum>
- Saxophone.org. (2022). *Saxophone Galleries*. <https://www.saxophone.org/museum/saxophones>
- Silva, K.(2016). *O ensino do saxofone popular na graduação em música da UFPB: estratégias e processos didático-pedagógicos* [Dissertação de Mestrado em Ensino de Música, área de Educação Musical, Universidade Federal da Paraíba].
- Silva, N. (2019). *A inserção do saxofone na diversificação da instrumentação de música de câmara no ensino básico do ensino artístico especializado* [Dissertação de Mestrado em Ensino de Música, Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/28492>
- Sousa, J. (2016). *As Técnicas Expandidas como Recurso Didático e Meio de Desenvolvimento Técnico do Repertório para Saxofone Tenor no Ensino Básico* [Dissertação de Mestrado em Ensino de Música, Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/18766>
- Sousa, P. (2008). *História da Música Militar Portuguesa*. (1ª ed.). Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas Lda.
- Steiger, A. (2016). Sax figures: can we deduce details of Adolphe Sax's instrument production from the sources?. *Reveu belge de Musicologie*, 70, pp. 129-132. <https://www.jstor.org/stable/i26622768>
- Steinberg,S e Kincheloe,J. (1998). *Students as Researchers: Creating Classrooms that Matter*. Falmer.
- Teal, L. (1963). *The Art of Saxophone Playing*. Alfred Music.
- Teatro Nacional de São Carlos. (2022). *Audições para reforços Oboé/ Corne Inglês*. <https://tnsc.pt/audicoes-orquestra-sinfonica-portuguesa-oboe-corne-ingles-2022/>
- Turner, N. (1998). The saxophone family: playing characteristics and doubling. In R. Ingham (Ed.), *The Cambridge Companion to the Saxophone* (7 th ed., 95-96). Cambridge University Press.
- Villa-Lobos, H. (1948). *Fantasia*. Peer Music Classical.

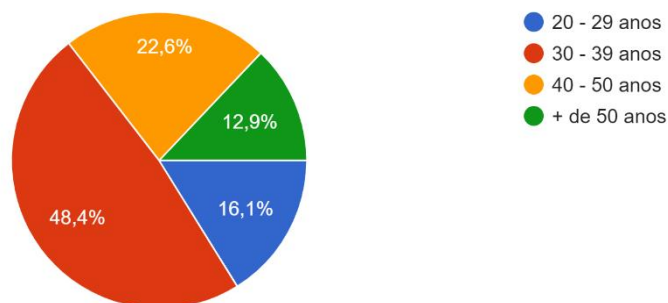
8. Anexos

8.1 Inquéritos por questionário “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música”

8.1.1 *Professores*

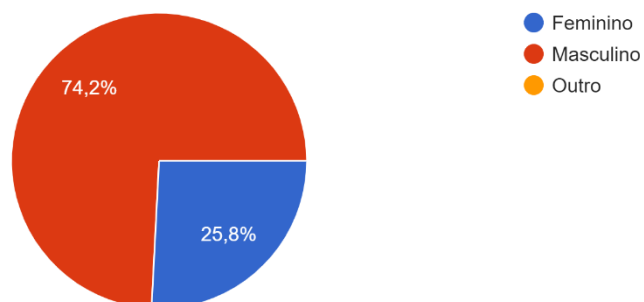
Idade?

31 respostas



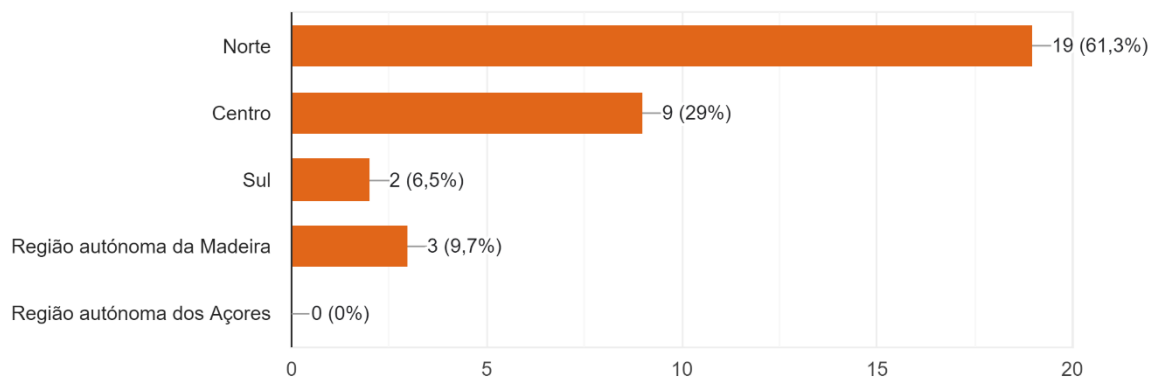
Género?

31 respostas



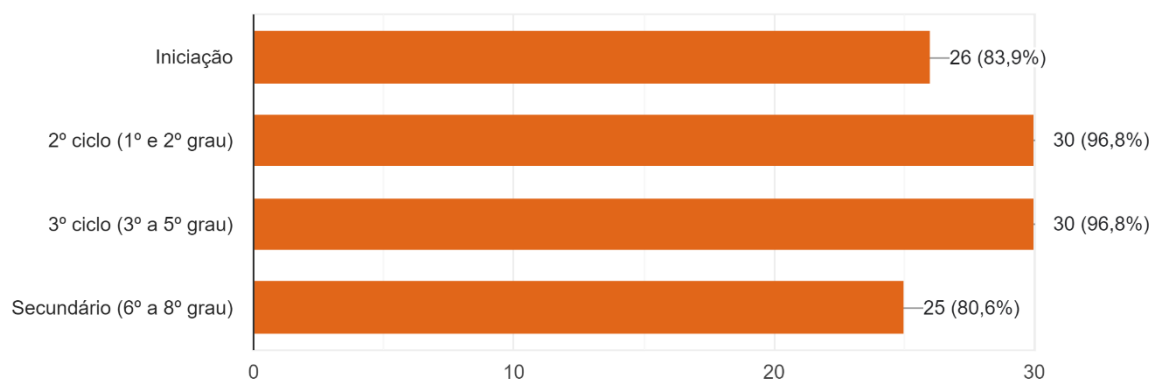
Em que zona do país leciona?

31 respostas



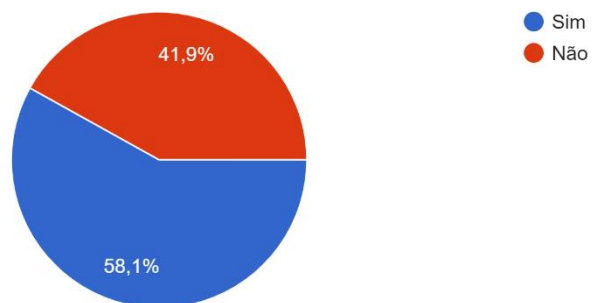
A que níveis de ensino leciona?

31 respostas



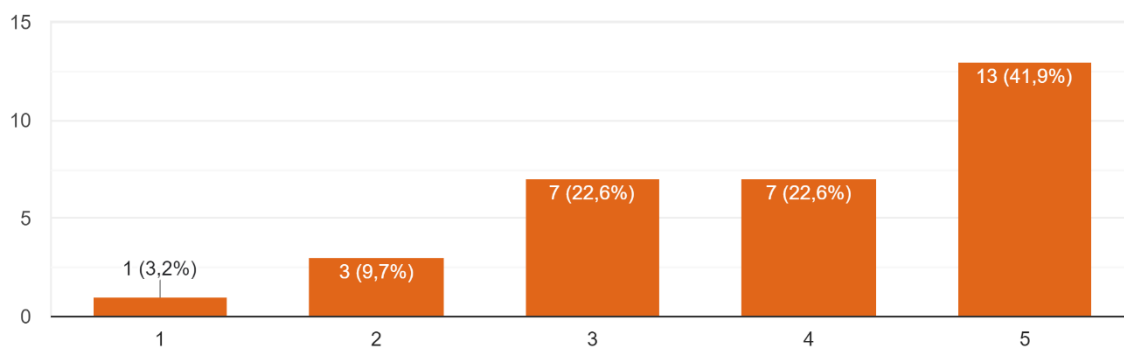
Costuma tocar saxofone tenor?

31 respostas



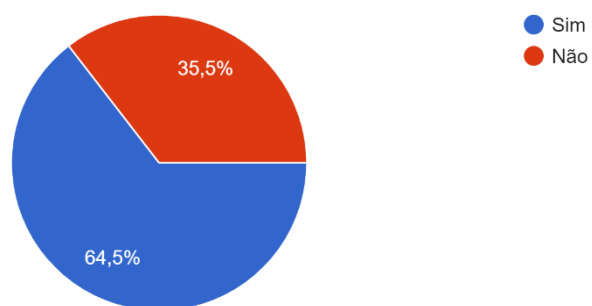
De 1 a 5 quão importante é, para si, tocar saxofone tenor?

31 respostas



Já alguma vez teve aulas com um saxofone tenor?

31 respostas



Se sim, em que contexto?

19 respostas

- Orquestra de Sopros
- No contexto escolar do secundário.
- Ensino secundário
- Em contexto de aulas de música de câmara.
- Repertório próprio para saxofone Tenor
- Aulas de conjunto (quarteto de saxofones)
- Preparação para exame.

Preparação de repertório em saxofone tenor.

Ensino Superior (Licenciatura)

Música improvisada

Curso Complementar e em Ensemble e Quarteto

Música de Conjunto (preparação ou individual)

Música de Câmara

Acompanhar o aluno numa peça de Quarteto de Saxofones

Contexto de ensino secundário e nível superior.

Escola Profissional, Escola Superior, Masterclasses, Workshops

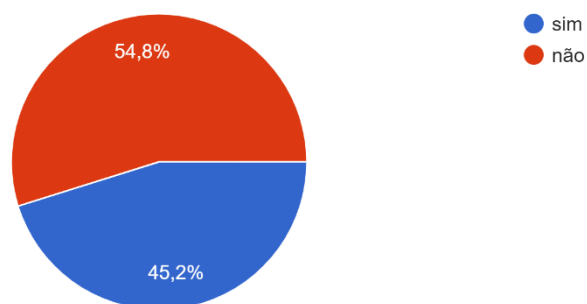
No Cons. Nacional de Lisboa - uma obra para tenor

Ensino secundário de música e ensino superior.

Musica de Câmara, Solo

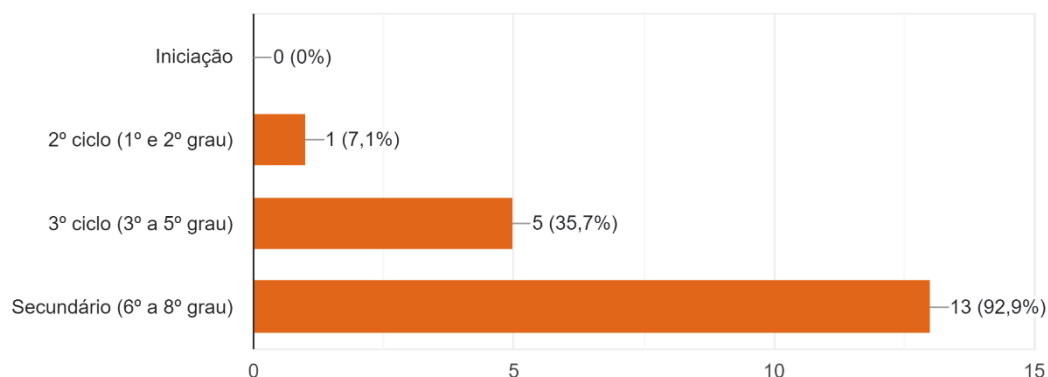
O saxofone tenor integra o programa curricular de alguma instituição onde leciona?

31 respostas



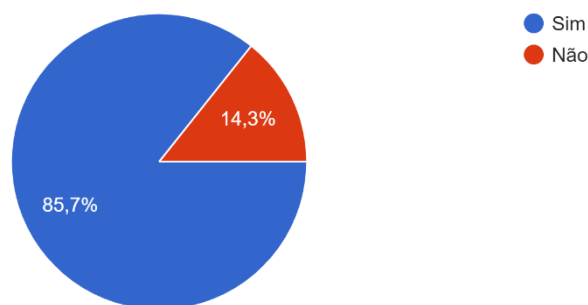
Em que níveis de ensino está previsto o ensino do saxofone tenor no programa curricular da instituição de ensino?

14 respostas



Do seu ponto de vista, o saxofone tenor deveria integrar os programas curriculares da disciplina de saxofone?

14 respostas



Porquê?

14 respostas

É tão importante quanto os outros saxofones.

É fundamental ter a experiência de executar outros saxofones além do alto.

Abertura e exploração de outros estilos e repertórios.

Creio que o tenor, bem como os restantes saxofones que constituem o quarteto de saxofone (soprano, alto, tenor e barítono) devem fazer parte do programa curricular de saxofone no ensino secundário. No entanto, na iniciação e 1º e 2º ciclo creio que é importante demonstrar o tenor (bem como o soprano, alto e barítono), mas o tenor não deve obrigatoriamente fazer parte do programa curricular já que é um instrumento de maior tamanho que não é adequado para todos os alunos de iniciação até o 5º grau.

O domínio de pelo menos 2 saxofones, é uma competência fundamental que os alunos que terminam o curso secundário devem adquirir.

Porque os alunos devem ser capazes de executar com bom nível os 4 saxofones (SATB).

Pela diversidade de repertório.

O aluno de saxofone, na minha opinião, deve saber executar no secundário dois tipos de saxofone pelo menos. Depois depende um pouco do gosto e da fisionomia do aluno para a escolha de outro saxofone para além do saxofone alto onde maioritariamente se faz toda a aprendizagem de um aluno com um percurso habitual (1º grau ao 8º grau).

Se existe e houver interesse em tocar, porque não??!!

Porque é um instrumento da família dos saxofones e permite fazer o mesmo trabalho que se faz noutro saxofone qualquer.

A volatilidade do aluno saxofonista permite em tempo util a sua utilização , pelo que nao vejo necessidade de um programa curricular

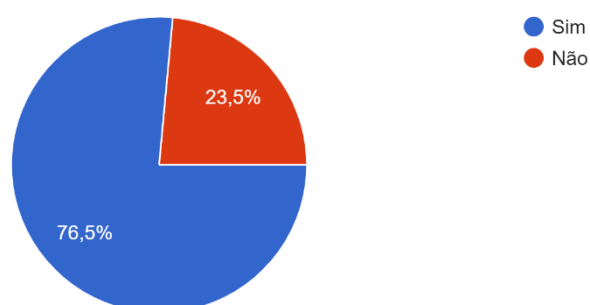
O sax Tenor já faz parte do plano curricular do secundario, assim como o soprano e o barítono.

O saxofonista deve dominar o maior número possível de saxofones

Possibilitar ao aluno tocar todos os saxofones em contexto académico. Explorar o repertório do instrumento. Promover a música de conjunto.

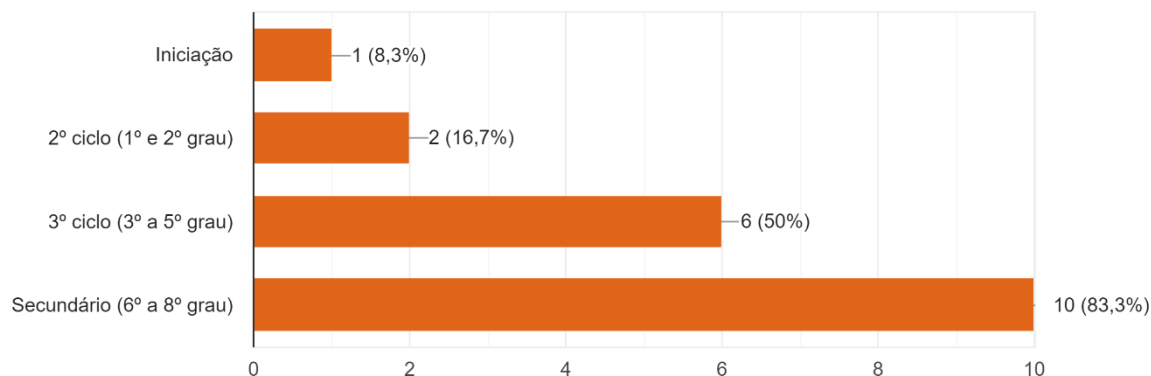
Se não consta no programa curricular, inclui na mesma nas suas aulas?

17 respostas



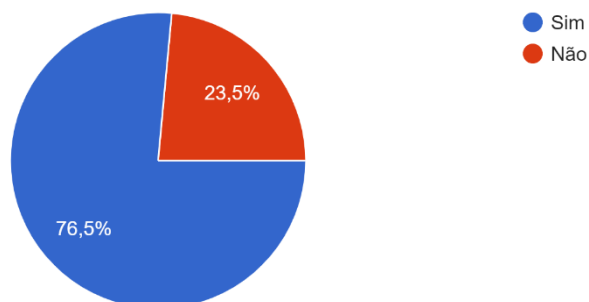
Se sim, em que níveis de ensino?

12 respostas



Do seu ponto de vista, o saxofone tenor deveria integrar os programas curriculares da disciplina de saxofone?

17 respostas



Porquê?

17 respostas

Deve integrar se for a opção do aluno.

Para o aluno conseguir ter contacto com outro instrumento da família e compreender a abordagem a ter com esse instrumento, bem como diferente tipo de repertório.

Seria importante para experiência dos alunos tocarem outros saxofones que não apenas o alto. Fomentaria também a criação de quartetos, trios e orquestras de saxofones nas escolas. Melhoraria igualmente a qualidade do naipe nas orquestras de sopro.

Entendo que todos os saxofones devem integrar os planos curriculares para facilitar a especialização, nomeadamente no Secundário.

Não nos níveis básicos. Nível secundário com certeza!

Considero que será importante integrar todos os saxofones (de alto a barítono) para que o mesmo seja mais completo.

É muito importante para a formação dos alunos.

As escolas teriam que, obrigatoriamente, ter um instrumento para os alunos usufruírem. Isso manteria a subsistência do naipe completo nas orquestra e proporcionaria a criação de grupos de música de conjunto dentro da classe.

Conhecimento de mais repertório. Obriga a uma maior flexibilidade de adaptação.

Diversificação de instrumentos

O programa curricular está apoiado em competências que são transversais a qualquer saxofone, o tipo de saxofone utilizado não deve condicionar o programa.

Para os alunos terem a experiência de tocar mais um saxofone para além do alto. A partir do 3º grau promovo os alunos a tocar tenor, soprano e barítono para fazer música de camara. Alguns alunos de 4º e 5º tocam peças a solo como os solos de concerto do Singelé.

É importante que os alunos experienciem família e são inseridos nas Orquestras de Sopros, Bandas Sinfónicas e Orquestras Sinfónicas. Assim como é interessante e importante que toquem peças noutros saxofones, sejam com piano ou a solo.

Nos programas curriculares dos Conservatórios, não consta diretamente que devem tocar outro tipo de saxofone, contudo podem constar peças no programa para outros instrumentos, principalmente a partir do secundário. Assim como noutras classes, por exemplo no Clarinete, onde podem realizar programa no clarinete em lá, baixo ou mesmo na requinta.

A minha resposta não era decididamente um não mas, não acho que tenha de fazer obrigatória dos programas curriculares da disciplina. Podem existir várias condicionantes que colocam em causa essa obrigatoriedade. Por um lado, a questão de adaptabilidade de cada um dos alunos/instrumentistas. Por outro, as escolas/alunos podem até não ter condições de ter o instrumento para praticar. Acho que o tenor deveria ser tratado como outro saxofone da família. O contacto deve ser feito com todos.

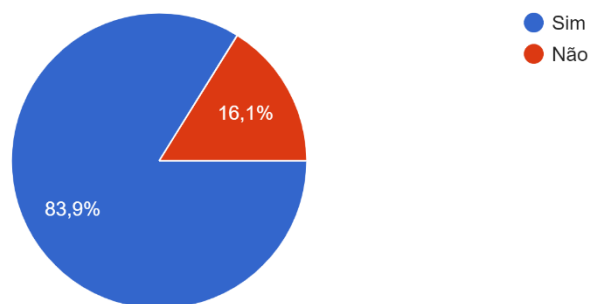
É um saxofone diferente do mais utilizado (saxofone-alto). Por ser mais pesado só recomendaria a um aluno que tivesse disponibilidade física para tal e já a partir de um nível de 7º/8º Ano (3º/4º Grau) para cima. Tem aspectos característicos de afinação, timbre, controlo do ar que são completamente díspares do saxofone alto. É mais comum haver um primeiro contacto em aulas de classe de conjunto com o tenor e também, em alguns casos, com o barítono.

É um instrumento tão importante quanto os outros instrumentos da família dos saxofones.

É importante ter contacto com os diversos saxofones.

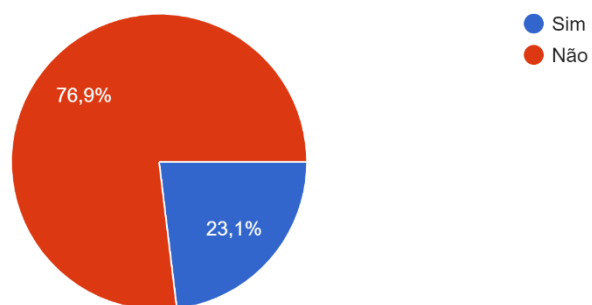
Já lecionou saxofone tenor durante a sua carreira enquanto docente?

31 respostas



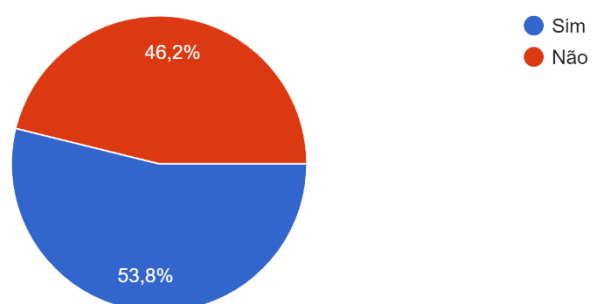
Para si, tocar saxofone tenor é o mesmo que tocar saxofone alto?

26 respostas



Utiliza as mesmas estratégias de ensino do saxofone alto com o saxofone tenor?

26 respostas



Se não, quais é que diferem?

12 respostas

Embocadura, Postura, Som.

mais ar, mais instrumento, mais boquilha na boca ;)

De forma geral há preocupações que temos que ter com o tenor, tais como maior quantidade de ar, equilíbrio de timbre e embocadura mais relaxada.

A colocação da língua e da garganta é diferente

A diferença para mim está no desenvolvimento da emissão sonora.

A abordagem ao instrumento é peculiar e todo o aparelho físico do instrumentista precisa ajustar-se.

Emissão do ar, controlo em todo o registo do instrumento e controlo na respiração. O registo harmónico é totalmente diferente do alto.

Embora a técnica base seja a mesma, há algumas diferenças no que respeita a postura, posições digitais, afinação, harmónicos, material com que tocar, forma de soprar, entre outras.

A embocadura e o cariz de estudo e técnica

A forma de vocalizar é diferente, emissão de ar diferente, técnicas extendidas diferentes, etc.

Direção e volume do ar, afinação, postura (muito diferente)

embocadura, sonoridade, postura, articulação

Que tipo de materiais didáticos utiliza para lecionar saxofone tenor?

26 respostas

Guy Lacour Volume nº1 e 2, 48 Etudes pour tous les Saxophones de W. Ferling.

Os materiais que estiverem disponíveis

Peças que fazem parte sobretudo do repertório de clarinete

Peças escritas para o instrumento.

Os estudos são os mesmos, quanto a peças já tenho uma grande quantidade de peças transcritas ou escritas mesmo para instrumentos armados em Si b

T 20 boquilha
3.5 palhetas vandoren
Yamaha

Saxofone tenor Yamaha 62, boquilha Selmer Concept, palheta 3 V12, abraçadeira Bambu Nova.

Métodos gerais e peças escritas especificamente para saxofone tenor.

materiais do instrumento? partituras? recursos?

Peças específicas para saxofone e tenor

Obras escritas para saxofones em Sib

Repertório escrito para o instrumento e adequado ao nível do aluno em causa. O repertório técnico é essencialmente o mesmo do alto.

Peças escritas para saxofone tenor.

Repertório específico para piano e por vezes estudos que trabalhem o registo todo (especialmente graves e agudos).

Peças específicas e métodos

O mesmo que para outro saxofone

Ao de livros de estudos, os mesmos. Ao nível de peças musicais, peças escritas para saxofone ou adaptadas.

Os métodos iguais aos do sax alto , sendo que o registo super agudo e diferente

Estudos convencionais, escalas, Solos de concerto Singelé e peças pontuais. Para além das músicas de camara.

Que material se refere?

Boquilhas? Palhetas? Ou programa? Estudos ou peças?

Material específico: peças (a solo ou com acompanhamento de piano) e partes de quarteto

Yamaha 480, Boquilha Selmer c* e palhetas D'addario 3+.

Os materiais dependem do nível do aluno. Numa fase inicial tenta-se reciclar um pouco do que fez no saxofone-alto (porquê não começar com os 23 Minipuzzles ou os 50 Lacour?), porque é algo de que está mais à vontade. A partir daí o material didático que existe não é super específico para o tenor. Há mais opções se optarmos por uma linguagem mais moderna, jazz ou até contemporânea.

Diria que para ter uma melhor noção do instrumento, tocar em quarteto de saxofones é o melhor que se pode fazer. Ganham-se muitas valências: de afinação, som/timbre, projeção, etc.

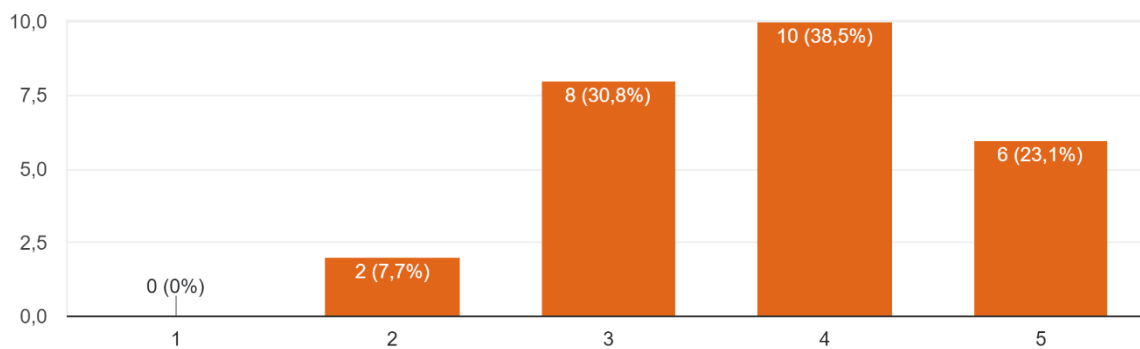
Os mesmos estudos e peças apropriadas

Saxofone tenor Yamaha 62, boquilha Selmer Concept, palheta 3 V12, abraçadeira Bambu Nova.

Métodos gerais e peças escritas especificamente para saxofone tenor.

De 1 a 5 quão importante é, para si, lecionar saxofone tenor?

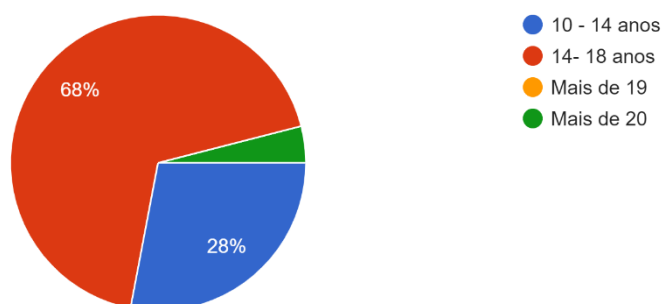
26 respostas



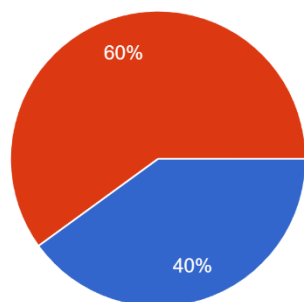
8.1.2 Alunos

Idade?

25 respostas

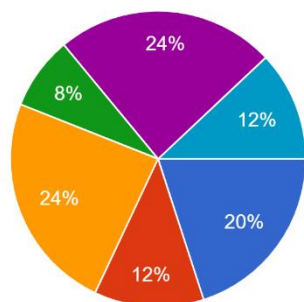


Género?
25 respostas



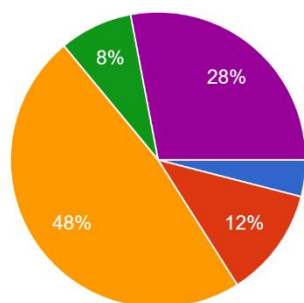
- Feminino
- Masculino
- Outro

Qual o teu grau de ensino?
25 respostas



- 3º grau (7º ano)
- 4º grau (8º ano)
- 5º grau (9º ano)
- 6º grau (10º ano)
- 7º grau (11º ano)
- 8º grau (12º ano)

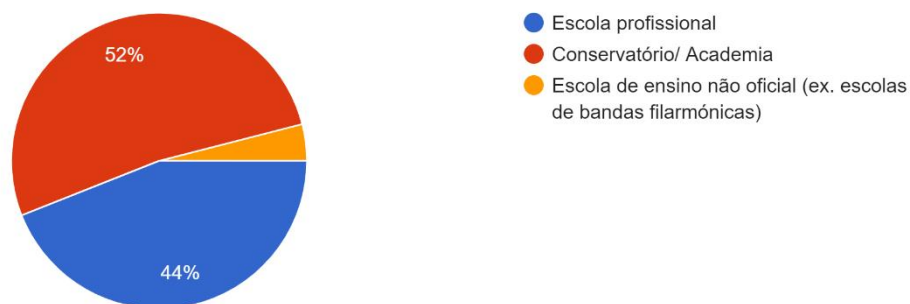
Há quantos anos tocas saxofone?
25 respostas



- 1 ano ou menos
- 2 a 3 anos
- 4 a 5 anos
- 6 a 7 anos
- 8 ou mais anos

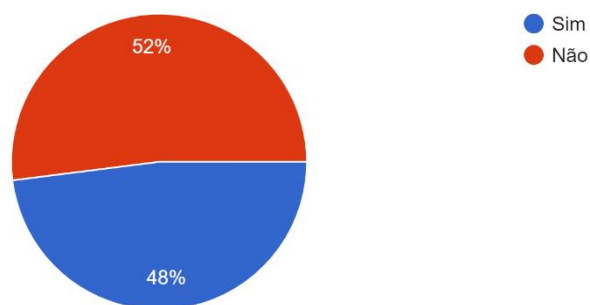
Qual o tipo de instituição que frequentas?

25 respostas



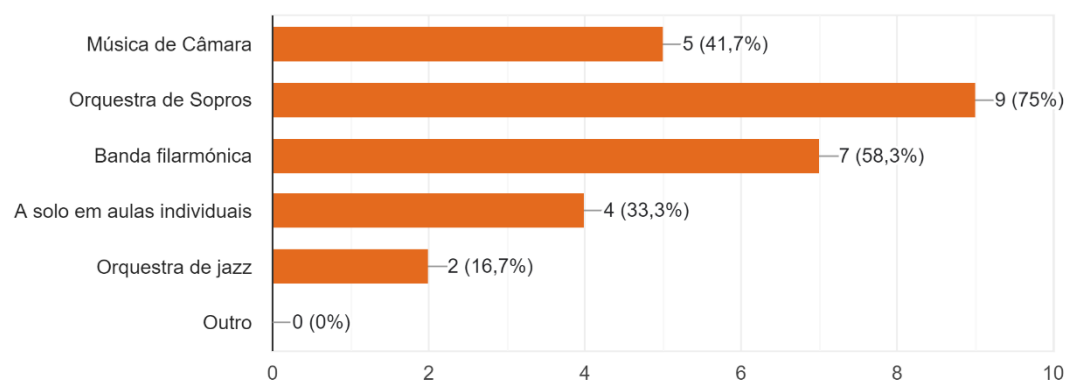
Costumas tocar saxofone tenor?

25 respostas



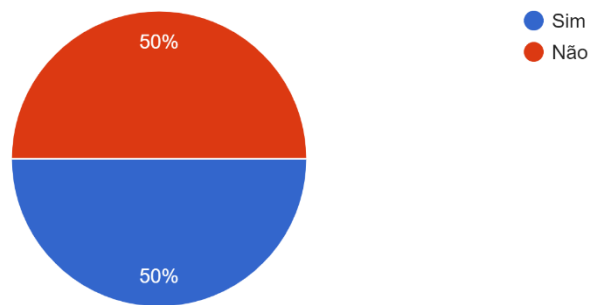
Se sim, em que contexto?

12 respostas



Já alguma vez tiveste aulas com um saxofone tenor?

12 respostas



Se sim, em que contexto?

6 respostas

Aula individual. Fantasia - D. Bedard

Repertório próprio para saxofone Tenor

Música de câmara//orquestra de sopros

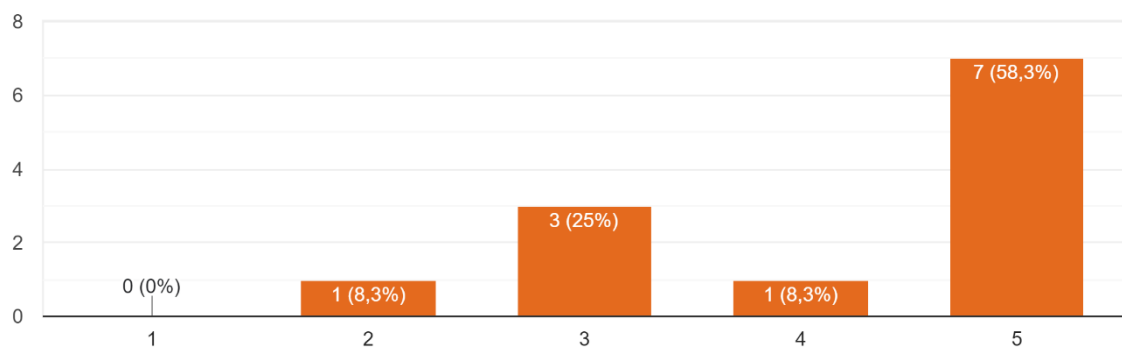
aula de instrumento e classe de conjunto

Aprendizagem de obras destinadas ao tenor

Quando comecei a aprender eu ainda não tinha um saxofone alto meu então eu tocava no tenor da filarmónica. Os dois primeiros anos no Orfeão foram assim

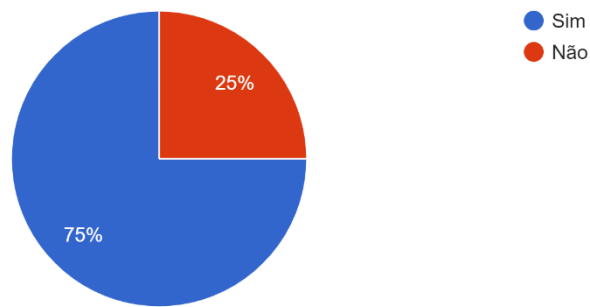
De 1 a 5 quanto gostas de tocar saxofone tenor?

12 respostas



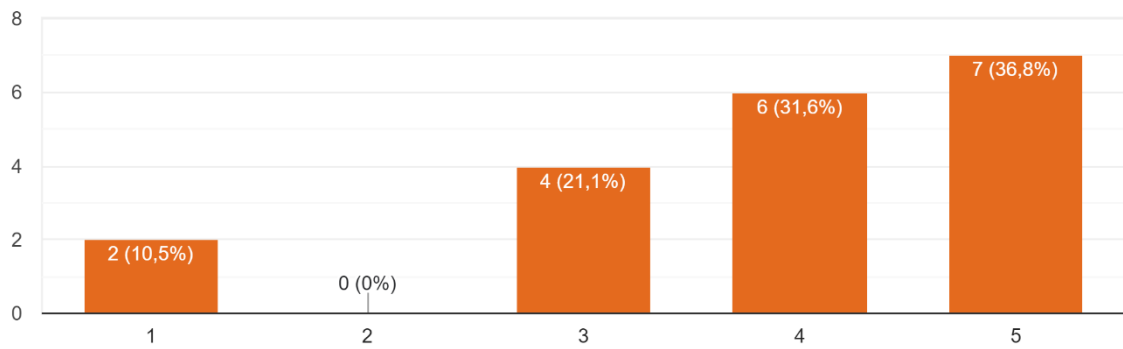
Gostavas de o poder tocar mais vezes?

12 respostas



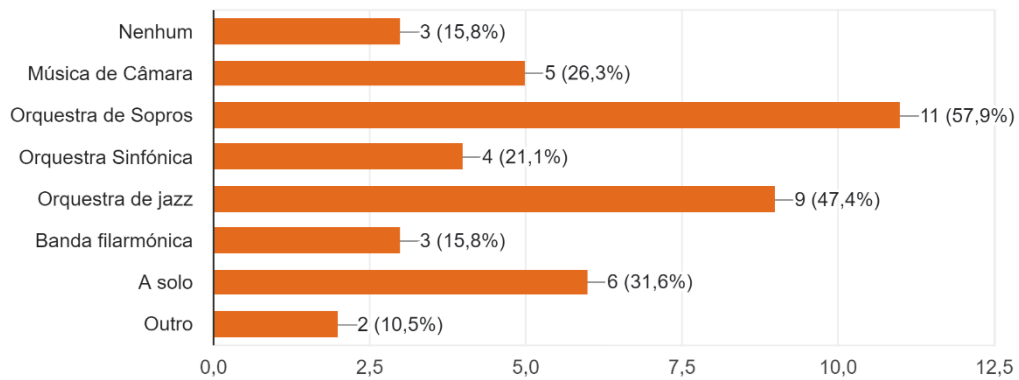
De 1 a 5 quanto gostavas de poder tocar saxofone tenor?

19 respostas



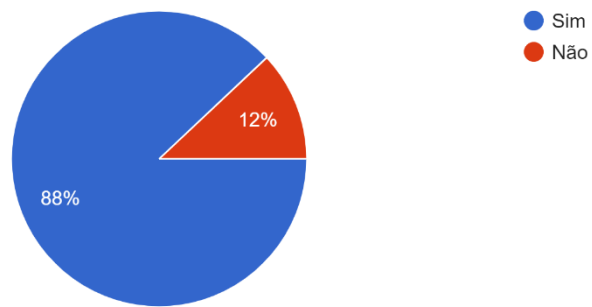
Em que contexto?

19 respostas



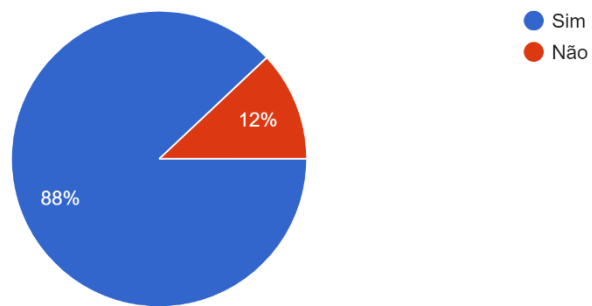
Conheces as diferenças entre o saxofone tenor e o saxofone alto?

25 respostas



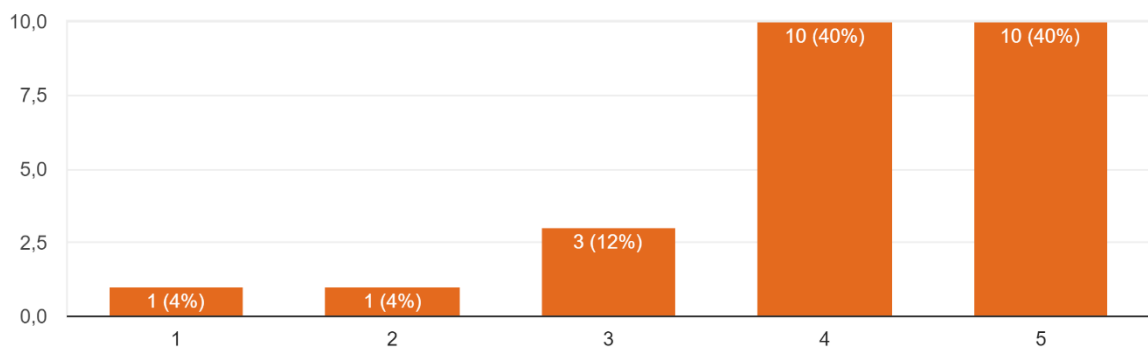
Achas importante tocar este instrumento?

25 respostas



Quão importante?

25 respostas



8.2 Guião da entrevista

Guião de Entrevista		
<p>Tema: A Inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música</p> <p>Objetivos: - Averiguar o estado do ensino do saxofone tenor nos diferentes níveis do ensino especializado da música em Portugal ao nível dos programas e das práticas pedagógicas.</p> <p>- Avaliar as vantagens e desvantagens da aprendizagem do saxofone tenor no percurso académico dos alunos.</p> <p>- Identificar repertório para saxofone tenor</p> <p>- Procurar perceber qual o estado do ensino do saxofone tenor noutros países.</p> <p>Entrevistado: João Pedro Silva</p>		
Domínios	Objetivos	Tópicos a questionar
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer pela participação. - Inteirar o entrevistado da finalidade da entrevista. - Introduzir o tema - Pedir autorização de gravação e perguntar se tem alguma questão antes de começar; 	
Aquecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Abordar o seu percurso 	
Ligação ao saxofone tenor	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a ligação do entrevistado ao saxofone tenor. - Perceber se teve formação neste instrumento e de que forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiro contacto com o saxofone tenor - Pontos de contacto entre formação académica musical e a aprendizagem deste instrumento. - Ligação profissional.

<p>Ensino do Saxofone Tenor</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Obter a opinião do entrevistado sobre o estado do ensino do saxofone tenor em Portugal e noutros países - Realizar uma comparação entre as realidades conhecidas pelo entrevistado. - Percecionar a opinião do entrevistado sobre a necessidade de ensinar/aprender saxofone tenor. - Aferir, segundo o entrevistado, em que ciclo de aprendizagem será mais proveitoso o ensino do saxofone tenor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização do ensino do saxofone tenor em Portugal - Caracterização do ensino do saxofone tenor noutros países. - Comparação entre as realidades abordadas. - Caracterizar o ensino do saxofone tenor. - Identificar as falhas no ensino deste instrumento - Procura de soluções para os problemas apresentados. - Enumerar vantagens do ensino do saxofone tenor. - Percecionar a melhor fase para aprender saxofone tenor e as suas razões.
<p>Mercado de trabalho</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Obter a opinião do entrevistado sobre a importância, a nível profissional, que este instrumento tem na vida de um saxofonista. - Compreender a posição do entrevistado sobre o mercado de trabalho que existe para este instrumento. -Que ofertas existem no mercado de trabalho para este instrumento? 	<ul style="list-style-type: none"> -Destacar as vantagens/desvantagens de tocar saxofone tenor no mercado profissional. -Perceber que oportunidades se ganham ou perdem ao saber tocar saxofone tenor. -Que ofertas existem no mercado de trabalho para este instrumento? Acha que melhorou ou não?

Reportório	<ul style="list-style-type: none"> - Registrar sugestões de repertório que o entrevistado pensa ser relevante para níveis de ensino específicos. - Aferir em que estado se encontra a produção de obras para saxofone tenor segundo o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar repertório. - Identificar influências artísticas. - Caracterizar a produção de obras para saxofone tenor. - Caracterizar o tipo de obras que são de destaque para este instrumento e para níveis específicos do ensino especializado.
Agradecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Perguntar se tem algo a acrescentar. -Agradecer a colaboração e o tempo dispensado na entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar a importância da colaboração.

8.3 Transcrição da entrevista ao Professor João Pedro Silva

- Boa dia, professor! Antes de mais, gostaria de lhe agradecer pela sua disponibilidade e participação nesta entrevista e perguntar-lhe se tenho a sua autorização para gravar a mesma?
- Como já lhe contei, estou a realizar o mestrado em ensino de música na Universidade do Minho e neste âmbito estou a estudar “A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do ensino especializado de música”. Iniciei a minha aprendizagem neste instrumento e ao longo da minha formação, sempre estive em contacto com o saxofone tenor. Por este motivo e por achar que este instrumento é o mais desacolhido (excluído) dos 4 instrumentos “principais” desta família, resolvi estudar mais sobre este instrumento que não é tema de muitos trabalhos escritos a nível nacional e mesmo mundial.
- Desta forma, gostava de começar esta entrevista perguntando-lhe qual a sua ligação com este instrumento? Quando foi a primeira vez que tocou saxofone tenor e que oportunidades teve ao longo da sua formação para estudar este instrumento?

- Olha, na realidade o saxofone tenor foi o meu primeiro saxofone. Contrariamente ao que normalmente acontece, ainda sou de uma geração onde, digamos, o percurso académico/ início da nossa aprendizagem musical não é bem a mesma realidade que acontece hoje, em que a maior parte dos alunos iniciam agora nas academias, nos conservatórios, apesar de haver ainda muita gente, e ainda bem, ligado às bandas. Na minha altura quem ia para o conservatório, para já eram poucos, e quem ia entrava no conservatório com uma idade que não era com seis anos, nem com sete, nem com doze, normalmente era mais tarde. Pronto, e a minha situação foi essa. Eu comecei na banda filarmónica aqui de Palmela, na humanitária, e comecei com o saxofone tenor. Portanto, só depois, passado na realidade pouco tempo quando fui estudar para a escola profissional de música de Almada, é que houve a necessidade, por indicação do meu professor, do Alberto Roque, que seria conveniente mudar para o alto como instrumento principal porque é lá que se centra, digamos, a bibliografia pedagógica do instrumento. Pronto, e depois troquei. Tive um tempo grande sem tocar saxofone tenor, mas, na realidade, sempre tive ali uma relação estreita com ele e depois, mais tarde quando tive oportunidade, adquiri um instrumento e comecei a trabalhar e a desenvolver mais o trabalho no saxofone tenor.

- Sendo o professor um saxofonista que se destaca bastante a nível nacional por tocar saxofone tenor, acha que é importante ensinar/ aprender este instrumento ao longo da nossa formação académica?

- Eu acho que sobretudo, hoje em dia, é muito importante dar-mos as ferramentas aos alunos e , principalmente, quando estamos a falar de alunos que têm pretensão em seguir os seus estudos e a sua vida académica e profissional na área da música com o saxofone, é preciso dar-lhes ferramentas para que eles sejam o mais capaz possível ou o mais versátil possível ao nível da abordagem técnica ao instrumento, ao nível da abordagem estética e estilística ao instrumento e, portanto, é nesse sentido eu acho que é muito importante no percurso académico e agora, não estou a falar tanto no ensino superior, estou a falar mais dentro do curso básico e secundário, portanto, dar-lhes oportunidade dos alunos poderem experienciar os outros instrumentos para além do saxofone alto, no sentido de perceberem as suas particularidades, perceberem as suas potencialidades, perceberem o gosto que eventualmente possam ter em especial por um ou por

outro, portanto, acho sim, acho que é muito importante e, normalmente, a partir aí mais ou menos dos doze anos, começo-lhes a dar, a gente faz música de câmara sempre como ensemble de saxofones, portanto, e a partir dessa altura começo a oferecer-lhes: - olha este ano vais tocar barítono ou este ano vais tocar tenor ou este ano vais tocar soprano, pronto para eles terem, de facto, essa experiência.

- Atualmente, na sua opinião, como acha que se encontra o ensino do saxofone tenor em Portugal?

- Eu tenho alguma dificuldade em responder, se calhar, de uma forma mais direta, não sei qual é a resposta propriamente que tu pretendes, ou se pretendes assim alguma em especial, mas, na realidade, quer dizer, eu encaro os outros saxofones, para além do saxofone alto, a nível pedagógico como disse, ou seja, como um complemento para que os alunos percebam que instrumento é que é. Na realidade, normalmente, no final do secundário falo. Depende sempre dos alunos, da preparação que eles tenham, também da motivação que eles tenham mas, normalmente, no sétimo grau, ou seja, no décimo primeiro ano, já percebi que instrumento é que eles estão mais inclinados, que instrumentos é que eles gostam mais, para além do saxofone alto e, normalmente, proponho haver uma espécie de, eu vou por entre aspas mesmo, porque eles estão no ensino secundário, mas é uma espécie de “especialização” (o entrevistado faz o gestos de aspas com os dedos), ou seja, que eles terminem o secundário, de facto, com uma relação mais estreita com outro saxofone, para além do saxofone alto. Normalmente, eu faço isto com todos os alunos, portanto, eles terminam no décimo segunda ano e, para além do saxofone alto, há um deles que, de facto, há uma afinidade já criada e uma relação criada. Eu não penso concretamente no saxofone tenor, alguns deles, por exemplo, este ano tenho dois alunos onde o saxofone tenor foi o instrumento que eu percebi que era aquele que eles se identificavam mais e gostavam mais e tiravam mais partido e, portanto, eles tocam tenor mas, tenho outro no barítono, tenho outro no soprano, portanto, não vejo isso como a questão do tenor, propriamente dita isoladamente mas mais como, de facto, essa questão de eles terem essa experiência de passar por todos e depois no final do secundário ir ver ali, ou seja, quando eles vão concorrer ao superior, terem já, entre aspas, um “segundo instrumento” com o qual se identificam e sabem fazer o que querem.

- E acha que existe vantagens, no caso, o professor fala sempre, não vou dizer quatro, mas nos três outros instrumentos principais da família, acha que há vantagens no ensino destes instrumentos, ou acha que deveria ser o saxofone alto o instrumento principal e os restantes se houver tempo, se os alunos demonstrarem mesmo muito interesse?

- Não Catarina, como tava a dizer, eu acho que é, de facto, muito importante, hoje em dia as escolas e os professores têm aqui uma responsabilidade aqui acrescida, porque os tempos são outros num é, cá em Portugal o desenvolvimento na área musical tem crescido, principalmente no ensino básico e secundário tem crescido muitos nos últimos anos e, portanto, há aqui uma responsabilidade das escolas e dos professores poderem munir e poderem ajudar os alunos, de facto, a estarem preparados para um tipo de desafios que não existia há, sei lá, na minha altura, há vinte e cinco anos atrás. Este tipo de desafios passa, de facto, por eles serem mais capazes, o mais cedo possível. Eu acho que é muito importante, de facto, esta experiência e esta relação estreita com os outros instrumentos, para além do saxofone alto. Cada vez mais, aquela ideia do saxofone clássico ou do músico até, de uma forma geral, tem uma abrangência muito mais, é um conceito muito mais aberto. O músico profissional deve ser capaz de entender e poder-se mover em muitos meios diferentes, portanto, eu acho que é super importante haver este há vontade e esta liberdade na relação com os outros saxofones, para além do saxofone alto. Acho que é muito limitador aquela ideia de alguém terminar o superior e não se sentir confortável para tocar noutro instrumento e normalmente dizem, não gosto tanto. Não é não gosto tanto, não se sente confortável, é só isso, num é? Portanto, eu acho que esse trabalho é, de facto, feito neste períodos, mais cedo, para quando forem para o superior, vão estar completamente livre para fazerem aquilo que realmente querem, sem esse constrangimento.

-Acha que existe algo que possamos fazer para melhorar, ou seja, para que estes instrumentos estejam mais presentes na aprendizagem dos alunos do ensino especializado de música?

- Eu acho que o principal veículo, eu pelos menos uso, eu uso a música de câmara como veículo para muita coisa e, mais uma vez, estamos a falar de alunos do básico e secundário. Portanto eu uso a música de câmara, porque as vezes o tempo de aula de instrumento individual é curto, é muito curto até para conseguirmos dar resposta aos conteúdos que temos de trabalhar com os alunos e então eu uso, normalmente, a música de câmara como ferramenta para fazer uma série de outras coisas que são importantes. Tanto na abordagem aos outros instrumento, como no trabalho de música de câmara, o trabalho de grupo, de perceber como é que é a lógica de grupo a nível musical. Portanto, não é eu ensinar-lhes é eles perceberem, porque estas coisas não se ensinam, eles é que têm de aprender, são coisas diferentes, num é? Sobre esta coisa da música de câmara, este respeito, a comunicação que existe na música de câmara. Utilizo como ferramenta para conhecerem outras realidades estilísticas, como improvisação, sei lá. Portanto, diria que é através da música de câmara que eu tento chegar estas valências aos alunos, nomeadamente, esta questão que me colocaste.

- Acredita que é relevante um saxofonista dominar o saxofone tenor, tendo em conta o mercado de trabalho existente?

- Sim! Vou ser um bocadinho redundante e acho que, hoje em dia, o mercado de trabalho é muito exigente. Portanto, um músico tem de estar realmente muito bem preparado. Este muito bem preparado, no nosso caso, passa por estarmos tranquilos e há vontade para abordar qualquer um dos saxofones, portanto, se não temos experiência, por exemplo, a trabalhar no tenor e se nos chama para fazer o *Romeu e Julieta* coma Orquestra da Casa da Música ou se nos chamam para fazer o *Bolero* de Ravel, que são basicamente aqueles compassos do solo, mas se não nos sentirmos confortáveis provavelmente ou não vamos aceitar, ou vamos aceitar a tremer ali como varas verdes e não vamos usufruir, nem desfrutar de nada daquilo que vamos fazer. Por outro lado, o saxofone tenor é um instrumento que é muito solicitado na área da música ligeira ou até do jazz, em orquestras de jazz e se alguém não tiver, de facto, minimamente confortável com o instrumento e agora também, neste caso, com outro tipo de linguagens, também vai acontecer a mesma coisa ou não vai aceitar ou vai aceitar e vai muito nervoso e, em alguns casos concretos, não vai conseguir cumprir com o que é suposto cumprir. Portanto, acho muito importante que a

malta nova pegue num instrumento qualquer e toque confortavelmente bem, que vá para diversas áreas estilísticas e se sinta minimamente confortável, mesmo não sendo, digamos, a “sua”, entre aspas. Portanto, sim, acho muito importante.

- Sendo o saxofone tenor um instrumento com pouco repertório em comparação com o saxofone alto, existe algum repertório, entre originais, transcrições, obras a solo, música de câmara ou em orquestra, que acredita ser imprescindível para este instrumento?

- Olha, relativamente à questão da bibliografia pedagógica, eu acho que, mesmo havendo pouco material, existe material. Acho que o mais importante, do ponto de vista do professor, ou pelo menos é o que eu faço, é tentar perceber como é que através da escolha do programa eu posso cumprir vários objetivos. Um dos objetivos é cumprir, digamos, o programa em si das escolas mas, simultaneamente, com esse programa proposto, eu posso conseguir passar a um aluno, para que ele perceba o que é que é o fraseado do século XIX, o que é que é o fraseado do século XVII, o que é que é uma abordagem mais jazzística ao instrumento, o que é que é uma abordagem de música mais contemporânea ao instrumento, portanto, eu tento sempre procurar muitas vezes até fora da música original, porque o meu principal objetivo com este programa, tento também sempre ir ao encontro do gosto do aluno, peço-lhe sugestões, como já o conheço sei o que vai gostar mais ou vai gostar menos, mas tento sempre ir ao encontro de um programa que lhe possa oferecer essa aprendizagem. Não me sinto limitado pelo repertório que existe, muito embora, já vá existindo muito repertório. É certo que, se sairmos do alto, aquela bibliografia pedagógica para anos mais iniciantes, até se calhar dentro do básico todo, é mais difícil encontrar uma variedade tão grande como existe no alto, num é, mas eu acho que se consegue. Eu, pelo menos, não sinto muita dificuldade, porque tento ir buscar um bocadinho de cada coisa e, portanto, as coisas acabam por funcionar. Mas sim, um bocadinho mais para a frente, no percurso académico dos alunos, talvez falando no secundário, mais para o final, depois começa a haver, de facto, aquele repertório, entre aspas, que é “obrigatório” e outros repertórios novos que existem que é interessante para os alunos e depende sempre dos alunos. Por exemplo, eu, há relativamente pouco tempo, fiz um trabalho discográfico só dedicado ao saxofone tenor. Parte daquele repertório foi pensado para o disco, há uma peça que foi escrita só para o disco e eu

percebo, os alunos ouvem os discos e dizem, professor gostava de tocar aquilo, às vezes, sei lá, são desafios muitos grandes, mas os alunos acabam por usar todos esses recursos e mesmo às vezes, quando a perna não é tão grande como o passo que têm de dar, existe essa vontade de fazer isso. Portanto, eu não me sinto limitado por isso, pelo repertório existente.

-Quais foram as obras que mais o marcaram ao longo do seu percurso enquanto saxofonista e que gostaria de recomendar a qualquer saxofonista?

- No saxofone tenor?

-Sim!

-No saxofone tenor eu acho que há sempre aquela, digamos, que é, entre aspas, “obrigatória” que é a *Fantasia* de Villa Lobos. Pelo menos, para mim, é uma das peças mais importantes do nosso repertório, mais bonita e mais bem conseguida e que eu acho que para quem está no tenor é realmente muito importante passar ela. Mas depois pedagogicamente e falando aqui mais num âmbito de secundário, para aqueles alunos que pretendem prosseguir os estudos, há repertório que é, de facto, muito importante. Por exemplo, há algum repertório para saxofone solo que eu costumo usar para trabalhar e abordar a linguagem mais moderna, o que a gente chama de música contemporânea, como por exemplo, tive agora um aluno que terminou que esteve a fazer a peça a solo do Phillippe Hurel, portanto, é uma linguagem totalmente distinta e específica ou, por exemplo, é uma peça que eu também gosto de dar aos alunos para podermos trabalhar a nível da articulação, a nível de abordagem estilística, se calhar, mais próxima do jazz, mas sendo repertório escrito para nós, a peça do Cockcroft, *Beat me* para saxofone tenor solo ou *Grab it!* de Jacob TV, que acho que é uma peça espetacular, até porque o *Grab it!* faz referência a uma série de saxofonistas tenor que são lendas do instrumento, cada um numa área um bocadinho diferente e normalmente os alunos, mesmo que seja aquela malta que toca muito, a gente chega ali fala sobre aqueles nomes e ficam a olhar. Portanto, é uma oportunidade muito boa para ir conhecer,

saber o que é o sonny rolling ou perceber o que é o som, a abordagem deles e, através disso, poder trabalhar com eles uma série de questões. O Villa-Lobos dentro de um âmbito um bocadinho mais clássico, portanto, há sempre aqui, quando se tem alguém que escolhe o tenor, tenho sempre aqui um leque de repertório que tento encaminhar para eles, para que, de facto, através do instrumento possam ter essa abrangência. Depois, claro, o Andy Scott tem uma coleção muito interessante de música para saxofone tenor, agora, obrigatório, obrigatório como tu disseste eu acho que se tiver de mencionar uma o Villa Lobos é uma peça que temos de conhecer.

- Ao longo da sua jornada tem colaborado com diversos compositores na criação de novo repertório para saxofone tenor não só. Como considera a produção de obras para Saxofone Tenor? Acha que tem existido uma afinidade maior dos compositores com este instrumento?

-Eu acho que estas colaborações artísticas entre compositor – intérprete passam, de facto, pela nomenclatura que acabei de dizer, colaborações artísticas entre compositor – intérprete e a partir daí as coisas surgem, ou seja, hoje em dia não vejo com muita regularidade haver um ato deliberado, involuntário de um compositor e agora estou a falar fora do âmbito académico porque, pronto uma coisa é a composição que acontece dentro do âmbito académico, outra coisa é a composição que acontece fora do âmbito académico. Portanto, fora do âmbito académico não vejo muito aquela ideia de o compositor escreveu uma peça para saxofone tenor e orquestra. Não, o compositor está a fazer um trabalho de colaboração artística com um músico e daí saiu uma peça para saxofone tenor e orquestra, portanto, normalmente, estes repertórios que surgem, surgem desta colaboração e depois a partir desta colaboração eu próprio, por exemplo, fiz agora em abril uma estreia de uma série de obras para saxofone e orquestra que vai editado agora num disco no final do ano, de música portuguesa para saxofone e orquestra. Vai ter uma obra do Luís Tinoco que eu estreei há um ano e meio e depois vão ter estas três que estreei agora, é um concerto ao vivo, portanto, é com a gravação do que aconteceu no concerto e uma das peças é para saxofone tenor, a peça do Daniel Bernardes, um concerto para saxofone tenor, piano e orquestra. Abordei o Daniel e disse-lhe, olha Daniel estou a desenvolver este projeto, isto já foi há três ou quatro ano, e gostava muito que fizesses parte e integrasses este leque de compositores e gostava que fosse

para saxofone tenor. foi uma sugestão minha. E depois ele disse, se tu vais tocar eu também quero tocar contigo, por isso vou fazer uma coisa para saxofone tenor, piano e orquestra. Melhor ainda! Portanto, as coisas acabam por nascer e acontecer naturalmente a partir daqui e não vejo tanto aquela ideia. Não quer dizer que não haja um compositor que escreveu um concerto para saxofone e orquestra ou de escrever uma peça para saxofone e piano ou saxofone e orquestra, neste caso. Pronto, olha está aqui, quem é que quer? Não, normalmente vem desta colaboração, num consórcio para encomenda de uma peça, portanto, a base está sempre aqui e, normalmente, nestas manifestações de colaborações ou dos consórcios ou das encomendas acaba por haver, às vezes, um repto, gostava que fosse para aquele, gostava que fosse para aquele instrumento. Eu, normalmente, neste trabalho que faço colaboração com os compositores faço questão de fazer a coisa mais a bem possível, não faço referência ao instrumento que é, nem às referências musicais que gostava que houvessem, simplesmente, os compositores perguntam, mas gostavas de algumas coisa em específico, não gostava nada, gostava que tu te sentasses e que escrevesse aquilo que conheces e, portanto, os compositores não escrevem de acordo com as referências que, eventualmente, eu dei, mas escrevem de acordo com a relação que existe comigo e com o conhecimento que eles têm de mim. Portanto, acaba por surgir material às vezes mais idiomático, não do ponto de vista do saxofone, mas do ponto de vista do intérprete e para mim isso é muito mais interessante.

- Estamos a chegar ao fim e, desta forma, não sei se tem algo mais a acrescentar?

-Não, relativamente ao teu mote é o saxofone tenor e desculpa-me Catarina tu tiveste aqui a fazer um esforço enorme para empurrar-me para o saxofone tenor, e eu não estive a fazer um esforço para sair, mas, de facto, percebes, sinto que ele faz parte de algo que eu normalmente tento oferecer aos alunos, mas que faz parte de algo que é mais que o saxofone tenor. Mas pronto, acho que é um instrumento incrível, acho que é um instrumento que tem particularidades muito específicas, portanto, é muito importante, de facto, os alunos, para um destes instrumentos, terem a oportunidade, não ser só aquela coisa de dar umas notinhas, mas começar por aí na música de câmara e depois poderem aprofundar e trabalhar e perceber as especificidades de cada instrumento, porque são muito diferentes, num é. Pelo menos comigo, isto é um processo de

muitos anos, eu confesso que para mim cada um dos instrumentos é um instrumento diferente, ou seja, eu lembro-me que na altura, quando comecei a passar e havia projetos em que tinha os três saxofones para tocar, aquilo era e agora a boca e ar e isto é diferente e demorava ali um bocadinho a arrancar sempre e, na verdade, o que eu acredito hoje em dia é uma coisa um bocadinho diferente. Embora eu perceba que o meu som acaba por ser um bocadinho transversal em todos os saxofones, é o meu som, mas não é o meu som de alto que é igual ao meu som de tenor. portanto, eu tenho o meu som de alto e o meu som de tenor e o meu som de tenor não é igual ao meu som de alto, cada um dos instrumentos é um instrumento diferente. Eu sopro de maneira diferente e coloco de maneira diferente. É como tocar uma flauta, um oboé, um trombone e nesse sentido é muito importante esta ideia da abordagem aos outros instrumentos, nomeadamente no tenor e, portanto, é muito importante este trabalho que estas a fazer no sentido de despertar também a atenção a este facto. Pronto e de resto não sei (risos).

- Uma vez mais, obrigada pela sua colaboração e testemunho e obrigada por partilhar a sua opinião comigo e dispensar o seu tempo para debatermos sobre este assunto.

-Ora essa, foi um prazer. Desejo-te muitas felicidades no teu final de percurso académico. Final, que pode não ser final, num é. Muitas felicidades para o teu futuro profissional e espero encontrar por aí.

-Obrigada e até à próxima!

8.4 Registo do “Diário de motivação e interesse ao tocar saxofone tenor”

8.4.1 *Aluno B*

DIÁRIO DE MOTIVAÇÃO E INTERESSE AO TOCAR SAXOFONE TENOR

Este diário de motivação e interesse, tem como objetivo perceber se existe uma evolução significativa do teu interesse pelo saxofone tenor, ou não e compreender quais os motivos que te levaram até esse fim. Desta forma, pedia que respondesses a estas questões sempre que estudes saxofone tenor ou tenhas aulas com este instrumento e, no fim de cada estudo, faças uma pequena reflexão sobre o estudo/aula, como achas que correu e se algo podia ter corrido melhor, por exemplo.

<u>Dia:</u> 16/02	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Nem sempre.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.
3. O que estudaste mais?
Tale Of a Sunken Past
4. Como é que foi o teu estudo?
Produtivo.
5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Na altura de conseguir os harmónicos e dos flats.
6. E as facilidades?
O resto da peça.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim, era algo diferente o que me chamava á atenção.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Nem sempre.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

A embocadura e o ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

O ar que precisava de gastar a mais do que o normal e da embocadura não estar sempre como era suposto estar.

Observações: Podia me ter esforçado um pouco mais.

<u>Dia:</u> 18/02	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 14:30	<u>Hora de fim:</u> 20:30

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Nem sempre.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past e músicas da orquestra.

4. Como é que foi o teu estudo?

Produtivo.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Embocadura e ar.

6. E as facilidades
Leitura.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Nem sempre.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
Embocadura e ar.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Cada vez tinha menos.

Observações: Um estudo muito produtivo.

<u>Dia:</u> 23/02	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Nem sempre.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.
3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Embocadura e ar mas cada vez tinha menos.

6. E as facilidades?

Leitura.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Não.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Nem sempre.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Ar e embocadura.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Cada vez menos.

Observações: Uma aula produtiva.

<u>Dia:</u> 02/03	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Nem sempre.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Harmónicos.

6. E as facilidades?

Leitura.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Não.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Nem sempre.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Ar e embocadura.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Já estava habituado ao instrumento.

Observações: Aula produtiva.

<u>Dia:</u> 09/03	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Nem sempre.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.
3. O que estudaste mais?
Tale Of a Sunken Past.
4. Como é que foi o teu estudo?
Bom.
5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Embocadura e ar.
6. E as facilidades?
Leitura.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Não.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Embocadura e ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Já tava habituado ao instrumento.

Observações: Aula produtiva

<u>Dia:</u> 16/03	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Não.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades

Harmónicos.

6. E as facilidades?

Leitura.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Não.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
Embocadura e ar.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Já estava habituado ao instrumento.

Observações: Aula produtiva

<u>Dia:</u> 05/04	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone
Não.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.
3. O que estudaste mais?
Tale Of a Sunken Past.
4. Como é que foi o teu estudo?
Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Harmónicos.
6. E as facilidades?
Leitura e encontrar-me com a eletrónica.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Não.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
Embocadura e ar.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Já estava habituado ao instrumento.

Observações: Aula produtiva.

<u>Dia:</u> 12/04	<u>Local:</u> Escola Secundária Lousada
<u>Hora de início:</u> 20:30	<u>Hora de fim:</u> 22:30

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Não.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Peças orquestra.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Na orquestra nenhum.

6. E as facilidades?

Tudo basicamente.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Não.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Não.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Embocadura e ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Já estava habituada ao instrumento.

Observações: Um bom concerto.

<u>Dia:</u> 11:05	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Não.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Como já não tocava a muito tenor foi a embocadura ar harmónicos e conectar me com o peça.

6. E as facilidades?

As notas.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Não.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Não.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Embocadura e ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Como já não tocava há muito tenor foi difícil encontrar.

Observações: Já me tinha esquecido de tudo praticamente, mas com a ajuda das professoras Helena e Catarina ficou mais fácil e com a dica de usar o telemóvel como cronómetro ajudou muito.

<u>Dia:</u> 18/05	<u>Local:</u> Conservatório
<u>Hora de início:</u> 10:30	<u>Hora de fim:</u> 11:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Não.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Todos os saxofones por semana estudo umas 10 horas sem contar com aulas, com saxofone tenor umas 3.

3. O que estudaste mais?

Tale Of a Sunken Past.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

O ar.

6. E as facilidades?

Leitura.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Não.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Não.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
O ar e embocadura.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Depois habituei-me de novo.

Observações: Apresentação da obra ao professor Luís em que o mesmo me deu algumas dicas para tirar os harmónicos mais facilmente.

8.4.2 *Aluno D*

DIÁRIO DE MOTIVAÇÃO E INTERESSE AO TOCAR SAXOFONE TENOR

Este diário de motivação e interesse, tem como objetivo perceber se existe uma evolução significativa do teu interesse pelo saxofone tenor, ou não e compreender quais os motivos que te levaram até esse fim. Desta forma, pedia que respondesses a estas questões sempre que estudes saxofone tenor ou tenhas aulas com este instrumento e, no fim de cada estudo, faças uma pequena reflexão sobre o estudo/aula, como achas que correu e se algo podia ter corrido melhor, por exemplo.

<u>Dia:</u> 01-03-2022	<u>Local:</u> Casa
<u>Hora de início:</u> 17:00	<u>Hora de fim:</u> 19:00

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Sim.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Estudei 3 dias.

3. O que estudaste mais?

A Peça para saxofone Tenor.

4. Como é que foi o teu estudo?

Cansativo, mas compensador.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Embocadura.

6. E as facilidades?

Articulação.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Sim.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Adoro.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone

Sim.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

A movimentação dos dedos e o controlo da embocadura.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 26-04-2022	<u>Local:</u> Casa
<u>Hora de início:</u> 17:00	<u>Hora de fim:</u> 19:00

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Sim.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Estudei 2 dias.
3. O que estudaste mais?
Lamento para saxofone tenor e piano.
4. Como é que foi o teu estudo?
Bom.
5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Embocadura.
6. E as facilidades?
Articulação.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Sim.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Sim.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Direção e suporte do ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 02-05-2022	<u>Local:</u> Conservatório (orquestra)
<u>Hora de início:</u> 18:45	<u>Hora de fim:</u> 20:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Sim.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Estudei 2 dias.

3. O que estudaste mais?

Peça para saxofone tenor e piano e as obras de orquestra.

4. Como é que foi o teu estudo?

Bom.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Manter o tempo.

6. E as facilidades?

Articulação.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Sim.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Sim.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Mais ar e menos força na embocadura.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 03-05-2022	<u>Local:</u> Casa
<u>Hora de início:</u> 18:30	<u>Hora de fim:</u> 19:30

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Sim.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?

Estudei 4 dias.

3. O que estudaste mais?

Lamento para saxofone tenor e piano e estudo N° 1.

4. Como é que foi o teu estudo?

Produtivo.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

Pulsação e direção do ar.

6. E as facilidades?
Leitura das notas.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Sim.
8. Gostas do reportório que estas a tocar?
Sim, muito.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Sim.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
Embocadura, direção do ar e a nível postural.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 09-05-2022 e 10-05-2022	<u>Local:</u> Casa
<u>Hora de início:</u> 17:00	<u>Hora de fim:</u> 19:00

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Sim.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Estudei 3 dias.
3. O que estudaste mais?
Estudo N° 1, a peça Ballets du Rois e o Lamento para saxofone tenor e piano.

4. Como é que foi o teu estudo?

Cansativo.

5. Quais as tuas maiores dificuldades?

As mudanças entre os compassos compostos e simples.

6. E as facilidades?

Embocadura.

7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?

Sim.

8. Gostas do repertório que estas a tocar?

Sim.

9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?

Sim.

10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Tenho de soprar mais e não posso fazer tanta força na embocadura.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 24-05-2022	<u>Local:</u> Casa
<u>Hora de início:</u> 15:00	<u>Hora de fim:</u> 16:30

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?

Sim.

2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Estudei 3 dias.
3. O que estudaste mais?
Lamento para saxofone tenor.
4. Como é que foi o teu estudo?
Produtivo.
5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Manter o tempo nas sextinas e nas mudanças de compassos simples e compostos.
6. E as facilidades?
Articulação.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Sim, muito.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Sim.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?
Mais ar e menos força na embocadura.
11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?
Não.

Observações:

<u>Dia:</u> 26-05-2022	<u>Local:</u> Conservatório (orquestra)
<u>Hora de início:</u> 18:45	<u>Hora de fim:</u> 20:15

1. Dedicas mais tempo ao estudo do saxofone?
Sim.
2. Quanto tempo estudaste esta semana?
Estudei 4 dias.
3. O que estudaste mais?
Lamento para saxofone tenor e piano e as peças de orquestra.
4. Como é que foi o teu estudo?
Cansativo, mas bom.
5. Quais as tuas maiores dificuldades?
Afinação com os restantes instrumentos da orquestra.
6. E as facilidades?
Notas e ritmo das obras de orquestra.
7. Gostas mais de tocar saxofone tenor?
Sim.
8. Gostas do repertório que estas a tocar?
Sim.
9. Sentes-te mais motivado para estudar saxofone?
Sim.
10. Quais as diferenças que sentes ao tocar saxofone tenor?

Embocadura e mais ar.

11. Tiveste algum tipo de dificuldade de adaptação? Se sim, qual?

Não.

Observações:

8.5 Declarações



Declaração

(Para efeitos de autorização e identificação)

Nos termos previstos no Despacho VRT – LL 07/2020 da Universidade do Minho, declara-se que a estagiária Ana Catarina Leal Pedrosa está autorizada a identificar o professor Luís Manuel Azevedo Pereira no âmbito do seu relatório de estágio, por tempo indeterminado, em portal de acesso aberto. Não se poderá aplicar o direito ao apagamento dos dados pessoais, pois os trabalhos não poderão ser alterados, nem a sua publicação terminada.

Lousada, 27 de junho de 2022

O professor,

Luís Manuel Azevedo Pereira



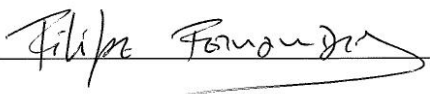
Declaração

(Para efeitos de autorização e identificação)

Nos termos previstos no Despacho VRT – LL 07/2020 da Universidade do Minho, declara-se que a estagiária Ana Catarina Leal Pedrosa está autorizada a identificar o professor Filipe Manuel Ribeiro Fernandes no âmbito do seu relatório de estágio, por tempo indeterminado, em portal de acesso aberto. Não se poderá aplicar o direito ao apagamento dos dados pessoais, pois os trabalhos não poderão ser alterados, nem a sua publicação terminada.

Lousada, 27 de junho de 2022

O professor,





Universidade do Minho
Instituto de Educação



Conservatório do Vale do Sousa
Associação de Cultura Musical de Lousada

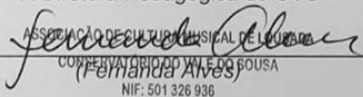
DECLARAÇÃO

(Para efeitos de autorização de identificação)

De acordo com os termos previstos no nº 1, alínea a) do Despacho VRT-LL-07/2020 da Universidade do Minho, declara-se que a estagiária Ana Catarina Leal Pedrosa está autorizada a identificar o Conservatório do Vale do Sousa, no âmbito do seu relatório de estágio e por tempo indeterminado, salvaguardando o anonimato dos alunos intervenientes.

Lousada, 25 de maio de 2022

A Diretora Pedagógica do CVS


ASSOCIAÇÃO DE CULTURA MUSICAL DE LOUSADA
CONSERVATÓRIO DO VALE DO SOUSA
(Fernanda Alves)
NIF: 501 326 936

Projeto Educativo: A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

O presente projeto, integrado no Mestrado em Ensino de Música da Universidade do Minho e realizado sob a orientação do Professor Doutor Vitor Matos e coorientação do Professor Luis Ribeiro, tem como temática a inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música.

O período de investigação e recolha de dados será correspondente a cerca de quatro meses. Como parte integrante deste projeto venho requerer a V.ª Ex.ª a colaboração do seu educando através do preenchimento de um diário de motivação e interesse ao tocar Saxofone Tenor. Este tem como foco os seus momentos de estudo e todos os momentos de aula com este instrumento, quer comigo quer com o professor da disciplina ou de classe de conjunto. Neste mesmo projeto a identidade do seu educando permanecerá no anonimato e, simultaneamente, é garantida a liberdade de retirada de consentimento pelos membros participantes no estudo. Os dados recolhidos serão analisados por mim e pelos orientador e coorientador de mestrado, não tendo estes acesso à identidade do seu educando.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Catarina Leal Pedrosa

Ana Catarina Leal Pedrosa

Autoriza que o seu educando participe no projeto referido acima? SIM NÃO

Ana Lúcia de Oliveira Cruz Nunes
(Assinatura)

Projeto Educativo: A inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

O presente projeto, integrado no Mestrado em Ensino de Música da Universidade do Minho e realizado sob a orientação do Professor Doutor Vitor Matos e coorientação do Professor Luis Ribeiro, tem como temática a inserção do Saxofone Tenor no 3º ciclo e ensino secundário em escolas do Ensino Artístico Especializado de Música.

O período de investigação e recolha de dados será correspondente a cerca de quatro meses. Como parte integrante deste projeto venho requerer a V.ª Ex.ª a colaboração do seu educando através do preenchimento de um diário de motivação e interesse ao tocar Saxofone Tenor. Este tem como foco os seus momentos de estudo e todos os momentos de aula com este instrumento, quer comigo quer com o professor da disciplina ou de classe de conjunto. Neste mesmo projeto a identidade do seu educando permanecerá no anonimato e, simultaneamente, é garantida a liberdade de retirada de consentimento pelos membros participantes no estudo. Os dados recolhidos serão analisados por mim e pelos orientador e coorientador de mestrado, não tendo estes acesso à identidade do seu educando.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Catarina Leal Pedrosa

Ana Catarina Leal Pedrosa

Autoriza que o seu educando participe no projeto referido acima? SIM NÃO

Domingos José de Sousa Pereira

(Assinatura)

Declaração

Eu João Pedro Pacheco da Silva declaro que tenho conhecimento do Despacho VRT-LL – 07/2020, de que os dados da entrevista concedida a Ana Catarina Leal Pedrosa serão publicados sem termo, em portal de acesso aberto e de que não se poderá aplicar o direito ao apagamento dos dados pessoais pois os trabalhos não poderão ser alterados, nem a sua publicação terminada em nenhum momento.

Julho 2022

